

FERNANDA SANTANA

PODE UM CORAÇÃO PROFUNDAMENTE MACHUCADO
DAR UMA NOVA CHANCE AO AMOR?



*de volta
para mim*



*de volta
para mim*

DE VOLTA PARA MIM

Copyright© 2018 – Fernanda Santana

Todos os direitos reservados.

Direitos reservados à autora dessa obra.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou qualquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa e projeto gráfico: Anderson Marins e Michelle Mariani

Revisão: Rebecca Pessoa

Dedico esse livro ao avô mais carinhoso que já conheci.
Espero que, de onde estiver, se sinta orgulhoso de mim.

Eternas saudades, vô João!

*“O amor é paciente, o amor é bondoso.
Não sente inveja, não se vangloria, não se orgulha.
Não maltrata, não procura seus interesses,
não se ira facilmente, não guarda rancor.
O amor não se alegra com a injustiça,
mas se alegra com a verdade.
Tudo sofre, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.”*

1 Coríntios 13:4-7

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Siga Fernanda Santana](#)

Prólogo

André

— Aonde você pensa que vai? Ainda não terminamos a nossa conversa.

Respiro fundo para não perder a cabeça e lanço um olhar duro para minha esposa.

— Vou dar uma volta. Não tenho mais nada para falar com você.

Viro as costas e bato a porta do nosso apartamento com tanta força que não sei como ela não se quebrou.

Preciso sair daqui agora. Bufo pelo corredor esfregando a cabeça com as mãos, andando de um lado para o outro. Não lembro a última vez que tivemos uma discussão tão séria assim e eu não quero ficar em casa para tornar as coisas ainda piores.

A fúria que subiu pelo meu corpo foi algo novo para mim e eu preferi sair antes que fizesse algo do qual me arrependeria depois.

Passo pelo elevador e vejo que ele está no último andar, então decido descer pelas escadas. Paciência é algo que eu definitivamente não tenho agora para ficar parado esperando por alguma coisa.

Desço os degraus de dois em dois enquanto visto minha jaqueta de couro novamente.

Preciso dar uma volta de moto para tentar relaxar um pouco. Estou puto da vida. Eu juro que não entendo porque as mulheres tem que ser tão difíceis. Porra! Eu faço tudo para ela. Dou tudo que ela precisa. Por que nunca é o

suficiente? Por que elas sempre têm que exigir mais? Que merda!

Termino de descer a escada e caminho a passos largos pela garagem até chegar à nossa vaga. Chego perto da minha *Harley* e respiro fundo; essa gracinha sabe me acalmar como ninguém.

Tiro o capacete do retrovisor e encaixo na minha cabeça. Pego as luvas dentro do meu bolso e as visto. Monto na minha moto e tiro o descanso, já me preparando para sair. Ligo a moto e o ronco dela é como música para os meus ouvidos. Respiro fundo, engato a primeira e ela entra em movimento. Dou a volta pelo carro da Cris e logo estou saindo pela garagem.

Pisco o farol para o portão que já se abre, e quando percebo já estou na rua; o vento batendo contra o meu corpo em conjunto com o som emitido pela minha moto aumentam o nível de adrenalina na mesma hora.

Aumento a velocidade. Não sou de correr muito, pois gosto de apreciar cada segundo que passo sobre duas rodas, mas hoje é diferente. Preciso aumentar minha adrenalina para ver se eu consigo relaxar um pouco, ou pelo menos diminuir a fúria que toma conta de mim.

Corto as ruas da cidade a pleno vapor, e a cada acelerada, o ronco que minha *Harley* emite me motiva ainda mais. Eu não tenho um destino, apenas deixo ela me guiar; estou indo para lugar nenhum, pois tudo que me importa agora é o tempo que estou passando em cima dela, e não aonde vou chegar.

Já têm uns quinze minutos que estou pilotando, quando decido virar à direita e descer um morro. Ao final dele, paro em um semáforo. Acabou de fechar, então sou o primeiro da fila.

Levanto a viseira do capacete e deixo o vento soprar em meu rosto. Inspiro o ar frio que vem de fora e sinto meu corpo estremecer. Olho pelo retrovisor e vejo uma fila de carros se formando atrás de mim.

O tempo que espero para o sinal abrir é o tempo que faço um resumo

mental de tudo que aconteceu hoje. Aos poucos a fúria vai diminuindo e dando lugar apenas à raiva: raiva da minha mulher e da sua ingratidão. É exatamente isso que ela é, uma ingrata.

Minhas mãos estão suando dentro da luva e eu vejo que preciso fazer uma parada. Assim que o sinal abrir, vou procurar um lugar para me sentar e tomar uma cerveja bem gelada, e só aí pensar no que vou fazer agora, porque voltar para casa hoje está fora de cogitação.

O sinal de pedestres começa a piscar e eu já sei que o meu sinal vai abrir. Tiro o pé do chão, engato a primeira e arranco com a moto.

Quando ela começa a pegar velocidade para atravessar o cruzamento, sinto o impacto forte de um carro me atingindo pela esquerda. Eu estava tão distraído que nem percebi que tinha um veículo vindo em minha direção.

Não tenho tempo de reagir, quando vejo minha moto já está no chão e estou sendo arremessado para longe.

Colido com o poste e bato a cabeça no chão. Não consigo me levantar, sinto uma dor alucinante nas pernas e a minha cabeça está girando. Eu tento falar, mas a minha voz não sai. Estou paralisado. Meu corpo não reage a nenhum dos meus comandos.

Ouçó barulhos e vozes ao meu redor, pessoas surgem no meu campo de visão e parecem estar me perguntando alguma coisa que não consigo entender.

Está tudo girando, a minha visão começa a embaçar até que tudo vira um borrão e então...

Capítulo 1

Cristina

Tiro o telefone do gancho e disco para a recepção chamando Karina para vir até a minha sala. Minha recepcionista nova está trabalhando comigo há pouco mais de um mês e chegou durante uma fase bastante turbulenta do escritório.

Há cerca de quatro anos eu comecei uma nova fase da minha carreira, abrindo meu próprio escritório de arquitetura. Depois de trabalhar alguns anos em outros escritórios e adquirir experiência, eu resolvi me arriscar; não me arrependo nem um pouco. O começo não foi fácil, passei por vários apertos e nem sei o que seria de mim se não tivesse o apoio do André desde o início.

O caminho é longo, mas vale a pena cada esforço, pois o reconhecimento profissional é algo imensurável. O difícil, na verdade, é sempre dar o primeiro passo; e agora, quatro anos depois, eu decidi aumentar meu ambiente de trabalho.

A sala ao lado da minha no Edifício Fênix desocupou há alguns meses e eu fiz um acordo com os proprietários dos dois imóveis para expandir o espaço.

No início era tudo um sonho. Projetei o escritório do jeito que eu sempre quis: uma recepção ampla contendo uma mesa alta onde a Karina trabalha, poltronas confortáveis e um aparador para café e biscoitos. Na

parede atrás da mesa há uma televisão de 40 polegadas que transmite gravações de shows históricos em um som bem abaixo do ambiente.

Após a recepção tem a minha sala, com móveis de madeira de demolição e minha estação de trabalho, e bem no centro uma pequena mesa para reuniões curtas. A parede lateral é toda de vidro, dando uma bela visão da cidade, e persianas do chão ao teto dão o toque final.

Ao lado temos uma cozinha pequena, mas aconchegante, composta por uma bancada de mármore com duas banquetas altas e uma pia na parede oposta, com armários embaixo. Geladeira, fogão e micro-ondas também compõem o ambiente. Preparei de forma tal que atenda aos cafés ou almoços quando eu não puder sair do trabalho.

Entre a cozinha e a sala de reuniões tem o banheiro social. Completando o ambiente, a sala de reuniões com uma mesa grande ao centro, com várias cadeiras estofadas. O ambiente é climatizado e possui projetor para ser utilizado em reunião com clientes maiores.

Projetei tudo de forma que ficasse o mais organizado e confortável para os meus clientes, bem diferente da sala pequena em que eu os atendia antes. Mas a reforma ainda não acabou; pela nossa previsão vai acabar em aproximadamente dez dias, e eu acredito que vamos conseguir cumprir esse prazo, pois paguei um preço mais alto pela agilidade no serviço, uma vez que a data do coquetel de reinauguração está chegando.

Por mais que eu tenha planejado tudo com antecedência, fazendo orçamentos e planilhas para controle de tudo, essa brincadeira saiu mais cara do que eu imaginava, principalmente o quesito mão de obra; mesmo que eu tenha feito minhas economias e um empréstimo, ainda precisei recorrer ao meu marido.

André é advogado tributário e sócio do maior escritório de advocacia

da cidade. Ele, ao contrário de mim, tem uma carreira sólida e a vida financeira estável. Isso me dá certo conforto pois sei que não estou desamparada, mas não quero precisar contar sempre com ele, então ainda vou batalhar muito para ter a mesma estabilidade profissional que ele.

Ele me emprestou o dinheiro que faltava para eu terminar a obra dentro do prazo que eu planejei e o fez sem hesitar. Nosso casamento não está passando pela melhor das fases, mas sobre isso eu não posso reclamar dele; ele sempre me deu apoio e acreditou em mim. Ter a compreensão e o apoio dele é muito importante nesse momento, me dá um gás a mais para alcançar meu objetivo.

Karina entra na minha sala segundos depois com algumas pastas em suas mãos.

— Cristina, terminei os contratos que você me pediu dos dois clientes novos. Confere se está tudo ok, por favor.

Ela me estende as pastas e eu as coloco na mesa assentindo.

Karina veio para substituir minha ex-secretária Marília, que casou e se mudou para outro estado. Sinto falta da minha antiga companheira de trabalho, mas esta tem atendido bem as minhas expectativas. Ela é bastante centrada e ágil no seu trabalho.

— Ligue para o bufê, por favor, e cobre o contrato para o coquetel. Já fechamos tudo e eles ainda não me enviaram o contrato assinado.

— Ok. — Ela assente, anotando em seu bloquinho.

— Eu vou sair mais cedo hoje, pois a minha cabeça está latejando. O estresse e o barulho dessa reforma estão acabando comigo. Ligue para o Paulo Lopes e confirme nossa reunião amanhã cedo na casa dele. Depois me mande uma mensagem confirmando.

— Ok, pode deixar. Vá descansar e melhoras para você.

— Obrigada, estou precisando mesmo.

Ela sai da minha sala e eu pego as pastas que ela trouxe, dando uma olhada nos contratos. Estão corretos, como eu já imaginava, então os guardo na gaveta para o dia que for encontrar com os clientes.

Desligo meu computador e saio da sala apagando a luz. Vou até a sala de reuniões para conferir o trabalho dos pedreiros e vejo que está tudo em ordem.

— Vai dar tempo. — Digo para mim mesma em voz alta, enquanto respiro fundo e saio do escritório me despedindo da Karina.

Preciso ir urgente para casa, tomar um analgésico e dormir. Preciso descansar porque na reta final eu sei que as coisas só vão ficar mais difíceis.

Capítulo 2

Cristina

Abro os olhos e pego meu celular para conferir as horas, são sete da noite. Dormi por mais de duas horas desde que cheguei do trabalho. Minha cabeça está bem melhor, mas ainda um pouco dolorida.

Me levanto da cama e vou para o banheiro tomar um banho. Tiro minhas roupas e entro no box, ligando o chuveiro. Deixo a água quente cair em cima de mim e escorrer pelo meu corpo, me relaxando um pouco.

Fico cerca de dez minutos debaixo do chuveiro, então o desligo e busco a toalha para me secar. Me enrolo com a toalha e caminho em direção ao quarto quando ouço os passos do André chegando e entrando no cômodo junto comigo.

Abro um sorriso para ele e caminho em sua direção.

— Ei, lindo! — Cumprimento, dando um selinho em seus lábios.

— Oi Cris... — Ele diz simplesmente e se vira para o criado-mudo, colocando sua carteira, celular e relógio.

Quando volta em minha direção vejo que está com o semblante sério e cansado. Meu marido é o típico *workaholic*, quase sempre chega em casa mais tarde e sempre está exausto; nunca tendo ânimo para fazer nada, inclusive ficar comigo.

— Está com fome? Pensei em pedir uma pizza para nós dois. — Digo tentando me aproximar um pouco dele. Nós temos apenas cinco anos de casados e estamos enfrentando uma crise no nosso relacionamento.

Infelizmente a cada dia que passa estamos ficando cada vez mais distantes. Na verdade, ele tem se distanciado bastante de mim.

— Obrigado, mas já comi no trabalho antes de vir. — Me responde, olhando de lado. Eu respiro fundo e dou minha última tentativa de aproximação.

— Quer tomar uma taça de vinho comigo, então? Tem um muito bom na geladeira que ganhei de um cliente um dia desses.

Chego perto dele, colocando a mão em seu peito e fazendo círculos com os dedos. Eu ainda estou enrolada na toalha e ele com seu habitual traje de trabalho. Deus, como sinto falta dele! Faz tanto tempo que não ficamos juntos.

Lanço um olhar sexy para ele, tentando demonstrar minhas segundas intenções, mas tudo que eu recebo é um olhar frio.

— Vamos deixar para outro dia, Cris. Estou exausto. Só quero tomar um banho e dormir.

Ele agarra minhas mãos que ainda estão em seu peito e se afasta de mim.

— Você deveria se vestir logo, está frio e pode pegar um resfriado. — É tudo o que eu recebo dele quando vira as costas para mim e caminha em direção ao banheiro.

Eu permaneço no mesmo lugar, estática, processando tudo o que acabou de acontecer. Sinto como se eu tivesse levado um tapa no rosto. Eu não sei ainda porque estou tão impressionada, pois tudo que ele tem feito ultimamente é me rejeitar: rejeitar a atenção que procuro dar para ele, rejeitar a minha presença...

Ele conversa apenas o essencial comigo, só quer saber se eu preciso de alguma coisa ou como está indo a reforma. A falta que eu sinto do meu

marido, meu amante e meu confidente é esmagadora, e a cada dia que passa eu me sinto mais perdida quanto ao que devo fazer.

Ainda estou de pé quando ouço o barulho do chuveiro ligando e saio do transe. Ando até o guarda-roupa para pegar uma camisola e tiro a toalha do corpo para me trocar.

Meu estômago ronca de fome, mas não quero nada; toda a vontade que eu tinha de comer foi para o ralo no momento em que ele me rejeitou. Eu fui rejeitada pelo meu próprio marido e isso doeu. A lembrança do olhar dele e da forma fria como falou comigo vem como chicotadas me fazendo perder todo o meu equilíbrio.

Me deito na cama, puxando o cobertor e me cobrindo até a cabeça. Fico em silêncio tentando processar tudo que acabou de acontecer quando o ouço voltar ao quarto.

Minutos depois ele se deita na cama, vira de lado e apaga as luzes; Pensei que ele iria virar, mas ele permanece de costas para mim e a dor da rejeição volta à tona me preenchendo totalmente. Na escuridão do nosso quarto eu ouço o barulho de sua respiração constante ao mesmo tempo em que lágrimas quentes escorrem pela minha face e se acumulam no meu travesseiro.

Eu não sei o que eu fiz de errado para termos chegado a esse ponto. Eu não sei quando foi que eu deixei de ser quem ele precisa. E é nessa escuridão, imersa em meus pensamentos, que eu peço a Deus para um dia trazer meu marido de volta para mim.

Capítulo 3

Cristina

O despertador toca ao meu lado e a vontade que eu tenho é de jogá-lo longe e continuar dormindo. Eu dormi bem mal essa noite, mas ainda não posso me dar ao luxo de ficar na cama; preciso levantar, pois tenho uma reunião com um cliente muito importante daqui a pouco.

Trabalhar enquanto estão quebrando tudo lá dentro não é fácil. Às vezes tenho vontade de surtar, mas respiro fundo, mantenho a calma e aguento o tranco, pois sei que é temporário, logo isso tudo vai acabar.

Rolo na cama e vejo que o André já se levantou; consigo ouvir o barulho do chuveiro. Ele nunca se atrasa. Meu marido é daqueles que falta a tudo nessa vida, menos ao trabalho.

Levanto da cama relutante e abro o guarda-roupa, procurando o que vou vestir hoje. Separo uma calça social preta e uma camisa de botão azul bebê. O clima hoje está mais fresco, o que favorece bastante para eu usar roupas mais quentes.

Coloco a roupa em cima da cama e tiro a camisola, ficando só de calcinha. Quando vou em direção ao banheiro, vejo que o André está desligando o chuveiro. Nos encontramos na porta, onde ele passa por mim com a toalha enrolada na cintura e os cabelos molhados.

— Bom dia, Cris. — Me dá um selinho rápido enquanto passa por mim indo para o quarto.

— Bom dia. — Respondo suspirando enquanto entro no banheiro. Tiro a calcinha e coloco no cesto de roupas sujas já entrando no box e ligando o chuveiro que continua com a água quente.

Deixo a água cair sobre mim e vagueio pelos meus pensamentos mais uma vez. Se estivéssemos no primeiro ano de casados, essa cena que acabou de acontecer teria sido completamente diferente.

André é absurdamente lindo, e a imagem dele com o corpo molhado e a toalha pendendo no quadril é de tirar qualquer mulher da linha. No entanto ele passou por mim, seminua, como se nem me notasse. Faz algum tempo que eu sinto isso; o que eu vivi ontem à noite já se tornou rotina em nosso relacionamento, não sei como não me acostumei ainda.

Termino meu banho, desligo o chuveiro, seco meu rosto e tento afastar esses pensamentos ruins. Eu tenho um dia cheio hoje e preciso focar no meu trabalho.

Me enrolo na toalha e vou para o quarto me trocar. Enquanto estou me vestindo, André aparece no quarto já vestido e anda em direção à janela. Eu nem tinha percebido que estava chovendo hoje, só me dou conta disso quando acompanho seu olhar.

— Cris, você me dá uma carona hoje? Começou a chover agora. — Ele se vira para mim enquanto fecha a cortina.

André abriu mão de ter um carro para realizar seu sonho de ter uma *Harley-Davidson Road King Classic*, e nesses dias chuvosos em que ele fica na mão pega carona comigo, pois vou ao trabalho de carro todos os dias.

— Sem problemas, te deixo lá.

— Obrigado. — Ele me agradece enquanto volta para o banheiro para terminar de se arrumar.

Termino de me trocar, calço meus sapatos e coloco os brincos. Penteio

os cabelos e me maquio enquanto vejo-o voltar para o quarto todo arrumado.

Quando ergo o olhar para ele, vejo o quanto ele está maravilhoso. O terno escuro e a gravata verde fazem seus olhos se destacarem como nunca. Os cabelos perfeitamente arrumados e a barba por fazer o deixam incrivelmente sexy.

— Você está um gato. — Brinco com ele, enquanto pego minha bolsa e a coloco nos ombros, já me preparando para sair.

— São seus olhos. — Ele pisca para mim e abre um sorriso discreto.

Aquele sorriso sempre foi capaz de derreter meu coração, mas hoje, no mesmo momento em que o recebo, sinto uma pontada de decepção, pois ele não disse o mesmo sobre mim. São essas pequenas coisas que me entristecem no nosso relacionamento. Eu me esforço diariamente para nos reaproximarmos, mas parece ser em vão, sempre é apenas da minha parte e nunca da dele.

Andamos juntos pelo apartamento e saímos trancando a porta. Descemos o elevador em silêncio e quando a porta se abre, já estamos na garagem.

O trajeto todo até o trabalho dele é feito em silêncio, e quando eu penso em quebrá-lo puxando algum assunto, já estamos na porta do prédio do seu escritório.

Eu paro o carro e ligo o pisca alerta para ele descer.

— Obrigado pela carona. — Diz, enquanto me dá um selinho outra vez.

Quando olho para frente, ainda com as mãos no volante, vejo duas mulheres na calçada conversando. Pelo terninho que estão usando, parecem trabalhar no mesmo escritório que o André. Uma delas, ruiva de olhos azuis, olha fixamente para nós enquanto conversa com a outra. Eu estranho aquele comportamento, principalmente porque ela acabou de franzir o cenho ao ver

o André me beijando.

Fico curiosa olhando para aquela mulher e quando vejo o André já está se preparando para sair do carro; volto minha atenção para ele de novo.

— Você quer que eu te busque no fim do expediente?

— Não precisa, Cris. Eu devo ficar até mais tarde hoje e pego um *Uber* para voltar.

— Ok, se precisar me liga.

Ele confirma com a cabeça e sai do carro. Eu espero ele entrar no prédio para arrancar e percebo que aquela ruiva ainda olha na minha direção.

Saio dali com o pensamento um tanto curioso e desconfiado; bom, se tem alguma coisa a mais nessa história, não vou demorar a descobrir.

Capítulo 4

Cristina

O dia hoje correu melhor do que eu esperava, a reunião que tive pela manhã com o Sr. Paulo Lopes foi um sucesso. Ainda nem acredito que consegui pegar o projeto da reforma da mansão de um dos maiores empresários da região; isso só mostra que todo o meu esforço está valendo a pena.

A reforma aqui dentro do escritório também caminha conforme o planejado. Agora posso começar a respirar de novo. Bom, pelo menos por enquanto.

Olho para o relógio e já são dezessete horas. Começo a guardar as minhas coisas para ir embora e então o pensamento de ir para casa me traz uma pontada de tristeza. O André só vai chegar mais tarde, como todos os dias, e eu me sinto tão sozinha naquele apartamento sem ele. Não que eu não me sinta assim quando ele está lá, mas sem ele é ainda pior.

Enquanto desligo o computador, pego o celular para ligar para minha amiga Flávia. Nessa correria da reforma não estou tendo muito tempo para falar com ela e sinto sua falta como nunca.

— *Oi gata.* — Ela atende a ligação no segundo toque.

— Ei, Flá. Saudade de você, amiga.

— *Eu também, Cris. Você sumiu... A reforma deve estar bem punk né?*

— Você nem imagina o quanto. O que está fazendo aí?

— *Estou terminando uma tela, e você?*

— Saindo do trabalho... Te atrapalho se eu for aí agora?

— *Lógico que não, pode vir. Já estou terminando meu trabalho e quero muito te ver.*

— Ok. Daqui a pouco chego aí. Beijo.

— *Beijo, gata.*

Encerro a ligação e me levanto para sair do escritório. O apartamento que a Flávia divide com o namorado fica há uns cinco minutos daqui.

Eu conheci a Flávia assim que entrei na faculdade. Eu estava no meu primeiro período de Arquitetura e ela no quinto do curso de História, quando me encontrou perdida pelo campus. Eu estava procurando a sala de Xerox e não encontrava de forma alguma. O fato de ser caloura também não me ajudava em nada, pois morria de vergonha de pedir informações, mas ela pareceu se preocupar comigo e se aproximou, notando meu semblante perdido.

— Ei! Você está procurando alguma coisa?

— Oi! Na verdade, sim. Não encontro a sala de Xerox em lugar nenhum. — Suspirei, constrangida.

— Ah, é aqui perto. Vem, vou te levar lá!

— Sério? Não vou te atrapalhar? — Perguntei surpresa, indo atrás dela no mesmo instante.

— Imagina, meu próximo horário está vago, então estou tranquila. — Piscou para mim, sorrindo.

— Nossa, muito obrigada mesmo!

— A propósito, meu nome é Flávia. E o seu? — Ela me perguntou, estendendo a mão para mim.

— Cristina. — Respondi apertando a mão dela.

Durante o caminho até a sala de Xerox, ela foi tagarelando sem parar. A forma como ela me deixava tão à vontade me fez ir perdendo a timidez e eu me vi muito grata a ela por ter se oferecido para me ajudar. Depois disso, nos esbarrávamos todos os dias pelo campus e uma amizade muito forte se formou a partir dali, tanto que somos inseparáveis até hoje.

A Flávia se formou em História, mas sua verdadeira paixão sempre foi a pintura. As telas dela são perfeitas, e mesmo que a arte ainda seja desvalorizada no Brasil, ela conseguiu se sobressair. Recentemente conseguiu contrato com uma galeria onde expõe seu trabalho e eu tenho a sorte de ter algumas de suas telas pela minha casa.

Saio do escritório e entro no elevador, indo para a garagem do prédio. Entro no carro e ligo o som enquanto dirijo tranquila pelas ruas, e antes de chegar a casa dela decido parar no supermercado que tem no caminho. Compro cerveja, batatas congeladas para fritar e amendoins japoneses, além de um pote de sorvete.

Chego à porta do prédio dela e toco o interfone com nosso código, ela abre a porta na mesma hora e eu sigo em direção ao elevador. Geralmente eu subo pelas escadas, mas cheia de sacolas nas mãos como estou hoje, não vai rolar.

Subo até o segundo andar, e antes mesmo que eu bata na porta, ela a abre me puxando para dentro.

— Ai, amiga, que saudade! — Me abraça enquanto eu ainda estou com as sacolas nas mãos.

— Deixa eu colocar as sacolas na mesa para te abraçar direito.

Coloco as sacolas na mesa da cozinha e volto para abraçá-la bem apertado. Quanta falta eu senti dela!

— Como você está, Flá? Já terminou sua pintura?

— Ainda não, faltam só uns retoques finais, mas eu precisava parar de todo jeito, estava ficando cansada. Quando terminar, eu te mostro. — Ela me lança um sorriso. Ela nunca me mostra suas telas antes que estejam completamente prontas. Diz que se eu vir os defeitos antes de terminar, perde a graça do trabalho final, como se isso fosse possível; tudo que ela pinta é perfeito.

— E o Léo? Não chegou do trabalho ainda?

— Não, gata. Hoje as gravações vão até mais tarde, nem sei que horas ele chega...

Quando nos conhecemos, o namorado da Flávia tocava em uma banda de rock. Hoje em dia já faz um tempo que ele não faz shows, se dedicando apenas a produção musical. Ele montou um estúdio junto com um amigo, membro da antiga banda, e sua carreira tem sido bastante promissora.

— Ótimo então, noite das meninas! — Eu levanto os braços rindo e ela gargalha junto comigo.

— Ebaaa! — Ela responde em tom debochado.

— Está com fome, amiga? Trouxe porcarias para gente comer e beber, claro.

— Faminta!

Ela abre as sacolas, pega o saco de batatas e despeja na fritadeira elétrica para fazer enquanto beliscamos os amendoins.

Nos sentamos no sofá, bebendo nossas cervejas e comendo petiscos. Conversamos por horas, sobre tudo e sobre nada. Ela não para de falar um segundo e eu adoro isso. Como sentia falta dessa minha amiga tagarela.

Depois de comermos bastante, me levanto do sofá e pego o pote de sorvete no freezer. Sento de volta, com o pote e duas colheres. Nós duas não temos um pinga de educação quando o assunto é sorvete.

Coloco a primeira colherada na boca quando sinto meu celular vibrar no meu bolso. Olho para tela e vejo que é o André, então atendo no terceiro toque.

— Oi, André.

— *Ei Cris, está tudo bem?* — A voz do meu marido é calma, mas posso sentir um traço de preocupação nela.

— Está sim, estou na casa da Flávia.

— *Ah, tranquilo. Cheguei em casa e estranhei que você não estava aqui, fiquei preocupado.*

— Ah, sim. Não devo demorar a voltar.

— *Não se preocupe, só queria saber como você estava mesmo. Até mais.*

— Até, André. Tchau.

Desligo o telefone e fico alguns segundos olhando para a tela em silêncio. Então suspiro.

— O que foi, Cris? — Flávia me pergunta, quebrando o silêncio.

— Nada. Ele só ligou para saber se eu estava bem. Bom saber que ele ainda se preocupa comigo. — Dou uma risada sarcástica e relaxo meu corpo, encostando a cabeça no sofá.

— Como estão as coisas entre vocês? — Ela me pergunta enquanto pega a minha mão e aperta. É a forma que ela tem de me dizer que está comigo.

— Ah, Flá... Do mesmo jeito. Cada dia que passa ele se distancia mais de mim. Nem parece que sou casada...

Suspiro e fecho os olhos. Não consigo pensar no meu casamento sem que uma sombra de tristeza tome conta de mim.

— Força, amiga. Vai melhorar.

— Será mesmo? Porque eu já cansei de tentar me aproximar dele. Nunca é da parte dele, só da minha.

— Um dia ele vai acordar e enxergar a pessoa maravilhosa que ele tem ao lado dele e vai mudar isso, você vai ver.

— Não sei... Só espero que quando isso acontecer não seja tarde demais.

Eu queria mudar de assunto a todo custo, pois, por mais que eu goste de conversar sobre tudo com ela, meu casamento não tem sido meu assunto favorito. Só de pensar nisso me dá uma tristeza enorme e hoje eu vim para relaxar e não ficar triste.

Como se os céus ouvissem minha prece, os dois gatos da minha amiga chegam para nos fazer mudar completamente de assunto.

— Olha as delícias da mamãe! — Flávia lança sua voz de criança boba toda vez que conversa com seus gatos e isso me faz rir.

— Ei, mocinhos! — Cumprimento os bichanos da minha amiga. Fumaça, o gato cinza de pelo longo e olhos azuis, é a perfeição em forma felina, e Berinjela, o gato preto de olhos verdes marcantes. Sim, ela tem o dom de escolher nomes hilários para os gatos dela.

Meu sonho é ter um animal lá em casa, mas André sempre deixou bem claro sua aversão a animais em apartamento, e como preciso respeitar a vontade dele acabo aproveitando os animais dela quando venho aqui, pois todos dois são muito carinhosos.

Ficamos conversando por mais algum tempo e vejo que já está ficando tarde, então me levanto para sair.

— Volte mais vezes amiga, sinto sua falta por aqui.

— Pode deixar, vou voltar sim. Estou precisando vir mesmo.

Abraço a Flávia e beijo seu rosto, então me despeço e saio pelo apartamento. Passar esse tempo com ela foi revigorante para mim; supre um pouco da solidão que é a minha casa.

Entro no meu apartamento e vejo que está em silêncio. Caminho pelo corredor até o nosso quarto e vejo que o André já está dormindo.

Visto meu pijama com cuidado para não acordá-lo e me deito na cama. Quando desligo o abajur, sinto meu marido se virando de frente para mim e passando seus braços pelo meu corpo, se aninhando a mim.

Sei que ele só está fazendo isso porque já está em sono profundo; sei que essa vontade de me ter por perto não está partindo naturalmente dele, mas eu sinto tanto a sua falta que me agarro a isso, me aninho mais a ele, sentindo o calor do seu corpo junto ao meu. Eu preciso de um pouco de normalidade antes que o sol nasça e momentos como esse sejam apenas lembranças.

Capítulo 5

Cristina

Eu me levanto do sofá num pulo. Achei que fosse tirar apenas um cochilo e acabei pegando no sono. Olho para o celular e vejo as horas: são duas e quinze da tarde; preciso tomar um banho correndo para não me atrasar.

Hoje é domingo, e todos os domingos às quinze horas eu tomo café com meu avô, é a nossa tradição há anos.

Essa semana passou como um borrão, e quando pisquei os olhos, já era final de semana. Ontem eu estava exausta do trabalho e passei o dia maratonando séries em casa. André passou a tarde jogando bola com os amigos então eu só o vi a noite. Assistimos a alguns filmes juntos, mas sem muita interação. Esse tem sido o resumo dos meus dias em casa com ele.

Corro para o chuveiro e tomo um banho rápido. Visto uma calça jeans, camiseta e sapatilhas, pois sempre uso algo mais confortável nos encontros com meu avô.

Penteio os cabelos e escovo os dentes. Passo um batom e pego minha bolsa com a chave do carro de cima da mesa.

Hoje estou sozinha em casa, para variar, mas não preciso me preocupar em avisar ao André para onde estou indo; ele já sabe do meu compromisso semanal com meu avô. Algumas vezes ele vai comigo, mas sempre prefiro ir sozinha, gosto de aproveitar meus momentos de avô e neta.

Tranco a porta do apartamento e vou esperar pelo elevador, que se abre

para mim após alguns segundos. Desço até a garagem e sigo em direção ao meu carro que está sozinho na vaga, pois hoje é um daqueles dias em que o André aproveita para sair de moto com seus amigos.

Saio da garagem de ré e abro o portão pelo controle remoto. Olho novamente para o relógio e vejo que ainda tenho tempo; gasto cerca de vinte minutos para chegar ao meu destino. Paro na padaria que tem na esquina da minha rua rapidamente, só para buscar um tareco, que é uma espécie de biscoito de trigo, não sei explicar muito bem, só sei que vovô adora, e como lá é difícil encontrar, sempre levo para ele quando vou visitá-lo.

Volto para o carro e sigo pela estrada. Ligo o som baixinho e está tocando *Guns n' Roses*; ouvir essa banda faz com que eu me lembre do dia que eu conheci o André e isso me faz sorrir.

O lar que meu avô mora fica um pouco afastado da cidade, mas entenda uma coisa: aquilo lá não é um asilo! Eu bem queria morar em um lugar como aquele.

Ele mora em um lar especializado para idosos, ou “casa de repouso” como alguns dizem.

Ele ficou viúvo há quinze anos e por muito tempo morou sozinho, mas com o tempo e a idade avançando, vimos que ele precisava de acompanhamento em tempo integral. Faz cinco anos que ele mora lá, e por incrível que pareça, essa decisão foi tomada por ele; ele preferiu ir para lá do que para a casa de algum dos meus tios. Esse senhorzinho detesta incomodar as pessoas, e como sua aposentadoria gorda de militar lhe permite esse conforto, ele se instalou por lá.

Apesar da falta que ele sente da minha avó, sinto que ele é feliz. Tem várias atividades para passar o seu tempo e amigos para conversar; isso faz com que ele se sinta menos solitário, e para nós é um alívio saber que ele está

sendo bem assistido.

Ele costuma receber visitas frequentes da família. Meu tio mais velho vem visitá-lo semanalmente como eu, mas às quintas-feiras. Os outros que não moram na cidade, visitam sempre que podem. Os netos também aparecem vez ou outra, mas a única que vai com tanta frequência sou eu e sei o quanto ele fica grato por isso.

Viro a esquina e percebo que já estou chegando quando vejo a placa indicando com uma seta: Casa São Lucas.

Paro o carro na portaria e cumprimento “seu” Eustáquio, que já me conhece. Ele me saúda com um: “Boa tarde Cristina”, e já vai abrindo a cancela para eu entrar. Vou passando pela estrada arborizada e viro à esquerda para o estacionamento. Escolho uma vaga com sombra e desço do carro, indo em direção à recepção.

Hoje quem está no balcão é a Vanda, que me recebe com a mesma cordialidade de sempre.

— Boa tarde, Cristina, tudo bem?

— Boa tarde, Vanda! Tudo bem, graças a Deus e com você?

— Bem também. Veio ver o “seu” João?

Aceno a cabeça, assentindo.

— Ele está na área do parque, vi agora a pouco pelas câmeras. Pode ir até lá.

Agradeço enquanto assino a prancheta que me estendeu com a relação de visitantes e contorno a recepção em direção à parte externa da Casa.

Caminho por uma trilha cercada de árvores e jardins bem cuidados e me encho daquela paz que só esse lugar me proporciona. Canários e bem-te-vis me rodeiam e sorrio ao ouvi-los cantar.

Mais à frente vejo meu avô sentado num banco debaixo de uma palmeira, dando migalhas de pão para os passarinhos. Ele faz isso todos os dias e logo está cercado por vários. Aos poucos vão surgindo, de várias cores e espécies: é lindo, eles o adoram.

Chego perto dele e me sento ao seu lado. O aroma de seu perfume vem até mim e eu sorrio.

— Oi vô, a sua benção.

Ele levanta a cabeça e me lança aquele olhar intenso, seus lindos olhos azuis me fazendo derreter; ele abre um sorriso caloroso, e ainda despedaçando o pão, me responde:

— Deus te abençoe, Cristina. Tudo bem, minha filha?

— Graças a Deus, vô e o senhor?

— Estou bem, minha filha, estou indo. Agradecendo a Deus por mais um dia de vida e pedindo a Ele que sempre me conceda mais um.

— Deus vai te conceder muitos anos ainda, vô. Quem me dera aos oitenta e cinco anos ter a sua vitalidade.

— É, minha filha, mas para morrer basta estar vivo, não é mesmo?

— Ninguém vai morrer agora vô, ainda preciso muito do senhor.

Ele balança a cabeça assentindo e me lança um sorriso cansado, mas terno. Esse senhor me transmite toda a paz que o mundo não consegue me dar. Ele é a minha base, o meu porto seguro, minha fonte inesgotável de força.

— Como vai o nosso garotão? — Pergunta, me tirando dos meus pensamentos. Ele sempre se referiu a André como garotão e eu sempre apreciei esse carinho entre os dois. Ver os dois homens da minha vida se dando tão bem é algo que, para mim, não tem preço.

Eu queria tanto que meu pai ainda estivesse aqui conosco e que tivesse conhecido o André, mas infelizmente eu o perdi há dez anos para o câncer e desde então “seu” João tem feito o papel de pai e avô na minha vida, preenchendo o buraco que ficou no meu coração desde que papai se foi.

Me recomponho dos meus pensamentos e me viro para ele.

— Ele está bem, vô. Está fazendo um passeio hoje com os amigos.

Ele assente e eu encosto minha cabeça em seu ombro suspirando. Vovô termina de partir o pão e vejo que estamos rodeados de pássaros pegando as migalhas que ele deixou. Observo-o alimentando-os e fico maravilhada com a paz que toma conta de mim mais uma vez.

Ao terminar, ele pega a minha mão e entrelaça nossos dedos apertando com carinho.

— Está tudo bem, minha filha? Você parece cansada.

Ele me conhece melhor do que eu mesma e sempre sabe quando tem algo de errado comigo.

— Ah vô, não vou mentir, estou esgotada. Essa reforma do escritório está acabando comigo. Se eu soubesse que seria tão complicado, não teria nem começado. — Respondo relaxando os ombros.

Ele me olha com sorriso malicioso.

— Ah, teria sim. Te conheço muito bem, menina; teria feito de qualquer jeito, você nunca desiste fácil.

Eu rio da resposta dele sabendo que ele sempre está certo e me aninho ainda mais em seu ombro. Passamos um bom tempo em silêncio, apenas imersos em nossos pensamentos. Eu adoro esses momentos com ele, adoro a sua companhia e o bem que ela me faz.

Então, quebrando o silêncio, ele ergue os olhos para mim.

— E como estão as coisas entre vocês?

Eu nem preciso perguntar, pois já sei do que ele está falando. Ele acompanhou todo o trajeto do meu relacionamento e sempre me aconselhou nos meus momentos de dúvida.

— Ah vô, do mesmo jeito. Eu sinceramente preferia que estivesse um pouco melhor. Não estamos brigando, mas tampouco parecemos um casal; parecemos mais dois amigos que dividem o mesmo teto. Sinto falta de como éramos antigamente, dos nossos momentos juntos e de tudo que compartilhávamos. — Respondo de cabeça baixa.

Ele presta atenção em cada palavra que digo e aperta ainda mais a minha mão.

— Tenha paciência, minha filha, logo vocês vão se acertar. Casamento nunca foi fácil, eu bem sei disso, mas precisamos viver um dia de cada vez. Ele é um bom rapaz, vai ficar tudo bem. Dias melhores virão, Cristina.

Eu queria mesmo que fosse verdade tudo que ele me diz, pois sempre usa as palavras certas nos momentos certos, mas dessa vez parece diferente. Eu sinto que antes da calmaria vai vir uma tempestade muito forte e eu não tenho certeza se serei forte o bastante para suportar.

Então me levanto devagar, o chamando para tomarmos café. Caminhamos de mãos dadas até o refeitório; vô João já não anda com a mesma destreza de antes, mas a sua serenidade o mantém sempre firme.

Logo nos sentamos em uma das mesas do canto, que é a nossa favorita. Busco café sem açúcar e leite para ele e suco de manga para mim, trago também frutas e pães e distribuo na mesa junto com o tareco que eu trouxe.

Tomamos nosso café com calma enquanto conversamos sobre a nossa semana. Ele me conta sobre as atividades que fez, os filmes que assistiu e sobre as partidas de xadrez que ganhou. Ele é a pessoa mais calma do mundo,

então é fácil ganhar quando tem tempo para analisar e usar a estratégia certa. Ele me conta também sobre os livros que tem lido; aqui tem uma biblioteca enorme e ele adora passar um tempo por lá. Sempre está lendo algo novo, dessa vez está terminando um suspense policial de Sidney Sheldon.

Então o assunto flui e logo estou contando sobre os meus dias. Conto sobre os apertos que passei com o pedreiro, o pintor e o vidraceiro, que mediu errado as minhas portas. Nunca mais quero mexer com reforma na minha vida. Os problemas vão surgindo sem parar, como erva daninha; é uma loucura!

Terminamos o café e me levanto para me despedir dele, pois já está começando a ficar tarde. Me ofereço para acompanhá-lo até o seu quarto, mas ele me dispensa dizendo que vai ficar mais alguns minutos, pois combinou uma partida de xadrez com “seu” Juarez. Esse é o melhor amigo que vovô tem por aqui e fico feliz em vê-los passando um tempo juntos.

“Seu” Juarez é uma gracinha! Um senhor de estatura média, cabelos grisalhos e calvos, e um sorriso muito acolhedor. Assim como meu avô, ficou viúvo há muitos anos e seus filhos moram fora do país. Ali também se estabeleceu para ficar longe da solidão e é bom saber que eles têm um ao outro.

Dou um abraço apertado nele e um beijo em seu rosto marcado pela idade.

— Tchau, vovô. Eu amo muito o senhor. Até semana que vem.

— Também te amo minha filha, vá com Deus. Boa semana de trabalho para você. Dê um abraço no garotão.

— Pode deixar. Obrigada.

Me solto de seus braços e caminho de volta para o estacionamento. Logo passo debaixo dos pássaros de novo e uma brisa chega e balança meus

cabelos. É disso que eu estou falando, dessa dose de paz e calma semanal que me dá forças para continuar a seguir.

Estou chegando perto do carro e sinto gotas de chuva caindo devagar. Adoro a chuva, adoro o cheiro dela e a sensação libertadora que ela traz, como se lavasse a minha alma e levasse embora tudo que há de ruim. Quando percebo, estou sorrindo e é com esse sorriso que faço todo o trajeto de volta para casa.

Capítulo 6

Cristina

As semanas seguiram dentro da normalidade; nenhum contratempo surgiu nesse período então conseguimos terminar tudo conforme o esperado.

O despertador já tocou três vezes e eu estou enrolando ao máximo para me levantar. Finalmente o dia mais esperado do ano chegou, e eu mal dormi essa noite de tanta ansiedade. Mesmo estando tudo preparado, sempre bate aquele medo de alguma coisa dar errado.

Sento na cama com relutância e, para variar, vejo que André já está no banho. Me espreguiço e então levanto; vou para o guarda-roupa, pego o meu terninho rosê e sapatos pretos de salto grosso. Eu comprei essa roupa há algumas semanas para essa ocasião e estava bastante ansiosa para usá-la, pois o caimento foi perfeito.

Enquanto ajeito minha roupa em cima da cama sinto os passos do André entrando no quarto atrás de mim e me viro para conversar com ele.

— Bom dia, Cris. — Ele me cumprimenta enquanto vai em direção ao guarda-roupa com a toalha enrolada na cintura.

— Bom dia, André. Você se lembra do seu compromisso comigo hoje?
— Lanço um olhar avaliativo enquanto ele caminha em minha direção com o terno nas mãos.

— Claro, qual horário mesmo?

— Às quinze horas.

— Ok.

Pego minha toalha, mas antes de ir para o banheiro pergunto novamente, só para ter certeza.

— Você não vai se esquecer, não é? — Minha voz é baixa, quase um sussurro.

Ele chega mais perto de mim e me olha com tranquilidade.

— Não vou não...

— É muito importante para mim. — Ergo os olhos e o olho profundamente.

— Eu sei, Cris. Eu vou estar lá, eu prometo. — Ele passa os dedos pelo meu rosto e me dá um beijo breve nos lábios.

— Obrigada. — Sorrio para ele e caminho para o banheiro.

— Vou sair mais cedo de casa para organizar as coisas no trabalho. Te vejo mais tarde, ok?

— Está bem. Até mais tarde, André. — Viro o rosto e pisco para ele antes de entrar no banheiro.

Tiro meu pijama e entro no box, ligando o chuveiro. A água quente que sempre tem um poder tranquilizador sobre mim; cai pelo meu corpo e acalma um pouco a minha ansiedade. *Vai dar tudo certo*, repito mentalmente centenas de vezes, pois não tem como dar errado. O escritório está pronto, o pessoal do bufê e da decoração já devem ter chegado para organizar tudo e as pessoas mais importantes estarão lá, exceto minha mãe e meu avô, mas nem tenho como exigir isso deles. Mas a Flávia e o André estarão e isso já me basta. Vai dar tudo certo...

Capítulo 7

Cristina

Olho para o relógio e faltam dez minutos para as quinze horas. Está tudo pronto por aqui e a ansiedade só aumenta cada vez que o ponteiro se aproxima mais do número três.

A primeira a chegar é a Flávia, já entrando no escritório aos pulos.

— Amiga, que lindo! Parabéns, ficou tudo perfeito! — Ela me abraça forte e tira uma risada de mim.

— Fico feliz que tenha gostado! Vem, deixa eu te mostrar tudo.

Eu a puxo pelo braço e vou mostrando todos os cômodos e em cada um que ela entra, sou surpreendida com seus gritos abafados de euforia. É nítida sua felicidade e espero muito que todos gostem da mesma forma que ela.

Quando voltamos à recepção, vejo que alguns clientes começaram a chegar. Deixo minha amiga sozinha por alguns minutos e me dirijo a eles, cumprimentando-os. Apresento a todos a nova sede do escritório e pelo olhar que recebo de cada um, vejo que ficaram muito satisfeitos.

Aquela ansiedade que eu estava sentindo mais cedo aos poucos vai cedendo lugar a felicidade por ver que todos estão gostando.

O bufê já começou a servir os convidados e logo todos estão entretidos comendo e conversando. Inclusive a Flávia se juntou a eles na conversa, apresentando uma de suas pinturas que está decorando a parede da recepção. Ela me deu de presente assim que anunciei o início da reforma e ficou simplesmente perfeita no local que escolhi pendurá-la.

As horas passam feito segundos, e eu fiquei tão entretida que não vi o tempo passar. Mas algo está me incomodando desde que as pessoas começaram a chegar: o André ainda não apareceu.

Tiro o celular do bolso e está marcando dezesseis horas e trinta minutos. Nenhuma notificação de ligação nem mensagem dele. Que estranho, já era para ele ter chegado. Não posso acreditar que ele se esqueceu de mim, ele me prometeu que viria.

— Cris, o que foi? — Vejo Flávia chegando perto de mim com um olhar preocupado.

— O André não deu notícias até agora. Não acredito que ele não vai vir. — Abaixo o olhar tentando esconder a tristeza nos meus olhos.

— Calma, Cris. Talvez ele só esteja atrasado, daqui a pouco ele chega. — Ela afaga meu braço tentando me tranquilizar.

— Não sei não, Flá. Algo me diz que ele vai me dar um bolo.

— Vamos esperar mais um pouco, se ele não aparecer você liga para ele.

Balanço a cabeça assentindo, mas não tenho a mínima intenção de ligar. Caramba! Eu conversei com ele hoje de manhã, não é possível que ele tenha esquecido.

Mais uma hora se passa e meus convidados começam a se despedir até que ficamos somente eu, a Flávia e a Karina.

Depois que organizamos tudo, libero a Karina para ir para casa e ficamos apenas eu e minha amiga. Agora que estamos sozinhas, posso colocar para fora tudo que segurei durante essa tarde.

— Eu não acredito que ele não veio, Flá. Que tipo de marido ele é? — Levanto da cadeira e começo a andar de um lado para o outro, passando as mãos pelo meu cabelo, deixando a raiva tomar conta de mim.

Ela começa a abrir a boca para falar, mas eu a interrompo na mesma hora.

— Ele me prometeu que viria! Prometeu! — Eu não tinha intenção alguma de gritar com ela, mas quando percebo as palavras me escapam em um tom muito elevado.

Sento de novo e coloco as mãos na cabeça apoiando os cotovelos nos joelhos e fecho os olhos.

Sinto os braços da minha amiga me envolvendo e me confortando e isso é tudo o que faltava para que eu pudesse desmoronar de vez. Eu caio em lágrimas.

Desbloqueio a tela do celular e olho mais uma vez.

— Não tem nenhuma mensagem, Flá. Nenhuma ligação, nada... — Digo entre soluços, me aninhando mais nos braços da minha amiga. — Quando foi que eu deixei de ser importante para ele?

— Calma Cris, não fique assim. Deve ter alguma explicação, alguma coisa deve ter acontecido.

— A única explicação é que ele se esqueceu, Flá; se esqueceu de mim. Poxa, eu conversei com ele sobre isso hoje de manhã.

Minhas lágrimas caem desenfreadamente e eu sinto um misto de raiva e tristeza. Aquela dor de rejeição que eu venho sentindo há tanto tempo volta e toma conta de mim. Meu marido não veio. Ele simplesmente não esteve aqui para compartilhar comigo a minha conquista. O que é que pode ser mais importante para ele do que isso?

— Estou cansada disso, amiga. Eu nunca sou prioridade na vida dele em nada. Eu me esforço ao máximo para tentar me aproximar dele e o que eu ganho em troca?

Aperto suas mãos e de cabeça baixa deixo as lágrimas caírem e

molharem minha calça.

— Ele é dono daquela merda de escritório! Não é possível que ele não pudesse sair mais cedo em um único dia!

Minha amiga está calada ao meu lado, apenas me deixando falar tudo que eu preciso, deixando que eu tire tudo que está entalado dentro de mim.

— Eu estava feliz hoje de manhã, sabe? — Levanto a cabeça e a olho nos olhos, secando as lágrimas com as costas da minha mão. — Pensei que as pessoas mais importantes estariam aqui comigo e eu tive a esperança de que ele iria participar também.

Respiro fundo e desvio meu olhar para o chão.

— Eu sinto tanta falta disso, amiga. Sinto tanta falta dele na minha vida.

Ela me puxa em um abraço e me aperta forte contra ela.

— Eu sempre soube que casamento não era fácil, Flá, mas não pensei que o meu fosse chegar a esse ponto. Sinceramente? Isso não é nem um pouco o que eu queria para mim...

Deixo as palavras morrerem e me aninho mais nos braços da minha amiga, enquanto as lágrimas caem e lavam tudo o que tem dentro de mim.

Choro por todos os momentos em que estive sozinha nos últimos tempos e pela dor da ausência do André na minha vida. Choro por todos os momentos iguais a esse que eu sei que ainda virão. Choro por não saber o que fazer da minha vida agora, e principalmente, o que fazer com o meu casamento.

Depois de um bom tempo abraçada a ela, me separo dos seus braços com relutância.

— Amiga, eu preciso ir pra casa.

— Você tem certeza, Cris? Não quer que eu chame um *Uber*?

— Eu estou bem, Flá. Vou devagar, eu prometo. Vou para casa esperar o André chegar; precisamos conversar muito sério.

— Tudo bem, gata. Me liga se precisar de alguma coisa.

Balanço a cabeça assentindo e dou um beijo em seu rosto.

— Obrigada por tudo.

Ela sorri para mim e pega minha mão.

Tranco o escritório e descemos pelo elevador de mãos dadas, com o silêncio reinando entre nós.

Minha mente trabalha sem parar; os pensamentos estão em um turbilhão. De hoje isso não passa, preciso ter uma conversa séria com o André. Cansei de fingir que está tudo bem quando não está. Cansei de ser segundo plano na vida dele. Cansei de mendigar pela sua atenção.

Capítulo 8

Cristina

Ando de um lado para o outro no apartamento aguardando ansiosamente para saber qual vai ser a desculpa dessa vez. Eu não sei se sinto raiva ou mágoa, mas eu sei que hoje está mais forte do que eu. Hoje ele conseguiu me ferir de verdade, pois era um dia muito importante para mim.

Eu estava rodeada de clientes, parceiros e amigos; pessoas importantes na minha vida comemorando um grande passo na minha carreira, menos o meu marido. Menos a droga do meu marido.

As pessoas me perguntavam por ele e eu não sabia nem o que responder, qual desculpa dar. No meu íntimo, eu queria gritar ou chorar: foi péssimo. Sei que meu casamento não anda muito bem, mas hoje só se comprovou a indiferença do André comigo, e isso doeu. Doeu demais.

Estou começando a suar de nervoso quando ouço o barulho da chave entrando na fechadura e a maçaneta girando. E então vejo a imagem de quem eu menos queria ver agora.

André entra em casa com um semblante despreocupado e passa por mim me cumprimentando como se nada tivesse acontecido, o que só faz o meu sangue talhar.

— Sério?! Você não tem nada a me dizer? — Pergunto com a voz áspera e os braços cruzados.

Ele se vira para mim arqueando a sobrancelha esquerda.

— Do que você está falando?

Juro que tenho vontade de voar no pescoço dele agora, mas me contendo. Respiro e tento manter a calma.

— Você não tinha um compromisso comigo hoje?

Sua expressão fica um pouco confusa e logo seu semblante muda, como se tivesse tido um estalo.

— Ah, foi mal. Eu tive que ir ao fórum resolver um problema de emergência e acabou não dando tempo de passar lá hoje.

— E não podia mandar uma mensagem avisando? Ia matar você? Eu estava te esperando. As pessoas não paravam de perguntar por você e eu não sabia nem qual desculpa dar.

— Não tinha que inventar desculpa, eu estava trabalhando e ponto final. Não consegui sair, na próxima eu vou.

— Que próxima? Acha mesmo que vai ter próxima vez? Você sabe o quanto trabalhei duro naquela reforma e como eu estava sonhando com esse dia. Mas ok, eu nunca sou prioridade para você.

— Ah, para de show Cris, até parece. Você sabe que eu te apoiei nessa reforma.

— Se estiver falando em dinheiro, obrigada, mas não preciso de você. Vou te devolver cada centavo que me deu. Eu queria o seu apoio moral, e isso, pelo visto, é impossível né?

— O que mais você quer de mim, Cristina? — Ele abre os braços, seu tom de voz sobe e percebo que ele está ficando nervoso.

— Eu só queria o seu apoio, André. O apoio do meu marido. Você não fez questão nenhuma de participar da realização do meu sonho. Você me prometeu que iria. Eu só queria um marido que cumprisse com suas

promessas e estivesse do meu lado. — Cuspi as palavras, quase engasgando com minha aspereza.

— Você não é obrigada a ficar casada comigo. Se eu não sou o marido que você quer, tudo bem. Vou embora.

Meus olhos se arregalam e sinto como se tivesse tomado um soco no estômago: por essa eu não esperava.

— Eu não estou falando disso André... — E antes que eu termine a frase, o vejo pegando as chaves da moto junto com a jaqueta e indo em direção à porta.

— Aonde você pensa que vai? Ainda não terminamos a nossa conversa. — Pergunto incrédula por ele estar indo embora no meio de uma discussão.

Ele vira para trás e me lança um olhar frio, que faz me fazer tomar outro soco no estômago.

— Vou dar uma volta. Não tenho mais nada para falar com você. — E bate a porta com tanta força que eu dou um pulo involuntário.

Eu desabo e grito, grito alto. Não estou nem aí se os vizinhos vão me ouvir, eu só quero gritar e colocar para fora tudo que está entalado.

Logo os gritos cessam e dão lugar ao choro. Um choro alto e sufocante toma conta de mim e eu tenho dificuldade em respirar.

Lá da rua ouço o barulho do ronco acelerado da sua *Harley-Davidson* e me sobe uma ira tão grande que tenho vontade de matar alguém. Ódio por ele ter me deixado falando sozinha. Ódio por todas as vezes que ele foi indiferente comigo.

— Por mim, que bata essa moto e se quebre todo! — Me escapa sem que eu perceba e não sinto remorso. O ódio, a mágoa e todos os piores sentimentos tomam conta de mim.

Eu me arrasto para o quarto aos soluços e deito na cama. Olho no relógio e vejo que ainda são oito horas da noite, mas eu preciso dormir. Preciso apagar esse dia infame da minha memória.

Mando uma mensagem para a Flávia:

Acabou. Amanhã converso com você.

Eu me deito de roupa e tudo, nem banho tomo. Estou acabada e nada disso me importa agora. Desligo a internet do celular e o coloco no criado-mudo. Fecho os olhos para tentar relaxar um pouco, mas os acontecimentos de hoje voltam como um turbilhão na minha mente e não consigo controlar minhas lágrimas. Depois de sentir os olhos ardendo de tanto chorar eu adormeço.

Capítulo 9

Cristina

Desperto de um sono profundo quando meu celular toca. Olho para a tela do telefone e confiro as horas. Quem me ligaria em pleno sábado às sete horas da manhã?

Eu ainda estou com a cabeça confusa por causa do sono e olho para o lado: a cama está vazia, então o André não dormiu em casa. Onde raios ele esteve à noite toda?

O número desconhecido insiste chamando e eu resolvo atender. Minha voz sai quase como um sussurro.

— Alô?

— *Bom dia! Eu falo com a Sra. Cristina Duarte Xavier?* — Uma voz feminina, daquelas de *call-center*, me pergunta.

Respondo que sim e ela logo continua.

— *Estou ligando em nome do Hospital Vila Lobos onde seu esposo está internado, e gostaria de solicitar sua presença aqui na urgência.*

Eu me levanto em um pulo e respondo quase engasgando.

— Como é que é? O André está internado? Como? Por quê? O que houve com ele?

Já estou andando de um lado para o outro no quarto, puxando os cabelos enquanto ouço sua resposta.

— *Mantenha a calma, Sra. Seu esposo sofreu um acidente e foi*

encaminhado para esta unidade de saúde. Mais detalhes sobre o estado em que ele se encontra apenas o médico pode informar, por isso pedimos sua presença com urgência.

Deixo o telefone cair da minha mão sem ao menos terminar de conversar com a atendente. Quando percebo estou gritando, gritando bem alto, gritando como nunca gritei na vida.

As lembranças de ontem vem como um borrão, e eu só me lembro da frase que eu disse: *“Por mim que bata essa moto e se quebre todo!”*. Ela ecoa pelo menos umas cem vezes na minha cabeça e eu não consigo me controlar, caio no chão e lágrimas correm pelo meu rosto feito cachoeiras.

Sinto uma dor profunda, um arrependimento tão grande que eu não sei explicar. Como eu fui capaz de desejar uma coisa tão grave dessas ao meu marido? E se o pior acontecer a ele?

Meu cérebro não está funcionando bem, eu não estou conseguindo raciocinar. Eu preciso ir agora, mas não tenho condição nenhuma de dirigir. Penso em ligar para a Flávia, mas me lembro que ela não dirige e não seria justo eu acordar o Léo a essa hora num sábado só para me levar ao hospital.

Tento respirar fundo e pensar com mais calma. Abro o aplicativo do *Uber* no celular e chamo o mais próximo. Está a onze minutos de distância da minha casa, então dá tempo de pelo menos tomar um banho antes dele chegar.

Vou apressada para o banheiro, jogo as minhas roupas no chão e entro no chuveiro, deixando a água escorrer pelo meu corpo; lava a minha alma e as minhas lágrimas também. Eu preciso manter a calma agora, o desespero não vai adiantar nada. O André precisa de mim e eu preciso consertar a cagada que eu fiz.

Saio do banho depois de alguns minutos, me seco rapidamente e vou

para o quarto procurar por alguma roupa. Pego um jeans, uma camisa de botão e sapatilhas azuis. Visto as roupas com rapidez e olho para o celular, o *Uber* está quase chegando.

Pego minha bolsa e as chaves de casa. Tranco a porta principal e corro em direção ao elevador que, por sorte, já está à espera no meu andar. Desço na portaria e chego à calçada junto com o *Uber*.

Entro no carro e peço a Deus que o trajeto seja rápido. Eu preciso ver meu marido, preciso ver como ele está... E mais uma vez aquela maldita frase ressoa na minha mente, vem como uma sequência de socos no meu estômago. Que tipo de pessoa deseja o mal ao próprio marido?

Capítulo 10

Cristina

Chego ao hospital mal conseguindo ficar de pé, pois minhas pernas estão trêmulas e meu corpo bambo.

No caminho mandei mensagem para a Flávia falando sobre o acidente e sei que quando ela acordar virá correndo para cá.

Me aproximo do guichê de informações e explico minha situação para a atendente que me direciona para uma outra sala onde converso com uma enfermeira. Lá ela me passa uma papelada do plano de saúde para assinar e me informa que o André está na UTI. Quando ouço essa palavra, sinto meu coração se contrair. Por sorte, o horário de visitas começa às oito horas e faltam apenas quinze minutos para eu poder vê-lo.

Ela me direciona ao quarto andar do hospital. Eu chego à recepção da UTI, me identifico como esposa do paciente e apresento meus documentos pessoais. A atendente é bem educada, imprime meu crachá de visitante e pede para eu aguardar mais alguns minutos.

Fico sentada olhando para o nada, esperando as portas se abrirem. Ao meu redor tem várias pessoas também aguardando pelo horário de visitas e sei que pelas feições, todas elas estão passando por situação semelhante ou pior que a minha.

Meu celular recebe uma mensagem da Flávia já desesperada dizendo que está a caminho. Digo a ela que estou prestes a entrar e que a encontro no hall do hospital quando sair. Não quero que ela veja o André agora, pois nem

mesmo eu sei ainda como ele está. Se outras pessoas o vissem agora, eu me sentiria mais culpada do que já estou.

Os minutos se passam e então a porta se abre. Me levanto com dificuldade, mal conseguindo me manter de pé. Vou até a porta de entrada da UTI e apresento minha identidade e o crachá de visitante. O leitor de código de barras dá um bipe e logo sou autorizada a entrar. Passo por um corredor silencioso que me mortifica ainda mais; o único barulho é o bipe constante das máquinas do hospital que me faz sentir calafrios.

Vou andando com cuidado até encontrar o leito do André, e quando o vejo deitado, inconsciente, sinto meu coração parar. Consigo segurar meus gritos em respeito ao local onde estou, mas todo grito sufocado desce pelos meus olhos em forma de lágrimas.

Chego mais perto dele e vejo seu rosto sereno; ele parece dormir com tranquilidade e queria tanto que fosse apenas isso.

Há alguns arranhões e hematomas espalhados pelo seu rosto e corpo. Tem um tubo preso à sua boca, fios espalhados pelo seu peito e em seu braço o soro que injeta medicação direto na veia. Vê-lo assim me dá um aperto ainda maior no coração.

Sua respiração está regular e, pelo que posso ver na tela acima dele, os batimentos cardíacos também. Isso me alivia um pouco, bem pouco.

— Oi, meu amor. — Digo, me aproximando dele e dou um beijo em seu rosto.

Seguro sua mão com cuidado, para não atrapalhar a medicação e aperto.

— Sinto muito, André. Sinto tanto... — As lágrimas escorrem ainda mais e caem no lençol do hospital. — Queria tanto que tudo fosse diferente...

Minhas palavras morrem e eu fico um tempo olhando para ele ali

imóvel, na esperança de que acorde. Depois de passar alguns minutos sozinha com ele, um médico se aproxima de nós e leio em seu crachá o nome Dr. Juliano Costa.

Ele me deseja bom dia e se apresenta, apertando minha mão. Eu só consigo acenar e esperar que ele continue a falar.

— Então, Cristina, seu esposo sofreu um acidente muito grave com sua motocicleta. Ele teve um traumatismo craniano que o levou ao coma. Já fizemos os primeiros exames e identificamos que houve uma fratura grave na tíbia e na fíbula da perna esquerda. Daqui a pouco ele será preparado para cirurgia, pois precisará colocar fixadores externos e haste intramedular com urgência.

Meus olhos se arregalam de pavor. Aquela maldita frase ecoa mais uma vez na minha mente e as lágrimas tomam conta de mim.

O médico respira fundo e continua.

— As primeiras horas são cruciais. Pelos exames que já fizemos, ele não corre nenhum risco maior, mas quando voltar do coma precisará passar por uma reabilitação para retomar os movimentos da perna esquerda. A perna direita não teve fratura, mas pela queda é provável que vá sentir dores.

Meu mundo para de girar no momento que ouço aquelas palavras. *Meu Deus, o que foi que eu fiz?*

Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto e soluços abafados brotam na minha garganta. Não consigo me segurar, não tenho mais forças para isso.

Olho para o André deitado na cama, imóvel, e aquilo acaba de me matar por dentro. Que dor, meu Deus. Que dor!

O médico se afasta para me deixar sozinha com ele e eu desabo.

Sento-me ao seu lado e seguro sua mão entre as minhas.

— Me perdoa, André. Me perdoa.

Eu digo essa mesma frase repetidas vezes, como um disco arranhado. Toda vez que eu penso no que aconteceu ontem, o desespero e a dor me preenchem ainda mais.

Em poucos minutos a enfermeira vem anunciar que o horário de visitas está chegando ao fim.

— Volte logo amor, preciso de você aqui. — Beijo sua testa e me levanto da cadeira. Enxugo as lágrimas e caminho em direção à porta. Não há nada que eu possa fazer a não ser esperar que ele acorde, e isso faz com que eu me sinta muito, mas muito pior do que já estou.

Meu celular dispara com mensagens da Flávia dizendo que está me esperando lá embaixo e desço ao encontro dela. A encontro no hall e sua expressão é de puro desespero. Léo também veio junto, e ver aqueles dois nesse momento era tudo que eu mais precisava.

Corro para os braços dela e a aperto com força; as lágrimas não param de rolar. Olho para o lado e Léo abre os braços para mim. Recebo aquele abraço de urso que só ele sabe me dar e desabo. Desabo com força, pois meu marido está em estado grave e a culpa é toda minha.

Contenho minhas lágrimas e junto minhas forças para contar a eles tudo que o médico me disse e no fim, estamos todos chorando, inclusive o Léo, com todo seu jeito brutamontes, deixa uma lágrima escapar.

Por pior que estivesse meu relacionamento com o André, ele não merecia isso. Nenhum de nós dois merecia passar isso.

Eu peço uma carona para eles, pois preciso ir embora desse lugar. Eu preciso sair daqui e respirar. Preciso ver meu avô desesperadamente; preciso do seu colo e do seu ombro mais do que nunca agora.

Sinto uma pontada de culpa por estar deixando ele sozinho no hospital

agora, mas infelizmente não há nada que eu possa fazer. O horário de visitas é restrito e eu sei que ele está sendo monitorado vinte quatro horas por dia. Ele vai ficar bem, eu preciso que ele fique bem.

Amanhã será um novo dia e eu estarei de volta. E voltarei quantas vezes precisar, até que ele acorde. Preciso que o meu amor acorde. Preciso que ele volte para mim; volte para que eu consiga respirar.

Capítulo 11

Cristina

O Léo e a Flávia me levam até o lar onde meu avô mora, pois eu preciso vê-lo antes de voltar para casa. Do caminho, ligo para os meus sogros para avisar sobre o acidente. É tão ruim dar uma notícia triste dessas a um casal tão especial, ainda mais por André ser o único filho deles. Meus sogros moram em outra cidade, no norte do estado, e por isso devem levar cerca de oito horas para chegarem até aqui, mas como a próxima visita, infelizmente, é só amanhã, eles tem tempo de vir com calma. Combinei de encontra-los às sete horas no hospital para conversar um pouco com eles antes de verem o filho.

Léo para o carro no estacionamento da Casa São Lucas e eu desço com as pernas bambas. Digo a eles que podem ir embora, que eu pego um *Uber* para voltar, mas Flávia é insistente quando diz que eles irão esperar por mim no carro. Tento contestar, mas é um esforço em vão, então apenas assinto com a cabeça e caminho trêmula rumo a recepção.

No balcão está Marina que me recebe com um sorriso largo que logo some ao ver a expressão dos meus olhos.

— Cristina! O que foi? Está tudo bem?

— Eu só preciso ver meu avô, Marina. Onde ele está?

— Vou confirmar para você agora. — Então a vejo pegando o telefone e ligando para alguém perguntando sobre ele. Eu não presto atenção em nada do que ela diz ao telefone, pois minha mente vagueia longe.

— Cristina?

Me recupero do meu devaneio e olho para Marina, que me chama aflita.

— Seu avô está no quarto dele, já o avisamos e ele está te esperando agora.

Balanço a cabeça e vou em direção ao elevador. Vejo que ela me chama de novo e eu ignoro. Acho que queria me pedir para assinar a relação de visitas, mas parece que ela desiste, pois sabe que eu não estou bem hoje.

Entro no elevador e aperto o botão para o terceiro andar. Segundos, que mais parecem horas, se passam e logo estou em seu andar. Caminho trôpega pelo corredor até encontrar a porta com o número trezentos e dezoito, onde bato com as mãos trêmulas. Lá de dentro ouço sua voz baixinha me convidando para entrar.

Abro a porta e o vejo sentado em sua cama, com um livro no colo e os óculos no rosto. Ver aquele rosto preocupado me olhando me faz desabar mais uma vez. Corro pelo quarto e me jogo na cama, deitando em seu colo. Eu fico ali por minutos, chorando e soluçando, sentindo suas mãos firmes acariciando meus cabelos. Vovô não diz uma única palavra, ele me deixa chorar e ficamos em silêncio por um longo tempo. O único som que vem do quarto são meus soluços e a respiração firme dele, que se mantém forte por mim, como todas as vezes que precisei dele.

Então me levanto do seu colo com cuidado, enxugando as lágrimas. Ele pega as minhas mãos e as segura com força; ainda não me disse nada, e pelo que vejo em seus olhos azuis, sei que está me esperando começar. Então começo a contar tudo para ele, desde a inauguração do escritório, passando pela briga e a forma como André saiu de casa, até o telefonema que recebi hoje de manhã. Ele me escuta com bastante atenção e vez ou outra enxuga

minhas lágrimas com o polegar. A parte mais difícil foi contar para ele sobre aquela maldita frase que ecoa na minha cabeça sem parar, que vem como um chicote rasgando a minha alma. Ele espera que eu termine e quando vê que eu não vou dizer mais nada, fala me olhando dentro dos olhos.

— Filha, a culpa não é sua, não fique se sentindo assim. Isso só vai fazer mal a você. O André precisa de você agora e precisa que você seja forte por ele, por vocês dois. Foi um acidente, Cristina, uma fatalidade. É algo que infelizmente não temos como controlar, pare de se julgar dessa forma.

— Eu sei, vô. Mas dói tanto. Eu não sei que horas ele vai acordar e como vai se sentir depois disso. Ele vai me odiar, eu tenho certeza. Se eu pudesse voltar atrás e desfazer tudo, eu faria. Se não fosse pela briga, ele jamais estaria no hospital agora.

— Não tem como você saber disso, minha filha. É algo que não está em nossas mãos.

Ele aperta minhas mãos com força e acaricia meus cabelos, pois já estou deitada em seu colo de novo, precisando de carinho. Eu preciso ser forte, eu sei, mas ainda não sei como. Não sei o que vai ser da minha vida daqui para frente e, principalmente, não sei como André vai reagir quando acordar. Será que algum dia ele vai me perdoar?

Respiro fundo e suspiro, me aninhando ainda mais no colo dele, e vejo o quanto eu precisava disso. Ele é minha dose de paz e de força nos momentos mais difíceis. Quando eu já não sei mais como caminhar sozinha, meu avô vem me guiar pelo caminho certo e jamais permite que eu me perca nessa vida.

Capítulo 12

Cristina

Tiro o celular do bolso e olho para o relógio, são sete horas. Meus sogros devem chegar a qualquer momento e eu estou realmente muito ansiosa por isso. Vim um pouco mais cedo para o hospital para ter notícias da cirurgia do André e consegui falar com o ortopedista que o operou. Graças a Deus a cirurgia foi um sucesso e não teve nenhuma complicação durante a operação. André já está com os fixadores externos e agora é só esperar ele acordar para dar início ao processo de reabilitação, e, segundo o médico, só depende dele agora.

Não dormi muito bem essa noite, embora não tenha dormido sozinha. Flávia insistiu em passar a noite comigo e eu nem sei como agradecê-la por isso. Acontece que fiquei virando de um lado para o outro a noite toda pensando no André, e com um medo terrível de que ele não consiga mais acordar. As palavras de meu avô ajudaram a tirar um pouco da culpa de dentro de mim, mas eu sei que só vou ficar bem quando ele acordar. Percebi que não há tempo para lamentações agora, eu preciso ser forte, pois sei que o André vai precisar de mim pelos próximos meses, até que se recupere totalmente. Por ele, eu darei o melhor de mim.

Ainda estou andando inquieta pelo corredor do hospital, quando ouço passos se aproximando de mim. Ergo o olhar e vejo a mãe de André me estendendo os braços com os olhos fundos e vermelhos. O pai dele vem logo atrás com um olhar distante, capaz de partir qualquer coração. Aquele casal

sempre significou muito para mim; eles me acolheram como se eu fosse filha deles, e mesmo com tudo que eu tenha passado com André nos últimos tempos, meu relacionamento com eles nunca se abalou.

Virgínia é uma mulher de cinquenta e cinco anos muito bem vestida. Professora aposentada, sempre anda bem arrumada e com os cabelos e unhas impecáveis. Ela é de estatura média, cabelos loiros curtos e olhos verdes vibrantes, bem diferentes dos que vejo agora. Ela tem o coração do tamanho do mundo, e eu a tenho como uma segunda mãe. Minha mãe hoje mora na Austrália com seu novo marido e nos falamos apenas virtualmente, então desde que o André entrou na minha vida, Virgínia tem feito o papel de mãe para mim, sempre disposta quando eu preciso.

Alex é o típico coroa de se ter inveja. Meu sogro é alto, de ombros largos e estrutura forte, aos cinquenta e oito anos é difícil encontrar algum aposentado, ou até mesmo ativo, com o seu porte físico. Isso se deve ao fato de ter sido bombeiro militar, tenho certeza disso. Os cabelos lisos que começam a falhar no centro, já estão bem grisalhos e seus olhos cor de amêndoa sempre foram intimidadores. Ele é um homem maravilhoso.

Eu amo demais esses dois, e vê-los tão arrasados como eu, faz meu mundo cair.

Fico alguns minutos abraçada com Virgínia, então sinto os braços largos de Alex me envolvendo também. Ficamos abraçados aos soluços por um tempo que parece durar uma eternidade, absorvendo a força que vem do outro e reunindo todos os nossos esforços para enfrentar a batalha que nos aguarda.

Quando nos separamos, Alex nos guia até umas cadeiras que estão desocupadas no canto e me sento no meio dos dois. Virgínia tenta recuperar sua voz e me lança um olhar arrasado.

— Cris, o que foi que aconteceu?

Conto a eles a mesma sequência de fatos que contei ao meu avô ontem, pulando a parte daquela maldita frase, pois ainda não estou preparada para dividir isso com mais ninguém. Quando termino de contar, eles estão segurando minhas mãos e apertando com força. Vejo que estão tão desolados quanto eu, as lágrimas rolando desenfreadas; o som dos soluços abafados preenche todo o ambiente ao nosso redor.

Alex interrompe nosso silêncio segurando as duas mãos na minha e procura encontrar firmeza em sua voz.

— Cristina, não se martirize por isso. O André poderia ter se acidentado a qualquer momento, ele está vulnerável toda vez que sobe naquela moto. Ele sabia dos riscos; o fato de terem discutido não interferiu nisso, querida. — Ele me lança um olhar compreensivo e logo minha sogra também aperta minha mão concordando com o marido. Eu nem sei mais se mereço o amor deles, eles são extraordinários.

Enquanto não chega o horário de visitas ficamos sentados conversando, e conto a eles o quadro que o médico me passou ontem e o resultado da sua cirurgia. Eles já respiram um pouco mais aliviados por saberem que ele não corre risco de vida, mas isso não dissipa a aflição que estamos sentindo. Não precisamos dizer nada, mas sinto que cada um de nós espera desesperadamente que ele acorde.

Os minutos se passam e eu já estou ficando mais tranquila, a presença deles é muito reconfortante. Virgínia me pergunta da reinauguração do escritório para mudar um pouco de assunto e eu tento contar com um pouco de empolgação como ficaram as coisas após a reforma. Tento não lembrar muito da ausência do André nesse dia e me focar apenas nas coisas boas e no sucesso que foi, pois pensar nisso faz eu me sentir ainda pior.

O horário de visitas chega e após recebermos os nossos crachás, aguardamos pela entrada. Dividimos o tempo para que nós três possamos vê-lo um pouco e permito que Virgínia entre primeiro, é claro. Ela aperta as minhas mãos e me dá um abraço forte, como se estivesse me pedindo forças para conseguir entrar. Eu não sei se sou a melhor pessoa para isso agora, mas consigo dizer que vai ficar tudo bem, com uma voz que definitivamente não é a minha.

Enquanto aguardamos pela volta dela, um silêncio ensurdecedor paira entre mim e meu sogro. Ele está tão ansioso quanto eu e é nesses momentos que eu vejo como a espera é dolorosa.

Virgínia volta depois de alguns minutos e abraça meu sogro em silêncio, o deixando entrar. Ela se vira para mim e me olha, tentando buscar consolo em meus olhos que infelizmente são incapazes de dar.

— Ele vai ficar bem, Cris. Eu sei que vai. Ele vai acordar; precisamos que ele acorde. — Diz em meio às lágrimas. Eu ainda não sei ao certo se ela disse isso para mim ou para si mesma.

Ainda estou nos braços dela quando vejo meu sogro voltando. O olhar desnortado dele e seus ombros caídos me fazem perder o chão. Ver um homem tão forte e destemido assim tão abalado me faz questionar se eu serei capaz de suportar tudo isso.

Olho para minha sogra ainda nos meus braços e aperto suas mãos.

— Vi, amanhã poderemos vê-lo de novo no mesmo horário, ok? Faremos isso até que ele receba alta da UTI. Vocês podem ficar lá em casa enquanto estão na cidade, são muito bem-vindos.

Ela me abraça com força e me dá um beijo no rosto em gratidão.

— Tudo bem, Cris, mas não se preocupe com isso, preciso visitar a minha irmã de qualquer forma, então devemos dormir por lá mesmo. Mas

amanhã nos encontramos aqui de novo, e se você precisar de alguma coisa, ou se sentir sozinha, nos avise que vamos logo ficar com você.

— Obrigada, querida. Eu não estou dormindo sozinha, a Flávia se prontificou a passar a noite comigo esses dias, quanto a isso não precisa se preocupar. Mas digo o mesmo para vocês, se precisarem de mim basta chamar.

Ela balança a cabeça assentindo e quando percebo meu sogro está ao meu lado apertando meu ombro, me encorajando a entrar.

Despeço-me deles com carinho e passo pela portaria, repetindo os mesmos procedimentos de ontem. Lavo as minhas mãos e esfrego álcool em gel enquanto vou andando pelo corredor procurando pelo leito do André.

Quando chego à entrada, uma enfermeira está ajeitando o soro no braço do meu marido e me cumprimenta, logo passando por mim e nos deixando a sós.

Olho para ele e me sento ao seu lado, pegando sua mão com cuidado. Ele continua respirando tranquilamente e seu semblante é tão sereno que quase me faz esquecer de todo o sofrimento que estamos passando.

Lembro-me de ter visto em algum lugar que algumas pessoas que estão em coma, quando retornam, se lembram de tudo aquilo que dissemos a elas. Eu me agarro a essa esperança e começo a conversar com ele para que não se sinta tão sozinho.

— Oi, amor. Queria tanto saber como você está se sentindo agora, olhar nos seus olhos de novo. Por favor, acorde. Preciso de você comigo, nem que seja para me atormentar. — Sorrio entre as lágrimas.

— Me perdoe por tudo que eu te disse naquele dia. Queria tanto que você não tivesse saído feito um louco em cima da sua moto e que você estivesse bem agora... Queria ter a certeza de que você vai se recuperar e tudo

vai voltar a ser como antes.

Respiro fundo soltando um suspiro e continuo, minha mão segurando a sua, faço círculos carinhosos com o polegar.

— Sinto sua falta, sabe? Aquela casa não é a mesma sem você. Não tem meias espalhadas pela sala nem toalha molhada em cima da cama, muito menos copos em todos os cantos. — Solto uma risada sem graça. — Sinto falta do seu sorriso, do seu olhar e até da cara de bravo que você me lança certas horas. Por favor, André, acorde. Preciso que você esteja de volta comigo para fazer minha vida voltar a dar certo. Eu estou desnorteada sem você. Eu te amo demais e realmente preciso que você volte. Acorda, amor.

Sinto que seus dedos deram um aperto na minha mão e arregalo os olhos. Olho para seu rosto e a expressão continua a mesma. A respiração e os batimentos continuam iguais. Olho para sua mão que continua solta sobre a minha. Eu não sei se imaginei coisas, mas sei o que eu senti: senti seus dedos apertarem a minha mão, disso eu não tenho dúvidas. E se isso é um sinal de que tudo vai dar certo, então eu me agarro a essa esperança e deposito todas as minhas fichas. Aperto ainda mais a sua mão e as lágrimas começam a surgir sem que eu consiga me controlar. Eu preciso desesperadamente tê-lo de volta comigo.

Capítulo 13

Cristina

— Aonde você pensa que vai? Nós ainda não terminamos a nossa conversa.

— Vou dar uma volta. Não tenho mais nada para conversar com você.

Ele vira de costas e bate a porta com tanta força que eu me assusto. Se ele pensa que eu vou ficar aqui parada enquanto temos tanto a conversar, ele está muito enganado.

Pego minha bolsa e as chaves e saio do apartamento trancando a porta. Entro no elevador e de lá escuto o ronco da sua moto ganhando vida.

Ódio. Ódio me define.

O elevador se abre e eu saio apressada em direção ao meu carro. Preciso sair a tempo de acompanhá-lo. Vou segui-lo até o quinto dos infernos se for preciso, para que ele pare para conversar comigo e aprenda a não me deixar falando sozinha. Nunca mais.

Entro no carro e viro a chave, ligando o motor. Saio da garagem e sinto a luz do sol entrando e invadindo toda a minha visão. Ouço o ronco de sua moto ao longe e forço a visão para tentar enxergá-lo em meio à tamanha claridade.

E é quando vejo uma jaqueta preta bem ao final da avenida e já sei qual direção devo tomar.

Acelero o carro e corto direto em todos os cruzamentos, sem nem olhar para os lados. Hoje não estou sendo guiada pela razão, estou sendo guiada

pelo ódio, pela fúria e pela mágoa.

Acelero o máximo que posso para diminuir a distância entre nós dois e consigo vê-lo apenas alguns metros diante de mim. Um riso fraco começa a se formar no canto dos meus lábios e logo se transforma em uma gargalhada. Gargalho alto enquanto acelero o carro acompanhando-o. Não sei se ele me viu, mas logo vou ultrapassá-lo e farei com que ele encoste sua moto.

Piso fundo no acelerador e o velocímetro chega a cento e sessenta quilômetros por hora. Quanto mais eu acelero, mais eu gargalho. Gargalho tanto que meus olhos se fecham.

E por uma fração de segundos que passo com os olhos fechados, eu sinto um baque.

Abro os olhos e minha risada some. Uma moto está caída no chão, debaixo do meu carro.

O motociclista parou em uma faixa de pedestres e eu não vi. Estava correndo tanto que bati com tudo na moto e ele voou longe.

Desligo o carro e abro a porta, saindo apressada.

Olho a moto no chão e sinto o sangue do meu corpo inteiro se esvair. É a moto dele, a moto do André.

Olho para a direita e vejo meu marido caído no chão a alguns metros, imóvel.

Corro até lá e caio no chão diante dele. O capacete se abriu com o impacto e posso ver seu rosto sangrando.

Não, não, não...

Seguro seu rosto com as mãos e seu sangue escorre sobre mim.

Ele está com os olhos abertos e me olha com um olhar de quem julga.

— André, acorde. Por favor, fala comigo! — O sacudo incontáveis vezes, mas ele não se mexe. Coloco minha mão no seu peito e não sinto sua respiração, nem seu coração.

O desespero me domina. Eu grito. Choro. Soluço. Berro.

As pessoas passam por mim e não se aproximam. Elas cochicham entre si e apontam o dedo para mim.

Eu abaixo os olhos e olho mais uma vez para o rosto do meu marido. Seus olhos não tem vida, mas ainda assim me julgam. Por trás deles eu vejo toda raiva que ele sente de mim.

Eu matei meu marido... Não... Isso não pode estar acontecendo...

— Me perdoa, André, me perdoa.

— Me perdoa, André, me perdoa.

— Cris? — Sinto alguém me sacudindo.

— Me perdoa, André, me perdoa.

— Acorda, Cris. — Esse alguém me sacode ainda mais e eu consigo abrir os meus olhos.

Flávia está parada na minha frente com os olhos preocupados.

— Vem cá, amiga.

Ela me puxa para seu abraço e eu desabo. Choro pelo sonho horrível que eu tive e pela triste realidade que me ronda.

E se o André nunca mais acordar? Então eu terei matado meu marido, assim como no sonho.

O meu choro e meus soluços colocam para fora tudo aquilo que não consigo colocar em palavras agora. Choro no colo da minha amiga e continuo assim por horas.

Ficamos em silêncio por todo esse tempo; meus soluços abafados em

seu abraço e Flávia me apertando e acariciando meus cabelos, me confortando. Eu não sei se vou suportar tudo isso, eu não sei até onde eu consigo ir.

Eu luto contra o sono, por medo de encontrar meu maior medo de novo, mas por fim as lágrimas me vencem e meus olhos se fecham...

Capítulo 14

Cristina

Estou sentada mais uma vez no corredor do hospital enquanto Virgínia está com o André. Hoje ela foi a última a entrar para a visita, então eu e Alex aguardamos por ela, desnorteados como sempre.

Por mais que tentemos iniciar alguma conversa, está praticamente impossível mantermos algum assunto. O que está acontecendo ao nosso redor é muito maior do que isso e a tensão é inevitável.

Estou com as mãos suadas de tanto apertá-las, e o esmalte já se soltou das minhas unhas de tanto puxá-lo.

A situação ainda é delicada; já faz seis dias que o André está em coma e não fazemos a menor ideia de quando ele vai acordar. Os médicos não conseguem nos dar uma previsão, e dessa forma fica impossível conseguirmos controlar nosso desespero. A sensação de que ele nunca mais vai acordar é horrível e a dor é agonizante. Eu sinto um nó na garganta, uma falta de ar, toda vez que penso nessa possibilidade. Por mais que eu tente evitar, é praticamente impossível não pensar nisso. A incerteza é a pior coisa. Não saber o que nos aguarda é angustiante, e a espera, terrivelmente dolorosa.

Levanto a cabeça e vejo minha sogra se aproximando de nós com seu olhar desolado. Além de precisar enfrentar a minha dor, tenho que segurar a barra pelos meus sogros, que estão tão ou mais desesperados do que eu.

Ela chega e se senta ao meu lado pegando minhas mãos, então a sinto

desmoronar. Virgínia desaba nos meus ombros de uma forma que eu nunca vi antes; ela chora, soluça e tenta não gritar, mas seus soluços ecoam por todo o corredor do hospital.

Alex está de pé à nossa frente com as mãos no bolso, nos observando. Ele não se aproxima muito para nos dar liberdade, mas fica de prontidão caso seja necessário.

Eu começo a afagar as mãos dela, apertando-a e tentando transmitir uma segurança que nem eu mesma tenho, fico repetindo que tudo ficará bem.

— Como vai ficar bem, Cris? Ele não vai acordar! Meu menino não vai acordar. Já faz seis dias que ele está inconsciente e eu não tenho garantia alguma de que ele vai acordar ou de quando isso vai acontecer. E se ele não voltar? E se ele nunca mais acordar? E se...

Ela mal consegue completar a frase e começa a soluçar sem parar. Lágrimas brotam nos meus olhos e descem como rios. Eu estava tentando me conter, mas não dá, pois sei exatamente o que ela está sentindo agora. Eu também me faço essas mesmas perguntas todos os dias, só não tive coragem de dizê-las em voz alta. É doloroso demais e eu não quero que minhas palavras tenham poder de novo, não com tanta coisa ruim acontecendo. Eu preciso que dessa vez seja diferente.

— Ele vai acordar, Vi. Eu sei que vai. O André é muito forte, ele vai conseguir sair dessa, precisamos ter fé. É a única coisa que podemos fazer agora. Ter fé de que ele vai conseguir e vai voltar.

— Eu preciso que ele volte, Cris. Meu filho precisa acordar. Eu preciso dele comigo, não posso perder meu menino.

As palavras dela atingem minha alma como um chicote, abrindo ainda mais a ferida. Eu também preciso que ele volte; não sei o que será de mim se ele não acordar. Então solto suas mãos molhadas e a puxo em um abraço

apertado, tentando diminuir um pouco as nossas aflições. Abraço-a com força e sussurro em seu ouvido.

— Ele vai voltar, não se preocupe. Ele vai ficar bem, todos vamos ficar bem. Eu tenho fé.

Repito isso inúmeras vezes enquanto estamos abraçadas, só não sei se estou dizendo isso para consolá-la ou para que dessa vez a vida me ouça, mas repito essas palavras incansavelmente porque precisamos disso. Precisamos ter fé, precisamos ter esperança. Ele vai voltar, eu sei que vai. Não vou descansar até que ele esteja conosco de novo.

Não sei se foi efeito das minhas palavras ou do meu abraço, mas aos poucos minha sogra vai se acalmando e todo aquele desespero vai se apaziguando. Quando os soluços se tornam um fungado baixo, Alex vem se sentar ao nosso lado. Ele puxa minha sogra para seus braços e fica mexendo nos seus cabelos.

Eles ficam ali abraçados por um longo tempo e eu permaneço absorta em meus pensamentos, com uma frase ecoando na minha cabeça sem parar: Ele precisa voltar.

Depois de um tempo em silêncio, eles se levantam e vêm se despedir de mim. Eu os abraço com ternura e digo mais uma vez que vai ficar tudo bem.

Quando me viro em direção oposta à deles, minha sogra me pergunta:

— Você não vai para casa?

— Daqui a pouco. Preciso ir ao banheiro antes.

Ela assente com a cabeça e se junta ao marido para ir embora.

— Até amanhã, Cris.

— Até, Vi. Amanhã teremos notícias melhores.

Ela simplesmente balança a cabeça e começa a andar em direção à

saída do hospital.

Eu solto os meus ombros e respiro fundo, então começo a andar de cabeça baixa pelo corredor. As lágrimas já pararam de cair, mas eu ando sem direção, me esquecendo de onde estou e para onde estou indo.

Depois de atravessar o corredor e virar à esquerda, vejo a placa indicando os toaletes na segunda porta a direita.

Entro no banheiro e vejo que estou sozinha, então olho para o espelho e o que eu vejo não é nada parecido comigo, é uma versão bem piorada de mim mesma, talvez uns dez anos mais velha. Meus cabelos estão presos, sem vida alguma. O rosto está vermelho e os olhos estão roxos e fundos.

Eu estou exausta. Todos esses dias que tenho passado sem dormir direito, comendo muito mal e chorando sem parar estão acabando comigo. Eu não sei por quanto tempo mais eu vou aguentar toda essa pressão. Na verdade eu não sei como não surtei ainda.

Continuo encarando o espelho e as imagens dos últimos acontecimentos inundam a minha mente. As lembranças do dia da inauguração e da briga voltam para tirar o meu equilíbrio. O pensamento de que eu poderia ter feito tudo diferente faz meus lábios tremerem, e as lágrimas, que tinham cessado, retornam teimosas. Então minha visão no espelho se torna apenas um borrão.

Eu abro a torneira da pia e deixo a água fria cair em minhas mãos. Depois de alguns segundos, começo a jogar água no rosto; as lágrimas se misturam com as gotas d'água e aos poucos eu vou conseguindo cessar novamente o choro. No fim, é apenas água em meu rosto. Água que lava a minha pele, a minha alma e a minha dor.

Fico mais um tempo me lavando antes de fechar a torneira e pegar o papel toalha. Seco meu rosto e minhas mãos. Volto o olhar para o espelho e a

sensação é um pouco melhor.

Saio do banheiro e começo a andar de cabeça baixa de novo. Eu estou tão perdida em meus pensamentos que nem vejo que estou tomando a direção oposta à saída. Vou divagando pelo corredor até que o barulho de um enfermeiro que passa por mim empurrando uma maca me faz olhar para cima, só então percebo que estou perto de uma capela. Eu nem sabia que tinha uma capela aqui, pelo menos nunca tinha visto antes.

Caminho devagar até ela e parece que estou sendo puxada por um imã. Eu nunca fui muito religiosa, mas sempre acreditei em Deus e aprendi muito sobre fé com a minha mãe.

Olhar para a capela me faz lembrar dela. Conversamos ontem por *Skype* e ela se lamentou mais uma vez por não poder estar aqui comigo. Conversamos por horas, ela sempre me encorajando e me pedindo para ser forte agora, mas algumas de suas palavras ficaram gravadas em minha mente: *“Reze, minha filha. Não há muito o que ser feito. André está em boas mãos. O que nos resta agora é dobrar os joelhos e pedir a Deus que nos ajude. Tenha fé, ele vai ficar bem.”*

Então vejo que não deve ter sido o acaso que me trouxe até essa capela que eu nem mesmo conhecia. Olho para dentro e vejo que está vazia. Entro devagar, caminho até o primeiro banco e me sento. Olho para a cruz pendurada no alto da parede e peço com toda força que existe dentro do meu ser:

— Deus, me ajude. Ele precisa acordar. Não posso suportar perdê-lo, ele é importante demais para mim. Por favor, me ajude. Eu não tenho mais a quem recorrer. — Eu não sei como essas palavras saem com nitidez da minha garganta, pois estou aos soluços de novo. E se eu pensei que já havia chorado tudo, dessa vez desabo com força. Eu me desfaço em lágrimas enquanto

imploro a Deus que atenda ao meu pedido e traga meu marido de volta.

A dor rasga a minha alma e quase me sufoca. Todo esforço que eu fiz esses dias para me manter forte para os meus sogros, acaba de ruir. Eu choro, soluço, e em meio as incontáveis lágrimas, começo a me questionar: *Por que? Por que isso foi acontecer logo comigo? Por que a vida tem sido tão injusta? Por que ele não acorda de jeito nenhum?* O eco dos meus soluços atinge todo o ambiente e ganha mais força, mas eu não me importo com isso, não agora, quando tudo parece desmoronar ao meu redor.

Sem perceber eu sento no chão, abraço os joelhos e deito a cabeça sobre eles. Eu me balanço para frente e para trás, acompanhando o ritmo dos meus soluços, e todos aqueles “porquês” voltam ao meu pensamento, me fazendo chorar ainda mais alto.

Enquanto as lágrimas continuam saindo dos meus olhos e gemidos da minha garganta, eu faço minhas preces novamente a Deus, implorando para ser atendida. Eu preciso desesperadamente que ele acorde, a dor da incerteza é sufocante demais para mim. Ele precisa viver.

Capítulo 15

Cristina

Depois de ficar um bom tempo sozinha na capela e colocar tudo para fora, aos poucos fui me acalmando. Eu estava precisando disso, precisava aliviar a carga que venho suportando por tantos dias.

Dei uma passada no escritório antes de vir para casa para ver como estão as coisas, pois quase não tenho pisado lá nos últimos dias. Com tanta coisa acontecendo, está bem difícil pensar em trabalho. Minha sorte é que Karina está me ajudando muito mantendo as coisas em ordem enquanto estou fora. Os projetos que eu peguei vão atrasar, infelizmente, mas pelo menos os meus clientes entenderam a situação. Porém não vou poder ficar adiando por muito mais tempo.

Assim que o André acordar do coma e eu estiver mais tranquila, vou conseguir me dedicar mais ao trabalho. Minha esperança é de que isso vai durar pouco tempo e logo vou conseguir acertar tudo.

Estou abrindo a porta do apartamento quando ouço meu celular tocar dentro da bolsa. Acabo de entrar e pego o telefone para atender.

— Oi, Augusto. — Atendo a ligação do sócio e amigo de longa data do André. Ele passou no hospital essa semana para ver como meu marido estava e tem me dado uma força incrível. Sei que ele sente muito a ausência de seu parceiro e está na mesma aflição que eu, e confesso que ter o apoio dos amigos nesse momento difícil está sendo muito valioso para mim e para os meus sogros.

— Oi, Cris. Tudo bem?

— Ah, estou levando... E você?

— Na mesma, querida. Como está nosso garoto? Alguma novidade?

— Ainda nada. Seu quadro continua estável, só nos resta mesmo esperar.

Suspiro enquanto me sento no sofá. Infelizmente nossa situação é essa, esperar todos os dias e torcer para que um milagre aconteça e o André acorde e nos tire desse tormento.

— *Ele vai acordar, Cris, não vai demorar. O cara é durão, não vai ser derrubado fácil.*

Ele ri sem graça no telefone e eu solto um sorriso fraco. Ultimamente não tenho tido muitas forças para sorrir.

— Eu sei que vai, Augusto. Estou contando com isso.

— *Bom, qualquer novidade me avise. E se precisar de alguma coisa, só me ligar, ok? Estou à disposição.*

— Tudo bem, aviso sim. Obrigada, de verdade.

— *Imagina. Logo isso tudo vai acabar, você vai ver. Até logo, Cris.*

— Até, Augusto.

Desligo o telefone e fico olhando para a tela do celular. O papel de parede é uma foto que tirei com o André em uma viagem que fizemos há três anos. Naquela época a nossa realidade era bem diferente da de hoje, éramos felizes com coisas simples, com momentos passados juntos.

Sorrio ao lembrar desses momentos e uma lágrima teimosa escorre. Eu não sei como será nosso relacionamento depois que ele acordar do coma e passar pela reabilitação, mas espero, do fundo do coração, que ainda haja aquela luz no fim do túnel, que nem tudo tenha se perdido, que possamos

tentar outra vez.

Levanto do sofá e vou em direção ao quarto. Olho para nossa cama e respiro fundo, relaxando os ombros. É tão estranho voltar para casa todos os dias sozinha.

Eu havia me acostumado com sua companhia, afinal são cinco anos dividindo o mesmo teto, e me parece tão errado ele não estar aqui. Meu coração está machucado de fato, por tudo que ele me disse e fez nos últimos tempos, mas aquela parte apaixonada ainda torce para que tenhamos a chance de nos acertarmos, afinal, são oito anos juntos, oito anos amando a mesma pessoa, e por mais que estejamos passando por um período difícil, meus sentimentos por ele não mudam. É impossível deixar de amá-lo.

Abro as portas do lado do guarda-roupa que pertence a ele e sinto um aperto no coração. Suas roupas estão lá, da mesma forma que deixou na sexta-feira passada. Seu cheiro está presente em todos os lugares e eu sinto uma saudade esmagadora.

Pego uma camisa polo no cabide e dou passos lentos em direção à cama. Sento e respiro fundo o cheiro que vem dela, como se eu precisasse disso para me trazer um pouco de paz, como se isso pudesse trazer um pouco do André para dentro de mim.

Amar dói demais, e sentir saudade de quem amamos, mais ainda. Sentir o cheiro do meu marido me faz lembrar do seu sorriso, da sua risada e até da sua cara fechada. Por um momento, me faz pensar que ele está aqui do meu lado e que nada disso aconteceu.

Ainda abraçada a sua camisa, deito na cama. Preciso relaxar um pouco antes que a Flávia chegue. Ela tem feito muito por mim esses dias, mas a presença dela aqui em casa só me faz lembrar de que tem algo de muito errado acontecendo.

Fecho os olhos e viro de lado na cama, me aninhando ainda mais ao seu cheiro. Me agarro a esse pedaço de pano como se fosse tudo que eu tenho dele agora, como se sentir um pouco dele junto a mim fosse suprir um pouco o meu vazio. Não sei se funciona, mas com um tempo, meu coração antes descompassado, começa a bater em seu ritmo normal, me dando uma esperança súbita de que algo de bom está por vir.

Capítulo 16

Cristina

Chego ao hospital hoje com um pouco mais de confiança. A experiência que eu tive ontem me ajudou bastante, me fez desafogar um pouco os sentimentos ruins e me encorajou a continuar. Eu fui tomada por uma esperança que nem eu sou capaz de explicar, e aquele pensamento de que ele não vai mais acordar deixou de existir na minha cabeça.

Estou na fila novamente aguardando o início das visitas ao lado dos meus sogros. Hoje eles estão um pouco calados, sei que estão ficando esgotados e me sinto mal por eles. São pessoas maravilhosas e não merecem estar passando por tudo isso, mas sei que dias melhores virão.

Hoje eles me deixaram entrar primeiro, e quando o hospital libera a entrada dos visitantes, caminho em silêncio até o leito do meu marido; chego e me sento ao seu lado. Ele continua com o mesmo semblante tranquilo, como todos os dias. Depois da cirurgia os médicos removeram o respirador automático que estava preso em sua boca, mas precisaram colocar uma sonda de alimentação que passa pelo nariz. Sei que isso é necessário, mas ainda assim é difícil vê-lo tão frágil.

Aproximo meu rosto do dele e beijo sua bochecha. Passo a mão pelos seus cabelos, que estão bagunçados, e penteio com os dedos. Desço meus dedos pelo seu rosto e faço o contorno dele, acariciando.

Passo os dedos pelos seus olhos e suspiro: como sinto falta de olhar aqueles olhos verdes marcantes. Os hematomas que estavam no rosto dele há

uma semana já estão sumindo, e a beleza da sua pele está aparente de novo.

Desço os dedos pela sua bochecha e vejo como sua barba está grande. Ele está com aparência semelhante àqueles lenhadores de filme americano, e nem por isso deixa de ser absurdamente lindo. O tempo foi muito generoso com o André, cada dia que passa ele fica mais bonito.

Faço o percurso da barba e chego aos seus lábios. Aqueles lábios vermelhos e carnudos que fizeram meu coração derreter na primeira vez que o vi. Estão quentes e percebo como sinto falta de beijá-los.

Já não nos beijamos com a mesma frequência de antes, e a lembrança disso me traz um aperto no coração. Como sinto falta dos seus beijos! Ando tão desesperada ultimamente que nem me lembrei de beijá-lo nenhum dia desde que estive aqui.

Me abaixo um pouco mais e encosto meus lábios nos seus. Sei que ele não pode me sentir agora, mas essa é uma das formas que tenho de dizer a ele que estou aqui.

Ajeito meu corpo na cadeira e pego sua mão com cuidado. Aperto meus dedos entre os seus, que estão quentes, e dou um beijo no seu dorso.

— Bom dia, capitão.

Eu sorrio com essa lembrança, pois já faz um bom tempo que eu não o chamo assim e flashes de um dia não tão distante surgem na minha cabeça como um borrão. O dia que mudou toda a minha vida.

De repente me sinto naquela época de novo, como se tivesse olhando para ele pela primeira vez e a sensação que sinto é a mesma de antes, como se me apaixonasse por ele mais uma vez.

Volto minha atenção para ele e começo a conversar.

— Estou morrendo de saudades de você, amor. Queria muito que você pudesse me escutar agora.

Acaricio sua mão com meus dedos e sorrio para ele.

— Eu sei que ultimamente não estamos vivendo a melhor fase do nosso casamento e se dependesse apenas de mim, eu mudaria isso e faria com que tudo voltasse a ser como antes.

— Sinto sua falta, sabe? Falta dos seus beijos, do seu carinho e do seu sorriso. Sinto falta da época que além de companheiros, também éramos amantes. De cada momento que passávamos juntos e como nos divertíamos na companhia do outro, mesmo sem fazermos nada.

— Eu prefiro acreditar que isso é só uma fase ruim e que vai passar, afinal, temos uma vida inteira pela frente, certo? Ainda temos muito tempo.

Sorrio para ele mais uma vez e puxo sua mão para mais um beijo.

— Você é o meu melhor amigo e também o amor da minha vida. Você deve saber que me machucou muito e que meu coração ainda dói por tudo que você me fez, mas mesmo assim eu tenho esperança de que possamos nos acertar. Eu amo você demais, André. Eu me casei com uma pessoa maravilhosa e queria que ela voltasse a ser quem era antes. Infelizmente o tempo não nos favoreceu, e ao invés de nos unirmos mais, acabamos nos afastando e isso me dói de verdade. Porque o que eu mais queria nessa vida é ter você ao meu lado, me apoiando, cuidando de mim e me amando.

— Mas eu não perdi as esperanças. Se você ainda me quiser, eu vou lutar por nós dois. Nosso casamento é o bem mais precioso que eu tenho e ter você ao meu lado é tudo o que importa para mim. Eu te amo e estou aqui esperando você voltar.

Sinto como se ele estivesse sorrindo para mim agora ao ouvir tudo que estou dizendo para ele. Como sinto falta do seu sorriso; aquele sorriso largo, com os dentes perfeitos, capaz de derreter qualquer coração... o meu sorriso favorito.

Quando termino meu monólogo com ele, olho para o relógio e vejo que meu tempo já está chegando ao fim. Preciso sair para que meus sogros possam ficar um tempo com ele também. Levanto para me despedir dele e dou um beijo demorado em seu rosto.

— Volte logo, capitão. Sinto sua falta. O mundo não é mais o mesmo sem você aqui.

Dou um beijo em sua testa, brincando com seus cabelos, e digo que o amo em um sussurro. Aperto sua mão e a beijo mais uma vez antes de soltar, e me virar em direção à porta.

É a primeira vez nesses sete dias que eu não choro em uma das minhas visitas e me sinto leve por isso. Espero que a tranquilidade que vem de dentro de mim seja capaz de chegar até ele.

Me viro para olhar para ele mais uma vez antes de sair do seu leito e jogo um beijo. Rio sozinha e percebo mais uma vez como sinto sua falta, como mesmo com nossos problemas, a vida é bem mais sem graça sem ele. Então caminho de volta pelo corredor com uma certeza súbita que o fim desse tormento está bem próximo.

Capítulo 17

Cristina

Oito anos antes

— Oi, gata. — Atendo a ligação da Flávia no meu celular. Hoje é sábado e estou pirando fazendo um projeto mega difícil da faculdade. Não vejo a hora de me formar logo e ficar livre disso.

— Cris, vamos ao Caverna hoje? A banda do Léo vai tocar lá junto com a Nightrain. — Caverna é um pub no centro da cidade onde tocam bandas de rock. A Flávia sempre tenta me arrastar para os shows do Léo e todas às vezes eu tenho uma desculpa porque nunca estou muito a fim. Ele é baterista na Transylvania, banda que toca cover do Iron Maiden. Eu curto a banda, mas a preguiça sempre me vence.

— Ah, Flá, sério? Eu tô estourando meus miolos aqui com aquele projeto da hidrelétrica e não sei se estou com clima de sair hoje.

— Poxa Cris, vai me dar o cano de novo? Tira essa bunda da cadeira, gata. Você vai surtar se passar o fim de semana inteiro nesse trabalho. Sair vai te fazer bem, sério! Além do mais, vai perder o cover da sua banda favorita?

Golpe baixo. Ela sabe que eu sou doida para ver o pessoal que toca cover de Guns n' Roses, pois sou alucinada por eles. É horrível admitir que ela esteja certa, mas eu preciso sair de casa e distrair minha cabeça, senão vou acabar surtando mesmo.

— Ok, você venceu. Mas vou só pela Nightrain, não por você. — Rio, sabendo que ela está revirando os olhos do outro lado da linha. — Que horas você passa aqui?

— Te pego as dez, mocinha, para dar tempo de você assistir a primeira banda. Você vai curtir, tenho certeza.

— Beleza, então até mais tarde. — Desligo o telefone. Acho que vai ser bom eu sair de casa hoje. Pelo menos fazer algum programa diferente de estudar, assistir séries e ler livros. E também estou devendo ver um show do Léo, é um absurdo eu ser amiga da Flávia há tantos anos e nunca ter visto seu namorado tocar. Espero que valha mesmo a pena.



Termino meu banho e saio do banheiro com a toalha enrolada no corpo. Chego ao meu quarto e abro a porta do guarda-roupa procurando pelo que vou vestir. Eu nunca fui a esse tipo de ambiente, mas pelas fotos que a Flávia me mostra, dá para eu ter uma noção de como é. Então escolho uma regata preta com um decote discreto, minha jardineira jeans curta e calço minhas yellow boots. Solto meus cabelos que já estão quase na altura da cintura e coloco brincos de argolas e algumas pulseiras. Faço uma maquiagem leve, destacando meus olhos e finalizo com batom vermelho.

Olho para o espelho e gosto do que vejo. Passo perfume e vejo meu celular vibrando, indicando que a Flávia já está lá em baixo. Pego minha bolsa preta e saio do apartamento, trancando a porta. Minha mãe saiu mais cedo com o Edgar e eu avisei que não tinha hora para chegar hoje. Ela sempre fica feliz quando saio de casa porque acha que eu estudo demais. Ela é diferente de todas as mães que conheço.

Desço as escadas e logo estou na portaria do meu prédio. Flávia já acena para mim de dentro do carro. Abro a porta de trás e entro. Ela está muito eufórica com a minha ida e eu espero não desapontá-la hoje.

Nosso trajeto de carro durou cerca de vinte e cinco minutos, e a Flávia não parou de falar um momento sequer. Ela é muito agitada e super alto astral, e muitas vezes me pergunto como somos amigas sendo tão diferentes. Ela é o oposto de mim em praticamente tudo. Ela tem mais de trinta tatuagens e cinco piercings, usa moicano azul e suas roupas são super descoladas. Ela tem um estilo próprio que ninguém mais tem e fica absurdamente linda. Eu já sou mais reservada, não tenho tatuagem nem piercing, sou uma garota comum. E o que eu mais amo nela, é que me respeita e gosta de mim do jeito que eu sou.

Paramos no estacionamento e ajudamos o Léo a descer com os instrumentos do carro. Eu fiquei com a parte leve, é claro. Carreguei só o microfone e as baquetas. A Flávia e ele carregaram o restante das coisas. Eu nem sabia que se levava tanta coisa para um show.

Entramos dentro do pub pela entrada lateral, que é reservada aos músicos. Ser amiga de alguém que tem banda tem lá suas vantagens. Na verdade, fingir que é da banda tem suas vantagens. Passamos pelo bar do pub e olho ao redor, é um lugar bem diferente daqueles que estou acostumada a ir, mas é perfeito. O ambiente tem a iluminação mais baixa, com abajures suspensos. O balcão do bar fica na lateral esquerda e mesas com banquetas altas são distribuídas no canto direito. Ao lado, tem uma área descoberta para fumantes. Mais a frente tem mesas de sinuca e fliperamas.

Descemos alguns degraus e chegamos a um andar subterrâneo onde fica o palco e ele é ainda maior do que o andar que estávamos antes. Aqui embaixo é climatizado e tem umas mesas de sinuca e outro bar no lado direito. Não tem muitas mesas, mas várias banquetas são distribuídas pelo

espaço. Eu estou encantada por esse lugar, é muito aconchegante, tem uma energia muito boa e as melhores músicas do rock saem pelas caixas de som.

Chegamos perto do palco e entramos em uma porta lateral que leva a uma salinha onde o pessoal das bandas deixam os instrumentos. Ajeitamos as coisas do Léo com cuidado e saímos. O pessoal da primeira banda, a Nightrain, já está no palco passando o som. Eu os observo mexendo nos instrumentos e testando tudo quando meus olhos param em um cara. Ele está com uma guitarra preta nas mãos e está testando alguns pedais, brincando com alguns acordes. Quando ele ergue a cabeça e seus olhos se encontram com os meus, eu sinto a Terra parar de girar. Ele é a perfeição em forma humana, se é que existe. Ele é alto e tem um corpo maravilhoso, ressaltado pela regata branca que está usando. Os braços são muito bem torneados. Os cabelos são castanhos claros, quase loiros, e caem nos olhos dele de tão lisos. E os olhos... que olhos! Duas esmeraldas reluzentes que mesmo com toda baixa iluminação eu consigo ver o brilho delas. Os traços do rosto são perfeitos, e a pele é maravilhosa, não tem uma mancha sequer. Seu rosto é claro, mas dá para ver um leve bronzeado de sol, que o deixa ainda mais lindo do que já é. Os lábios são vermelhos e carnudos, bastante convidativos. Eu devo ter passado horas olhando para ele quando percebo que a Flávia está gritando ao meu lado, me chamando.

— Oi? — Respondo, saindo daquela visão de paraíso e voltando a atenção para minha amiga.

— Porra, Cris! Tô falando sozinha aqui. Não prestou atenção em nada do que eu disse?

— Amiga, que deus é aquele que vai tocar agora? Porque você nunca me disse que eles tinham um guitarrista tão maravilhoso?

Flávia me olha com uma expressão de desentendimento e então vira

para o palco procurando pelo tal guitarrista.

— Ué, aquele ali eu não conheço. Deve estar substituindo o guitarrista oficial, pelo visto o Marcos não veio.

— Nossa, mas essa troca foi bem justa, né? Ainda bem que eu vim no dia que o oficial não veio. — Eu rio, abanando minhas mãos. Ainda estou em choque com a beleza dele e o calor que me subiu com o simples olhar que ele me lançou minutos antes.

— E pelo que eu vejo, ele está pensando a mesma coisa. Ele não tira os olhos de você, gata.

Meu cérebro diz: “Não olhe para ele agora, não olhe para ele agora”, mas é claro que eu nunca o escuto. Viro de novo em direção a ele e confirmo o que ela acabou de me falar. Ele está olhando para mim e eu retribuo o olhar porque não consigo olhar para outro lugar que não seja aqueles olhos que, antes desconhecidos, agora parecem tão familiares para mim.

André

Levanto os olhos enquanto faço uns testes na guitarra e vejo uma garota. E que garota! Ela se destaca no meio das outras pessoas como se tivesse uma luz própria. Então vejo que ela está olhando para mim e sinto minha respiração pesar. Ela é perfeita. De cima do palco tenho uma boa visão de onde ela está. Conversa e ri com uma amiga e depois se vira de novo para mim e dessa vez não desvia o olhar. Os olhos são de um castanho intenso, mas não é um castanho comum, tem uma mistura de cor de mel e folhas secas que eu não sei bem definir. O rosto dela é lindo e está usando um batom vermelho que quando sorri, é quase fatal. Os cabelos são ondulados e castanhos na altura da cintura. Está usando uma jardineira que

vai até a metade da coxa deixando as lindas pernas à mostra e só de olhar para ela assim de longe, já estou duro. Já vi que estou muito encrencado.

Terminamos de passar o som e recebemos o sinal de que já podemos começar o show. Eu fico nervoso toda vez que subo em um palco. Não é a primeira vez que substituo o Marcos na banda, mas demora tanto a acontecer que acabo perdendo o costume. Eu estava há um bom tempo sem pegar na minha guitarra, por falta de tempo mesmo, mas não tinha como negar um pedido do Gustavo, meu primo, então aqui estou. Sei tocar todas as músicas do repertório, mas a presença das pessoas e a forma como me olham, me fazem suar frio. Sei que o guitarrista solo é o centro das atenções sempre e faço de tudo para dar uma boa performance e não errar.

Júlio começa com o baixo, logo entra Gustavo na bateria e então vejo que é minha vez de entrar junto e começamos a tocar Coma. É incrível a sintonia que nós cinco temos quando tocamos juntos. Acho que todo mundo tinha que passar uma experiência no palco assim para sentir. Tocar em uma banda nunca foi meu foco, mas quando tenho essa oportunidade me entrego total a esse momento.

Olho para as pessoas e vejo que estão todas se balançando e cantando junto com a gente. Tento manter meu olhar vago, mas quando percebo já estou procurando por aquela garota e quando a vejo, sinto meu coração disparar. Ela está de olhos fechados, se balançando no ritmo de música, cantando. Vê-la curtir assim me traz uma paz incrível, então me dedico ainda mais a essa música, dando meu melhor para ela. Ela merece que seja tudo perfeito.

Quando abre os olhos, vejo que eles se fixam em mim de novo, e dessa vez não me contenho e sorrio para ela. Ela parece se surpreender no início, mas logo me sorri de volta e aquilo foi a melhor coisa que me aconteceu essa noite.

Estou absorto em nossos olhares quando inicio o solo da música e vejo que ela desvia o olhar do meu e fixa nos meus dedos, que vão tocando com agilidade. Pela forma como ela me olha, acho que ela gosta de solos tanto quanto eu. O que essa garota não tem de perfeito?

Quando o solo enfim acaba, eu tiro meus olhos da guitarra e olho pra ela de novo. Está me olhando com uma expressão de admiração, como se eu tivesse feito a melhor coisa da sua vida.

Continuamos no ritmo da música, eu tocando, ela curtindo e nossos olhares se encontrando. As músicas acabam e começam outras, mas nosso ritmo continua constante. Não vejo a hora de acabar o show para ir falar com ela. Preciso saber mais sobre ela. Preciso saber sobre essa garota que mexeu comigo como nenhuma outra fez.

Cristina

— Meu Deus, que solo foi esse? — Cutuco a Flávia, praticamente gritando em seu ouvido, para que ela me ouça acima do som que está tocando.

— Ele toca bem, né? Curti demais.

— Toca bem?! Ele é perfeito, Flá. Meu Deus, que defeito esse homem tem?

Ela dispara uma gargalhada e olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— Sério, amiga! O cara é um deus e ainda toca guitarra absurdamente

bem. Ele só pode ter um defeito muito grave, tipo: ser psicopata, estuprador, sei lá. Ou então é chefe de alguma máfia. Não sei, alguma coisa tem.

Ela continua rindo enquanto dispero minhas suposições.

— Ah, meu Deus. E se ele for gay?

Aí ela gargalha com vontade.

— Cris, ele é qualquer coisa, menos gay. Já viu a forma como ele te olha desde que você chegou?

— Ah não sei, pode ser que tenha ficado com inveja do meu cabelo, sei lá.

— Para de paranoia, gata. Ele não é gay, nem psicopata, muito menos chefe da máfia. Ele é um gato e está de olho em você e você precisa falar com ele.

— Sério? Mas como eu vou chegar perto dele? Você sabe que sou uma pamonha.

— Não esquentar, moça. Confie em mim.

Eu reviro os olhos, suspirando. Tenho até medo do que ela vai aprontar para mim, mas dessa vez não vou contestar. Não se eu realmente tiver a chance de conversar com ele. Preciso saber mais sobre esse cara que não tira os olhos de mim.

O show vai seguindo, e estou completamente à vontade. Eles tocam todas as minhas músicas favoritas e o guitarrista gato arrebenta em todos os solos, me levando à loucura. Agradeço a Flávia por ter me arrastado para esse pub hoje, fazia tempos que não me divertia tanto. A vibe do pessoal que está curtindo tanto quanto eu é maravilhosa. Eu fecho os olhos e sinto a música entrar na minha mente e na minha alma como se me levasse a um mundo diferente do meu e eu me sinto extremamente feliz. Eu precisava relaxar assim, precisava tanto dessa distração.

Depois de quase duas horas de show, eu já estou começando a suar e a banda anuncia a saideira. Como bom cover de GNR, a última música que começa a ser tocada é Paradise City.

Quando vejo, estou balançando, pulando e cantando: é libertador. Flávia também se envolve no ritmo junto comigo e estamos rindo feito loucas. Eu a abraço e beijo seu rosto, agradecendo por me proporcionar esse momento perfeito.

*A banda toca e o pessoal vai à loucura mais uma vez, e meu guitarrista sorri para mim sempre que olho para ele. **Meu guitarrista.** Já me sinto tão conectada a ele que já estou chamando de meu.*

Desde que olhei para ele a primeira vez, tive a sensação de que o rosto dele não me era estranho. Ele parecia com alguém que eu conhecia, ou algum famoso, algo assim, mas não conseguia lembrar quem era e então me veio o estalo.

Cutuco a Flávia, pulando.

— Flá, ele não parece o Capitão América?

— Quem? — Ela me pergunta sem entender.

— O guitarrista. Ele parece aquele ator que interpreta o Capitão América. Só não tem os olhos azuis, mas parece demais!

Ela olha para ele de longe parecendo procurar semelhanças e então balança a cabeça assentindo.

— Realmente, parece mesmo. Mas só você para reparar uma coisa dessas.

— Eu não tenho culpa se ele se parece justo com meu super-herói favorito. Ai meu Deus, o que mais esse homem tem de bom? Estou realmente muito preocupada em descobrir qual o seu terrível defeito.

Ela cai na gargalha e me puxa pelo braço. Então curtimos a música até o fim. Quando acaba estamos todos aplaudindo e gritando eufóricos. Que show maravilhoso! Que vibe!

Com o fim do show, as pessoas se espalham pelo local e a frente do palco fica vazia. Os integrantes da banda, inclusive meu guitarrista, estão desligando seus equipamentos e começando a guardar suas coisas. Flávia me puxa pela mão e me leva até o palco. Ela começa a conversar com os outros integrantes da banda, me apresentando. Eu os cumprimento elogiando pelo show e então olho para o lado. Ele está do lado direito do palco de cabeça baixa, enrolando o cabo da guitarra, e quando ergue o olhar, encontra o meu. Então surge uma coragem dentro de mim que eu não sei de onde veio. Deixo minha amiga conversando com os rapazes e ando em direção a ele, que parece tão surpreso quanto eu pela minha atitude, mas seu sorriso me diz que está gostando bastante disso.

Chego perto dele e sua presença me faz tremer as bases. Por um momento, me sinto uma idiota por chegar perto dele assim, pois não faço ideia do que dizer, mas não vim até aqui para desistir agora. E como se estivesse lendo meus pensamentos, ele começa:

— Oi. — Diz, simplesmente.

— Oi. — Eu respondo, sorrindo que nem boba. Mas que merda! Não sei dizer nada mais do que um simples ‘oi’?

— Você tocou muito bem hoje. — Começo a dizer, para não parecer tão idiota. — Bem pra caramba. — Continuo.

— Ah, obrigado. — Ele diz, passando as mãos pelo cabelo em um movimento que me tira o fôlego. — Fico feliz que tenha curtido. — Completa, sorrindo para mim.

E eu retribuo, como boa idiota que sou.

Eu estava me preparando para me virar e sair com o que sobrou da minha dignidade, quando o vejo raspar a garganta para me dizer alguma coisa.

— Você está sozinha?

— Eu vim com minha amiga. — E aponto para ela que está atrás de nós ainda conversando com os rapazes. — O namorado dela vai tocar daqui a pouco com a Transylvania e por isso vim com eles.

— Hmmmm. — Ele diz coçando o queixo. O clima entre nós está bem tenso e eu ainda não sei se pulo em cima dele ou se saio correndo. — Quer tomar uma cerveja comigo, quando eu acabar aqui?

Ai meu Deus! Eu ouvi isso mesmo? Oi?! Ele está me convidando para beber com ele? Eu quero gritar que sim como uma adolescente imatura, mas me contenho, respiro e tento transmitir serenidade.

— Ah, claro, eu espero você.

— Ótimo! Só vou acabar de juntar as coisas aqui, levar para o carro e volto para te encontrar, ok? — E me lança um sorriso maior que o mundo, aquele sorriso capaz de roubar qualquer sanidade que existe em mim e que, por acaso, acabou de se transformar no meu sorriso favorito.

— Beleza, vou ficar ali no canto do palco te esperando. — Digo sorrindo e saio de perto dele.

Ando até a Flávia e a puxo para fora do palco. Quando sei que estamos em território seguro, sussurro em seu ouvido:

— Adivinha quem vai tomar uma cerveja com aquele deus grego em forma de guitarrista?

Ela me olha com espanto e sua boca faz um O.

— Mentira!! Sua danadinha! Me conta tudo agora!

E então começo a rir e vou contando nossa breve conversa, mas que para mim já foi muita coisa. Logo ela pula em cima de mim rindo feito uma boba e super feliz. Ela fica feliz de verdade por eu estar bem, pelas coisas darem certo para mim. E eu não tenho palavras para agradecê-la por cuidar sempre de mim como ela cuida.

André

Termino de enrolar o cabo nos braços quando ela se afasta de mim. Qual o nome dela mesmo? Poxa, eu sou muito trouxa por ter chamado a garota para beber comigo e nem perguntei o nome dela. Espero poder compensá-la por isso. Guardo a guitarra dentro da capa e fecho o zíper. Passo as alças pelo ombro e desço do palco, dando a volta para passar ao lado dela de novo antes de sair do pub. Ela está conversando com sua amiga e parece estar se divertindo muito pela forma como está sorrindo, e o sorriso dela é capaz de derreter qualquer coração. Sorrio para ela enquanto passo ao seu lado e ela corresponde.

Subo as escadas do pub e passo pelo corredor de mesas até chegar à portaria. Ando alguns passos até avistar o meu carro, que consegui estacionar em uma vaga bem próxima à entrada. Abro o carro e coloco a guitarra deitada no porta-malas. Eu tenho uma cisma de que deixá-la no banco de trás chama mais atenção e se algo acontecer com ela eu jamais me perdoaria, sou apaixonado por essa coisinha linda.

Tranco o porta-malas e entro no carro buscando por uma toalha. Eu estou pingando suor e não é assim que devo me apresentar a uma garota, certo? Seco meu pescoço e o rosto, passando a toalha pelos cabelos também.

Eu os ajeito com as mãos olhando pelo retrovisor e a imagem que eu vejo está um pouco melhor do que antes.

Pulo para fora do carro, aciono o alarme e saio andando de volta ao pub, com as mãos no bolso. Já está bem tarde e tem uma brisa gostosa aqui fora que balança meus cabelos à medida que vou andando.

Passo pela portaria dos músicos de novo e retorno ao pub. Penso em comprar uma cerveja no bar, mas ainda não sei de qual ela gosta, então é melhor esperar me encontrar com ela. Só de pensar que vou passar o resto da noite com essa garota, sinto um arrepio na nuca. O mais engraçado é que eu nem a conheço direito e estou sentindo essas coisas que nunca senti antes. É bizarro.

Desço as escadas para o andar de baixo e a vejo perto da pilastra ao lado do palco. Ela está de costas para mim e percebo que está tirando selfies com sua amiga. Eu adoro entrar na foto dos outros de zoeira e hoje não vai ser diferente. Chego em silêncio atrás delas e enfio minha cara no meio da foto.

Ela tira a foto e começa a rir, se virando para mim.

— E por acaso você foi chamado para a foto?

— Nossa, eu poderia dormir sem essa. — Faço uma careta e finjo estar levando uma facada no coração.

Ela solta a gargalhada mais linda do mundo.

— Desculpa. — Sorri, tímida agora.

— Não faz mal, sou intrometido mesmo. Já me acostumei a levar foras. Sorrio para ela e me lembro que ainda não sei o seu nome.

— A propósito, meu nome é André. — Digo estendendo minha mão para ela, que aperta e se aproxima para me dar um beijo no rosto.

— E o meu é Cristina, mas prefiro que me chamem de Cris. — Ela me olha, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Esse simples movimento dela é capaz de me fazer acender por dentro. — E essa é minha amiga, Flávia. — Ela me apresenta a amiga, que logo me cumprimenta também.

Ficamos algum tempo em silêncio quando ouvimos alguém gritando pela amiga.

— Me deem licença, gente. Vou ver o que o Léo está precisando. — E sai de perto de nós, em direção ao palco.

— Então, Cris, vou pegar uma cerveja pra gente. Você quer ir comigo ou me espera aqui?

— Vou com você. — Ela logo se junta a mim e estamos caminhando em silêncio até o balcão do bar.

Quando chegamos, tiro duas fichas da carteira e me viro para ela.

— Qual você quer?

— Pode ser uma Stella.

— Beleza. — Chamo o atendente e quando ele chega entrego as duas fichas.

— Uma Stella e uma Heineken, por favor.

Pego as cervejas da mão dele e entrego a Stella para ela, que brinda comigo e logo dá um gole pelo gargalo da garrafa. Essa foi a atitude mais sexy que já vi uma garota fazer. O jeito com que ela dá goles na cerveja é absurdamente lindo.

Sáímos de perto do balcão e andamos até uma mesa alta no canto da parede, onde colocamos nossas cervejas. Ficamos alguns segundos apenas nos olhando e é ela quem quebra o silêncio.

— Então você é o guitarrista substituto hoje? Porque, pelo que fiquei sabendo, o oficial não veio.

— Sim. Na verdade eu toco esporadicamente; o Marcos é um cara muito comprometido, então ele só falta ao show quando está quase morrendo. — Ela ri da minha resposta e eu rio junto com ela. — Então meu primo Gustavo, que é o baterista da banda, me chamou para salvá-los hoje e aqui estou eu.

— Hmmmm. E você não toca em outras bandas?

— Na verdade, não. Eu não tenho esse foco, vim só quebrar o galho mesmo.

— Nossa, mas para quem só quebra um galho, você manda muito bem. — Ela sorri, colocando a mecha de cabelo atrás da orelha de novo. Já disse que esse simples movimento acaba comigo? É, acho que já disse sim.

— Ah, obrigado. Não toco tanto assim. Toco só por hobby mesmo, e por ser muito fã de Guns, fica fácil ajudá-los.

— Então o que você faz da vida, guitarrista por hobby?

Eu rio da sua pergunta e ela sorri para mim de um jeito muito sexy.

— Sou advogado. Na verdade acabei de me formar, estou trabalhando no escritório de um tio meu para pegar experiência.

— Ah, bacana. Acho o máximo quem cursa Direito. Mas eu não sirvo para a área de humanas e sociais.

— E o que você faz então?

— Estou sofrendo no último período do curso de Arquitetura. E quando eu digo que estou sofrendo, acredite: eu não tenho vida social. Quase nunca saio de casa, com exceção de hoje.

— Nossa, eu imagino. O irmão do Gustavo também fez esse curso e eu

sei o quanto ele sofreu com os trabalhos da faculdade. Então não é sempre que você vem por aqui?

— Não, na verdade é a primeira vez. E com muita insistência da Flávia, pois eu deveria estar em casa agora terminando um trabalho bem punk.

— Então eu dei sorte.

Ela olha para mim e a vejo corar. Esse gesto faz com que seu rosto fique ainda mais lindo do que já é.

— É... — Ela me responde simplesmente.

— E você, vai muito aos shows do seu primo? — Ela me pergunta, logo se recuperando da timidez.

— Quase nunca. No início eu ia mais, sabe? Curto muito a banda deles. Mas eles tocam toda semana, cerca de duas ou três vezes. Eu dei um tempo porque acabei enjoando. Vim hoje só para tocar mesmo. Nem me lembro da última vez que fui a um show deles.

— Ah, então eu dei sorte. — Ela diz, repetindo a minha resposta, me lançando um sorriso malicioso, e isso só confirma a minha teoria de que estou realmente muito encrencado.

Somos interrompidos com o som vindo do palco, e pelo que vejo a segunda banda já vai começar.

— Você curte Iron Maiden? — Pergunto a ela, curioso.

— Curto sim, mas não a ponto de sair de casa só para vê-los. Vim mais por causa da Nightrain mesmo.

— Hmm, entendi. Eles têm umas músicas muito boas mesmo.

Ela assente, bebendo mais um gole da sua cerveja. Quando penso em fazer uma nova pergunta, começam a tocar Hallowed Be Thy Name no palco

e ela fica eufórica ao meu lado.

— Eu amo essa música! — Ela me puxa pelo braço, me conduzindo para frente do palco. O simples calor do toque da sua mão no meu braço faz minha respiração pesar e sinto um desapontamento quando ela me solta ao chegarmos aonde queria.

A música é realmente muito boa, mas ouvi-la ao lado da Cris, se tornou perfeita agora. Ela pula, estende os braços, balança no ritmo da música e vê-la se entregando assim ao show, me faz sorrir feito um bobo. Logo ela olha para mim como se questionasse porque estou parado e me solto ao lado dela também, entrando na vibe da música. Ela canta, fecha os olhos e balança os cabelos. Observá-la me deixa muito fascinado e eu não consigo tirar os olhos dela. Nunca conheci uma garota que curtisse o mesmo som que eu antes, então fico extasiado com a perfeição que ela tem.

Logo começa o solo e eu vejo que seus olhos vidram em mim. Ela realmente é apaixonada por solos, posso ver pelo brilho do seu olhar. Então fecha os olhos e deixa se levar pelo ritmo do solo, como se estivesse sendo transportada para outro planeta, outra dimensão, onde tudo parasse ao redor dela e só existisse Cristina. E juro que nunca vi nada tão perfeito assim.

O solo dessa música é realmente maravilhoso e a forma como ela se entrega a ele, faz com que fique ainda melhor. Eu nunca mais vou ouvir um solo de guitarra sem pensar nessa garota.

Quando acaba, estamos todos cantando juntos o refrão da música e ela está muito a vontade ao meu lado. A música acaba e todos aplaudem e gritam pedindo por mais. A energia da Cris é contagiante e eu começo a sentir uma necessidade absurda de tê-la por perto.

Uma nova música começa e ela entra na vibe de novo. É com bastante

relutância que eu a deixo sozinha para buscar mais uma cerveja para nós. Quando volto, ela está lá curtindo no meio do povo, se balançando e pulando, absorvendo toda energia boa que esse ambiente nos traz. paro atrás dela e entrego sua garrafa e ela me sorri agradecendo.

Ficamos por ali mais algumas músicas e o que temos é tão intenso que nem vejo o tempo passar quando sinto que ela está me cutucando.

Ela aproxima a boca do meu ouvido e sentir seu hálito quente faz meu corpo se arrepiar por inteiro.

— Preciso ir ao banheiro. Você vem comigo?

Faço que sim com a cabeça e saímos do meio das pessoas em direção as escadas. Os banheiros ficam no andar de cima e quando subimos, nos separamos para entrarmos cada um de um lado.

Eu saio antes dela e vou para o balcão do bar buscar mais duas cervejas. Volto e me sento numa mesa alta com banquetas, em um lugar próximo ao banheiro para que ela me veja. Minutos depois ela sai e vejo que retocou seu batom. Seus lábios estão de um vermelho mais vivo e fico imaginando como deve ser maravilhoso beijá-los.

A mesa tem mais duas banquetas vagas, mas vejo que ela escolhe a que está ao meu lado para se sentar. Pega a garrafa que eu ofereço e brinda com a minha de novo, e então dá aquele gole sexy mais uma vez. Eu ainda estou tentando descobrir o que é mais bonito do que isso.

— E então advogado/guitarrista... — Ela sorri com essa expressão e eu rio ao ver como isso é engraçado e ao mesmo tempo tão fofo vindo dela. — Já te disseram que você é a cara do Capitão América?

— Isso foi uma cantada? Porque se for, eu nunca recebi essa antes. — Eu rio levantando uma sobrancelha para ela.

Ela parece se divertir com isso e ri junto comigo, mas logo se

recompõe.

— Não, estou falando sério. Você se parece muito com ele. Nunca viu?

— Na verdade não. Não curto muito esse lance de super-heróis. Você gosta dele?

— É o meu favorito. — E me lança um olhar malicioso, dando mais um gole sexy na cerveja, me fazendo sentir muita inveja dessa garrafa agora.

— O que foi que eu disse mesmo? Eu adoro super-heróis. — Devolvo o olhar de malícia e ela solta uma gargalhada espontânea que logo me faz rir junto com ela.

Enquanto ri, ela esbarra seu ombro no meu e o choque que eu sinto me faz sentir outro arrepio correr sobre meu corpo e pela sua reação, vejo que ela sentiu o mesmo que eu. Então me viro para olhar para ela e percebo que estamos próximos, muito próximos. Isso é perigoso, mas não vou perder uma oportunidade dessas jamais.

Me inclino devagar sobre ela e vejo que seus olhos estão baixos, fitando meus lábios como se estivessem pedindo por mim. Me abaixo mais um pouco e encosto meus lábios nos dela. Sinto o tremor deles sobre os meus e aquele arrepio vem de novo e dessa vez faz morada no meu corpo. Pressiono mais os seus lábios e quando ela os abre para mim, deslizo minha língua para dentro da sua boca, beijando-a com delicadeza. Ela corresponde ao meu beijo, puxando minha nuca com sua mão, me aproximando mais dela. Eu sinto o sabor da sua boca e da sua língua misturados com o sabor da cerveja. Seus lábios estão gelados, assim como os meus e isso só faz com que nosso beijo seja ainda mais gostoso. Me aprofundo ainda mais, colocando as mãos ao redor do seu rosto, sentindo todo seu sabor. Todo o sabor de Cristina. E o beijo é ainda mais perfeito do que eu pensava.

Ficamos alguns minutos nos beijando e quando nos afastamos, vejo

que ela tem a mesma relutância que eu. Nossas testas ficam coladas por um tempo e estamos ainda de olhos fechados, apenas absorvendo a respiração do outro, sentindo tudo aquilo que acabamos de viver e de repente tenho a confirmação de que preciso ter essa garota comigo sempre.

Cristina

Nossos lábios se afastam contra a minha vontade e o que eu sinto é algo que nem eu mesma sei explicar. Ele beija ainda melhor do que eu imaginava e a sintonia que temos é algo inquestionável. O planeta parece parar de girar pelo tempo que estamos juntos e isso parece a coisa certa a ser feita. Ficarmos juntos parece muito certo para mim.

Quando ergo os olhos vejo que ele está me olhando também, e dentro dos seus olhos consigo enxergar que ele sente o mesmo que eu. E essa certeza preenche meu coração de uma forma que nunca vi antes.

Ficamos algum tempo apenas nos olhando, absortos em nossos pensamentos até que ele quebra o silêncio perguntando se quero mais uma cerveja.

— Não, obrigada. Já bebi bastante por hoje, estou começando a ficar bêbada. — Sorrio para ele com timidez.

— Está com fome? Ouvi falar que aqui tem uma porção de batata frita com bacon e queijo que é muito boa.

Essa pergunta me faz lembrar que eu não comi nada essa noite e sinto meu estômago roncar.

— Comida é uma coisa que dificilmente você vai me ver recusar. — Minha resposta faz ele soltar uma gargalhada e então se levanta para ir ao bar.

— Já volto. — Diz, me dando um selinho rápido antes de se afastar. Cada toque dele me faz estremecer por dentro e a influência que ele tem sobre os meus sentidos é algo recém-descoberto por mim.

Minutos depois ele volta com uma caixinha de papel com as batatas numa mão e duas garrafas de água na outra. Ele sorri enquanto se senta ao meu lado e coloca a caixa na mesa, estende uma garrafa de água para mim e eu pego agradecendo. Dou um longo gole na minha garrafa; eu não havia percebido como estava com sede, e quando olho para o lado vejo que ele está rindo baixinho.

— O que foi, capitão? — Pergunto curiosa para ele, enquanto pego uma batatinha e coloco na boca.

— Nada. — Sorri mais uma vez, aquele meu sorriso favorito. E eu nem insisto em saber o que é; só a sua presença já me satisfaz.

Ficamos por um bom tempo ali sentados, conversando, rindo e descobrindo mais sobre a vida do outro. Algumas vezes nossa conversa é interrompida quando ele me rouba um beijo, o que deixa tudo ainda mais perfeito. Descobri que ele veio do norte do estado, onde seus pais ainda moram, para fazer faculdade de Direito e tem o apoio de seu tio aqui que é seu grande amigo também. Ele mora sozinho em uma quitinete no bairro vizinho ao do pub, e seu tempo se divide entre trabalho, descanso e academia. Na maior parte do tempo ele está sozinho e eu sinto uma repentina necessidade de fazer parte da sua vida também.

Eu só percebo que o tempo passou quando vejo a Flávia e o Léo chegando perto de nós, com os instrumentos na mão. Fico triste por já estar na hora de me despedir do André, mas algo me diz que essa não será a última vez que o verei.

Caminhamos os quatro em direção à saída, e enquanto meus amigos

ajeitam as coisas dentro do carro, eu acompanho André até o carro dele que não está muito longe.

— Então, Cris... adorei conhecer você. — Ele me puxa pela mão me fazendo ficar bem próxima dele e me dá um beijo demorado. Quando nos separamos, estamos ofegantes e eu levanto minha cabeça para olhar fixamente em seus olhos.

— Eu também, capitão.

Ele ri desse novo apelido que ganhou e puxa o celular do bolso.

— Posso te ver de novo? — Pergunta enquanto abre a agenda do celular me olhando com um ar avaliativo, como se procurasse algum vestígio de dúvida em mim, o que, é claro, não tem. Pego o celular da mão dele, digito meu número e salvo em seus contatos.

Ele me lança aquele sorriso de novo e me agradece com um selinho antes de entrar no carro e sair. Enquanto caminho em direção ao carro do Léo, percebo que estou sorrindo feito boba. Nunca havia sentido algo assim antes, mas o que sei é que não foi por acaso que eu vim hoje; não foi por acaso que conheci esse cara maravilhoso. Sei que vem muito mais pela frente e esse é só o começo.

Capítulo 18

André

Abro meus olhos com dificuldade e olho ao redor. A minha visão está embaçada, mas consigo identificar onde eu estou: estou deitado em uma cama de hospital, cercado por aparelhos que me monitoram. Eu só não faço ideia do que estou fazendo aqui.

Ergo meu braço e sinto um fio me puxando, então vejo que tem um soro preso à ele. Estou muito confuso agora. Tento chamar por alguém, mas minha voz não sai; minha garganta está seca, parece que faz muito tempo que não bebo água.

Tento mexer minhas pernas para me levantar e sinto uma fisgada de dor tão forte que logo desisto. Mas o que diabos aconteceu comigo? Começo a apertar alguns botões que estão na lateral da cama, tentando fazer com que ela levante, e puxo os lençóis para o lado com a minha mão livre.

Tomo um susto quando vejo alguns pinos e parafusos prendendo minha canela esquerda. Agora eu consigo entender a razão de ter sentido aquela dor forte minutos atrás.

Minha cabeça ainda está rodando um pouco, mas eu tento puxar na memória o motivo de eu estar aqui nessa cama de hospital, então as lembranças surgem como um borrão: eu me lembro de ter discutido com a Cris e de sair de casa batendo a porta. Eu montei na minha moto e sai puto da vida.

Me lembro que parei no semáforo e que quando ele abriu eu arranquei

com a moto. Eu era o primeiro da fila, e nesse instante um carro avançou o sinal vermelho e me pegou de jeito pela esquerda. Depois disso, não me lembro de mais nada.

Pelo visto aquela colisão foi bem feia, caso contrário eu não estaria aqui agora. Eu continuo confuso e querendo entender melhor o que aconteceu, então procuro por algo que possa chamar atenção de alguém para mim.

Olho por cima do ombro e vejo uma campainha à minha esquerda, aperto-a e aguardo pela ajuda de alguém.

Em fração de segundos, uma enfermeira aparece na minha frente e se espanta ao me ver sentado ali, olhando para ela.

— Graças a Deus você acordou! Está se sentindo bem, André?

Eu abro a boca para falar, e mais uma vez minha voz não sai. Eu engulo saliva para tentar lubrificar minha garganta e fazer com que emita algum som.

— Água... — Eu consigo dizer, num sussurro. Preciso molhar minha garganta para conseguir falar bem de novo.

— Só um momento que vou pedir para trazerem.

Ela pega o telefone e faz uma ligação pedindo para alguém trazer água para mim e desliga. Confere meus batimentos cardíacos, minha pressão e os sinais vitais, e pela sua reação parece estar tudo bem. Está anotando tudo numa prancheta e como está mais perto de mim, posso olhar seu nome no crachá, Cláudia.

Depois de fazer as checagens, minha água chega. Ela me estende o copo, que pego com a mão trêmula, e consigo levar até a boca. Eu começo a beber pequenos goles da água que, aparentemente é inofensiva, mas desce rasgando a minha garganta; nos primeiros goles sinto um desconforto

enorme, uma ânsia de vomitar, mas à medida que vou tomando mais um pouco, a dor vai amenizando e no fim eu estou me sentindo melhor.

Assim que termino de beber o copo d'água, abro a boca e dessa vez consigo emitir algum som.

— Obrigado. — Consigo dizer, com um pouco mais de firmeza.

— Está se sentindo um pouco melhor, agora? — Cláudia me olha com atenção.

Apenas balanço a cabeça confirmando.

— Vou chamar o médico para examiná-lo melhor. Já volto.

Assinto mais uma vez e respiro fundo. O simples ato de respirar faz meu peito doer. Eu não sei há quanto tempo estou aqui e o que de fato aconteceu comigo, mas pelo visto não foi tão simples.

Depois de alguns minutos, a Cláudia volta ao lado de um médico alto e jovem, com um semblante sério. Dr. Julianio, consigo ler no jaleco dele.

— E então, André, como está se sentindo?

Ele me olha por cima dos óculos, folheando a prancheta e lendo as anotações que a Cláudia tinha acabado de fazer.

— Estou um pouco tonto, mas bem.

— É normal se sentir assim depois de ficar tantos dias inconsciente, logo você estará melhor.

— Há quanto tempo estou aqui, Dr. Julianio?

— Você ficou em coma por oito dias, André. — Ele me responde, ainda avaliando a papelada em suas mãos.

Oito dias?! Meu Deus!

— O que aconteceu comigo, Dr.?

— Você se lembra do acidente que sofreu?

Balanço a cabeça assentindo.

— Devido ao acidente, você sofreu um traumatismo craniano que o levou ao coma, mas não teve mais sequelas. Além disso, teve uma fratura grave na tíbia esquerda e na fíbula, onde tivemos que fazer uma cirurgia de emergência para colocar os fixadores externos e a haste intramedular; por isso, você terá que passar por um processo de reabilitação para voltar a andar de novo.

Eu processo todas as informações que o médico diz e, ao mesmo tempo em que sinto pânico, sinto alívio. Pânico por perceber que minha fratura foi realmente séria; alívio por não ter tido sequelas graves e por poder conseguir andar de novo, mas sei que esse processo de reabilitação não vai ser nada fácil.

Mais uma vez as imagens do último dia que me recordo vêm à minha mente e me fazem lembrar da minha esposa, Cristina, como será que ela está agora? Se bem a conheço, deve estar se culpando pelo que me aconteceu, eu preciso falar com ela.

— Minha esposa? — Eu pergunto ao médico que está examinando meus sinais vitais e conferindo minha medicação agora.

— Sua esposa e seus pais têm vindo visitá-lo todos os dias. Já pedi que avisassem à sua família que você acordou. No horário das visitas, às oito horas, eles estarão aqui.

— E que horas são agora?

Ele olha para o relógio no pulso e se vira para mim.

— Duas e quinze da manhã.

Ainda é de madrugada e eu só vou poder ver minha família daqui a seis horas. Poxa! Seis horas... Não sei se consigo esperar tanto tempo, eu preciso conversar com a Cris e pedir desculpas para ela. Sei que agi como um idiota

no dia do acidente e que aquela discussão foi inútil. Espero que possamos nos entender.

Por mais que eu tenha ficado em coma por oito dias, sinto meus olhos pesarem, e dentro de poucos minutos eu começo a pegar no sono de novo.



Eu só percebo que dormi muito quando pergunto as horas para a enfermeira que trouxe meu café da manhã e ela me responde que já são sete.

Ainda falta algum tempo para começar o horário de visitas, então pego a bandeja com o café da manhã e me arrisco a comer sozinho. Faz alguns dias que meu estômago não recebe nada da forma convencional, só aquela comida líquida que estavam colocando pela sonda que, graças a Deus, tiraram depois que eu acordei, por isso não vou forçar a barra mesmo com a fome que estou.

Quando levanto a tampa da bandeja vejo um prato de papa, quase um mingau, e mesmo desanimado por querer mais, começo a comer. No início é difícil, a garganta dói e o estômago revira, mas com cuidado e persistência eu consigo comer tudo. É estranho mastigar depois desses dias; é estranho porque parece que faz anos que não faço isso.

Depois de um bom tempo assim, consigo terminar de tomar o café da manhã. Insisti tanto que uma enfermeira me trouxe uma fatia de pão, e comi como se fosse um bife suculento. Já me sinto um pouco melhor do que estava antes, e isso me conforta e anima. Tenho um longo caminho a percorrer, e esse foi só o primeiro passo.



— André?

Ergo o olhar e vejo que minha mãe está vindo até mim. Ela está com os olhos marejados e posso notar pelo seu semblante cansado o quanto ela sofreu durante esses dias em que estive inconsciente.

— Oi, mãe. — Digo enquanto ela chega perto de mim e beija meu rosto.

— Como você está se sentindo, meu filho? — Ela pergunta enquanto se senta numa cadeira ao meu lado e pega a minha mão livre para apertar na sua.

— Estou bem. Acordei um pouco tonto e confuso, mas já estou melhor. — Digo sorrindo para ela.

Ela também sorri para mim.

— Você quase nos matou de susto, meu amor. — Ela diz enquanto franze a testa de preocupação.

— Eu sei mãe, me desculpe por isso.

— Não foi sua culpa, querido. Graças a Deus você está bem agora; eu estava aflita para você acordar.

Eu imagino o quanto minha mãe sofreu nesses oito dias de coma. Ela deve ter enfrentado uma barra terrível. Ela, meu pai e a Cristina. Cristina...

— E a Cris, mãe? Como ela está?

— Está lá fora, ansiosa para te ver. Ela sofreu muito esses dias, André. Todos nós sofremos. E foi uma alegria imensa saber que você acordou.

Ela abre um lindo sorriso, deixando uma lágrima escorrer pelo rosto. Beija a minha mão e chega mais perto de mim.

— Eu te amo muito.

— Também te amo, mãe. — Beijo as mãos dela em resposta.

Ficamos um tempo conversando, contando um caso ou outro para

distrair, mas ela sempre me interrompia para saber se eu estava sentindo alguma coisa, como se eu fosse quebrar. Mães: o que seria de nós sem elas?

Depois de alguns minutos comigo, ela se despede para dar lugar ao meu pai, não sem antes me dar um beijo no rosto e me dizer mais uma vez o quanto me ama e como está feliz em me ver.

Minutos depois, entra meu pai no meu leito, radiante.

— Ei filho, como você está? — Ele me pergunta, enquanto vem me abraçar.

— Já estive pior, pai. — Faço uma careta para ele, que solta uma risada de volta. Senti muita falta desse coroa. — Você está cuidando bem das minhas meninas? — Pergunto a ele, me referindo à minha mãe e a Cris.

— Tenho tentado, André, mas na verdade não tem sido fácil para nenhum de nós.

— Eu imagino, pai. Sinto muito por fazê-los passar por isso.

— Esquece isso, garoto. O importante é que agora você está de volta. — Ele me lança um sorriso confiante. — Está sentindo dor?

— Um pouco. Os remédios ajudam, mas eu estou todo dolorido. Respirar fundo faz meu peito doer, a perna direita dói se eu fizer movimentos bruscos e a esquerda eu não posso nem encostar.

— Não vai ser fácil, filho, mas com força e disciplina você vai conseguir sair dessa.

— Eu sei, pai, não vou desistir.

E então começamos a conversar sobre futebol, filmes e seriados. Nós sempre fomos muito parceiros na TV e temos gostos bastante parecidos. Ter essa conversa despreocupada com meu pai me faz sentir vivo de novo, mas ainda não consigo parar de pensar na Cris.

— Pai, se importa de chamar a Cris para entrar? Preciso muito falar com ela. — Digo depois que tivemos uma boa conversa.

— Claro que não. Vou chamá-la. Vamos nos ver muitas vezes ainda. — Ele sorri para mim mais uma vez e eu retribuo.

— Com certeza, pai.

— Se cuida, garoto. — Ele se levanta e me dá mais um abraço antes de sair.

— Pode deixar. — Dou uma piscada para ele e sorrio. De todas as amizades que você já viu entre pai e filho, certamente a minha é a maior. Mesmo com toda distância, nunca deixamos de ser próximos.

Depois que meu pai sai, fico ansioso pela chegada da Cris. Eu preciso saber se está tudo bem com ela, preciso me desculpar por nossa discussão. Lembro-me da briga estúpida e olho para minha mão esquerda, é quando percebo que estou sem a minha aliança. Será que eu a perdi no acidente? Vou perguntar a primeira enfermeira que aparecer aqui de novo.

Depois de alguns minutos de espera, vejo a Cris entrando devagar no meu leito. Sinto meu coração pular dentro do peito só de olhar para ela. Ela está linda, mesmo parecendo muito exausta. Seus olhos castanhos se destacam mesmo avermelhados; os cabelos ondulados, soltos na altura da cintura, dão a ela aquela sensualidade que eu sempre admirei. Ela caminha cautelosa até mim e se senta ao meu lado. Lágrimas escorrem do seu rosto enquanto me olha, como se não acreditasse que eu estou aqui.

Levanto minha mão livre, pego as suas mãos e as beijo. Ela sorri em meio às lágrimas e eu dou o maior sorriso que sou capaz de oferecer.

— Oi, linda. — Digo enquanto seguro suas mãos na minha e acaricio com os dedos.

— Ei, capitão. — Ela sorri para mim e eu gargalho.

— Buscou longe, hein?! — Eu sorrio mais uma vez enquanto ela continua olhando para mim. — Como você está, Cris?

— Agora posso dizer que estou bem, André. Vê-lo desacordado todos esses dias foi uma tortura para mim.

— Sinto muito por isso, de verdade. Me desculpe por ter sido tão idiota com você naquele dia. Você não merecia isso.

— Está tudo bem, já passou. Eu que preciso pedir desculpas à você.

— De forma alguma. Vamos esquecer isso então, ok?

Ela balança a cabeça assentindo, enquanto beija minha mão em retribuição.

— O médico já conversou com você sobre a sua situação? — Ela me pergunta enquanto segura minha mão com carinho.

— Já sim, Cris. Sei que vou enfrentar uma barra agora, mas vou conseguir.

— Eu sei que vai. — Ela me lança um olhar confiante. — André... — Começa a falar e interrompe a frase, como se procurasse pelas palavras certas.

— Sim?

— Eu sei que você pediu para esquecermos nossa discussão, mas naquele dia você disse que iria embora. Então... — Ela respira fundo, como se tomasse coragem. — Se depois que você receber alta do hospital, quiser ir para a casa dos seus pais, ao invés da nossa, eu vou entender, ok?

Eu sinto um aperto no coração só de ouvir essas palavras saindo da sua boca, e a dor que vejo que há por trás dos seus olhos... Isso não está certo, eu não vou a lugar nenhum que não seja nosso lar.

— Cris, me perdoe mais uma vez pelas coisas que eu disse e que eu fiz

naquele dia, eu falei sem pensar. Só vou embora se você quiser que eu vá.

— Eu não quero nunca que você vá. — Ela sorri para mim em meio às lágrimas. Dói tanto vê-la chorando assim.

— Não chore, linda. Eu estou bem agora, tudo vai ficar bem. — Digo enquanto seco suas lágrimas com meus dedos, acariciando seu rosto.

— Eu preciso te falar uma coisa muito importante, André. — Ela ergue o olhar para mim e respira fundo.

— Pode falar.

— Aquele dia da discussão, quando você bateu a porta e saiu de casa, eu fiquei com muita raiva por você ter me deixado falando sozinha. Quando eu ouvi o barulho da sua moto saindo da garagem e conclui que realmente você estava indo embora, me subiu uma fúria tão grande que eu desejei que você batesse a moto e se quebrasse todo.

Ela faz uma pausa, tentando controlar os soluços, e eu permaneço calado, pois sei que ela ainda não terminou de falar o que precisa.

Ergue o olhar de dor para mim mais uma vez e aperta minha mão.

— Eu não sabia que as minhas palavras tinham tanto poder, André e você não sabe o quanto me arrependo por ter dito aquilo. Sei que foi num momento de raiva, mas mesmo assim não foi certo. Você não faz ideia do tamanho do medo que eu senti por você não acordar. Me perdoa, por favor. Eu jamais desejei isso a você. — Ela abaixa a cabeça e chora com ainda mais força.

Eu fico em silêncio ouvindo seu choro enquanto processo o que ela acabou de me falar. Ela sofreu durante esses oito dias achando que meu acidente foi culpa sua? Caramba!

— Cris, olhe para mim.

Ela levanta os olhos inchados para me olhar.

— Não se culpe pelo que me aconteceu, sério. Não foi culpa sua. Eu mesmo teria me desejado isso pela forma que agi com você. — Sorrio para ela, quebrando um pouco a tensão, e ela abre um sorriso amarelo. — Eu não tenho o que te perdoar, Cris. Não foram suas palavras que me fizeram sofrer o acidente. Ver você sofrendo por isso está acabando comigo.

Enxugo suas lágrimas novamente com os dedos antes de prosseguir.

— Vamos combinar uma coisa? Vamos passar uma borracha naquele dia e fingir que ele nunca aconteceu, ok? Pelo nosso bem.

Ela me olha como se não tivesse certeza do que tinha ouvido e depois de algum tempo em silêncio assente com a cabeça.

Eu solto o ar que nem sabia que estava segurando. Vê-la sofrendo assim realmente está me fazendo muito mal, preciso me esforçar para que ela não sofra mais de agora em diante.

— Vem cá. — Abro os braços para ela, indicando que chegue perto de mim. Ela se aproxima e entra nos meus braços, ainda sentada na cadeira; se aninha em meu peito e sinto lágrimas quentes caindo sobre mim. Acaricio seus cabelos a fim de tranquilizá-la e acho que está funcionando, pois depois de um tempo eu percebo que seu choro chegou ao fim.

Beijo sua cabeça e sussurro em seu ouvido, agradecendo por tudo que ela fez por mim. Ficamos abraçados por um bom tempo, como se precisássemos sugar a força que vem do outro para sobreviver; como se nada mais no mundo tivesse importância, porque estarmos juntos aqui. Sei que não tenho sido o marido que ela merece e vou fazer o impossível para reverter isso. Ela merece o que há de melhor no mundo.

Capítulo 19

André

Faz pouco mais de uma semana que voltei para casa. Nos primeiros dias meus pais ficaram aqui, mas como eles tinham seus compromissos na cidade e eu consegui me adaptar rápido à minha nova condição, eles puderam voltar para casa mais tranquilos. Isso não significa que está tudo bem: eles me ligam todos os dias para saber como eu estou e juro que vou ficar mal acostumado por estar sendo tão mimado.

Depois que acordei do coma, fui transferido para o apartamento e após dois dias recebi alta. No mesmo dia, já comecei minhas sessões de fisioterapia que não têm sido nada fáceis.

A minha sorte é que o Ricardo, meu fisioterapeuta, é peça rara. Ele trabalha com afinco estimulando meus músculos e movimentos, mas respeitando meus limites. Ontem começamos a alternar as sessões com hidroterapia que, segundo ele, vai acelerar meu processo de recuperação.

Dentro de três semanas vou voltar ao hospital para tirar os fixadores externos e ficar somente com a haste intramedular. Sei que o caminho que ainda tenho que percorrer é longo e bastante doloroso, mas estou me esforçando ao máximo para conseguir, mesmo quando tudo parece ser impossível.

Desde que voltei do coma, eu e a minha esposa temos nos dado muito bem. Eu reconheço que falhei bastante com ela nos últimos tempos e recuperar o que perdemos não vai ser nada fácil, mas estou realmente

disposto a mudar e ser uma pessoa melhor.

Ela esteve ao meu lado durante todo esse tempo e nunca se queixou. Ela podia muito bem ter ido embora, era o que qualquer um faria no lugar dela depois de tudo que eu fiz, mas não, ela continuou ao meu lado, fazendo tudo por mim, e eu nem mesmo sei se mereço. Espero conseguir demonstrar para ela o quanto ela é incrível.

Meus dias em casa têm sido um tanto solitários; a Cris me leva todos os dias de manhã à fisioterapia e vai para o trabalho enquanto fico lá. Depois me pega e voltamos para casa, almoçamos juntos e ela volta ao trabalho. Sei que não está sendo fácil para ela conciliar toda essa rotina, mas ela faz tudo com tanta maestria que só faz com que eu a admire ainda mais.

Depender dela para tudo também tem me incomodado. Eu queria ser mais independente para dar um pouco de sossego para ela. Sei que ela faz com o maior prazer, mas me sinto mal por isso. Ela se priva de muita coisa para poder me ajudar em coisas simples.

Os primeiros dias em casa foram os mais difíceis. O primeiro banho então nem se fala. Arrumei uma confusão com a cadeira e se ela não estivesse ali comigo, provavelmente eu teria caído no chão e piorado ainda mais a situação.

Eu não tive lesões na perna direita, mas mesmo assim senti dores por causa do impacto. Hoje ela dói bem menos e eu consigo firmá-la no chão, mas sustentar o peso do meu corpo inteiro apenas nela, não é fácil e nem o mais indicado, então procuro poupá-la desse esforço para que não piore, uma vez que vou demorar um bom tempo até conseguir firmar a perna esquerda no chão.

A vantagem de ter fraturado apenas uma perna é que não precisei usar cadeira de rodas, só as muletas são o suficiente. Mesmo que elas me tirem do

sério às vezes, é muito mais fácil me locomover.

Tem momentos em que a dor aperta e eu chego a suar frio, por isso continuo fazendo uso constante de analgésicos. Em outros eu olho para minha perna e penso em tudo que ainda vem pela frente, e me bate uma vontade grande de desistir, mas então me lembro da Cristina e tomo minha coragem de volta. Ela faz tanto por mim, com tanta dedicação, que é covardia demais desistir, ela não merece isso de forma alguma.

Ficar tanto tempo sozinho em casa está me fazendo refletir sobre muita coisa, principalmente sobre meu casamento. Vou dar o meu melhor por ela, fazer o impossível para consertar tudo de mal que eu fiz enquanto ainda tenho tempo.

Vou começar por uma conversa que eu preciso ter com ela. Se eu quero resgatar o meu casamento eu tenho que ser cem por cento honesto com a minha esposa e isso vai levar a uma conversa difícil, onde precisarei abrir o jogo com ela e contar algo que já deveria ter contado, mas que não tive coragem ainda.

Espero que ela possa me ouvir e que não seja tarde demais. Sinto um calafrio só de pensar no que está por vir, mas não posso ser covarde. Eu preciso ter coragem para encarar tudo isso de frente sem fraquejar. Eu preciso fazer isso por ela.

Capítulo 20

Cristina

Eu e André estamos sentados no sofá vendo TV. Já faz duas semanas que ele voltou para casa e sua recuperação tem sido lenta. Ele vem tendo pequenos progressos, mas ainda temos um longo caminho a percorrer e é preciso paciência. Eu não vejo a hora dele tirar esses fixadores externos da perna; eu sei que o incomoda bastante, e só de pensar na dor que ele sente, meu coração aperta.

Desde que ele voltou para casa, nos aproximamos um pouco mais. Sei que ainda está longe do nosso relacionamento voltar ao que era no começo, mas sinto que estamos no caminho certo. Ele tem dependido muito de mim ultimamente, por isso tem me tratado extremamente bem. Ainda não tivemos nenhuma briga e a paz que está reinando aqui em casa está sendo o suficiente para mim por enquanto.

Depois que o fiz assistir uma comédia romântica comigo, ele colocou para rodar um filme de guerra que ele adora. Por incrível que pareça, eu estou conseguindo prestar atenção na história, e acredite: é um esforço imenso para mim. Estamos atentos, em silêncio, olhando para a TV quando sinto seu celular vibrar debaixo da minha almofada.

Pego e vejo que o nome Jacque está chamando. Levanto uma sobrancelha, curiosa. Nunca vi o André comentar esse nome comigo antes, então ergo o celular para ele, mostrando que está tocando. Ele olha para o

celular e se assusta, e rapidamente recusa a ligação.

Eu fico ainda mais encucada depois disso. Porque ele não pode atender essa pessoa? O que será que ele não pode dizer a ela perto de mim? Infelizmente a minha mente só consegue pensar em coisa ruim, e eu espero muito, mas muito mesmo, que não seja o que eu estou pensando.

Ele continua olhando para a TV quando o celular volta a vibrar e novamente recusa a ligação, sem nem tirar os olhos da tela. Meu coração começa a bater desenfreado e a sensação que eu tenho é simplesmente horrível. Por que raios ele não vai atender esse telefone?

Ao mesmo tempo em que quero saber o que está acontecendo, outra parte de mim me mantém presa onde eu estou por medo do que posso descobrir. Covarde, é exatamente assim que me sinto agora.

O telefone toca uma terceira vez e antes que ele possa recusar de novo, eu explodo:

— Você não vai atender esse telefone?

Ele se vira para me olhar com o telefone ainda na mão; parece fazer uma análise mental do que está prestes a acontecer. Lanço um olhar desafiador para ele que enfim aceita a ligação e coloca o telefone no ouvido.

— Alô?

— *Ai André, que susto! Estava preocupada com você. Por que sumiu desse jeito? Tentei ter mais notícias suas, mas o pessoal do escritório não soube me falar muita coisa. Como você está?*

O volume do telefone está no máximo e como estou ao lado dele consigo ouvir nitidamente o que a tal Jacque está falando do outro lado da linha. A sensação de que não é uma coisa boa invade mais uma vez o meu peito e minha respiração começa a ficar mais pesada.

— Eu estou bem. — Ele responde simplesmente. Pela forma como ele

passa as mãos pelos cabelos, sei que está tão tenso quanto eu.

— *Ah, que bom. E você está onde agora?*

Meu peito começa a doer de novo e eu ainda não sei se quero continuar escutando essa conversa, mas, simplesmente, não consigo sair do lugar.

— Estou na minha casa.

— *Ah, entendi. Tem algum lugar que a gente possa se encontrar para conversar?*

— Jacque, eu não tenho mais nada para falar com você.

— *André, me escuta. Eu sei que você não me deu esperanças, mas eu preciso falar com você. É sério, precisamos conversar.*

Então, aquela punhalada que eu estava esperando, vem com força total e atinge meu coração. Eu estou tonta, minha cabeça está girando e eu tenho vontade de gritar, mas o choque é tão grande que eu não consigo sair de onde estou, apenas aperto a almofada com toda força em minhas mãos e tento respirar.

Ele percebe minha inquietação e olha para mim com os olhos mais desolados do mundo; eu vejo culpa e arrependimento atrás deles. Eu sabia que tinha alguma coisa estranha nessa história, mas a constatação do óbvio vem como uma rasteira, me fazendo perder todo o equilíbrio que eu tinha reconquistado, então eu começo a chorar.

Ele me olha assustado e então encerra sua ligação.

— Nossa conversa acabou, Jacqueline. Por favor, não me ligue mais.
— E desliga o telefone olhando para mim. — Cris...

Eu levanto a mão para ele, sinalizando para que se cale, e ele não termina sua frase. Eu abaixo a cabeça e deixo as lágrimas caírem com força total dos meus olhos. Sei que passamos por uma fase turbulenta no nosso

casamento, mas eu nunca pensei que o André fosse capaz de fazer isso comigo. A dor de ser traída nem se compara a dor que eu senti no dia do acidente dele. Eu nunca experimentei isso antes e posso garantir que não desejo isso a ninguém, é sufocante.

Sinto meu coração se rasgando e se desfazendo em pedaços e tenho dificuldade para respirar. Eu me desfaço em lágrimas e soluços, e fico assim por um longo tempo, até que sinto sua mão tocar meu ombro. Desperto assustada do meu transe e olho para ele, que está com os olhos tão vermelhos quanto os meus.

Eu não consigo suportar isso, não consigo. Levanto do sofá e caminho com as pernas trêmulas até o nosso quarto. Não posso ficar aqui olhando para ele, não dá! Ele realmente parece estar mal com tudo isso, mas não está sentindo nem metade da dor que eu sinto agora, e eu preciso ficar um tempo sozinha.

Deito de lado na cama e deixo as lágrimas caírem livres, encharcando o travesseiro. Minha vontade é de levantar e ir atrás dele exigindo respostas, xingando e batendo nele se fosse preciso, mas de que adiantaria? Isso não vai desfazer o que foi feito e muito menos aliviar a dor que estou sentindo. Penso em pegar o celular e ligar para a Flávia, mas também não sei se quero ouvi-la agora. Eu preciso de um tempo sozinha; de um tempo onde só meus pensamentos são minha companhia.

Capítulo 21

André

Ela foi para o quarto e eu estou aqui, sentado no sofá, me sentindo um verme. Por que as coisas sempre tem que ser da maneira mais difícil? Eu ia contar para ela, eu estava me preparando para isso, mas não seria agora. Estava esperando pelo momento certo. Ela merecia saber, merecia saber por mim que eu havia falhado com ela e que não o faria de novo. Mas não, a vida parece rir da nossa cara nessas horas e vem mostrar que você não tem controle sobre merda nenhuma, então a Cris descobre da pior maneira possível. O problema é que eu nem pude me explicar, dizer para ela que aquilo não foi nada, e sei que sua mente deve estar criando várias histórias agora.

Dou um soco no sofá e urro. Caramba! Eu a magoei da pior forma e estou aqui sentado sem saber o que fazer; sem conseguir fazer nada. A última coisa que ela deve querer agora é ouvir a minha voz.

Eu estraguei tudo, de novo.

Mesmo depois de eu ter sido um traste com ela no dia da inauguração ela ficou ao meu lado no hospital, tem cuidado tão bem de mim durante todos esses dias desde que voltei para casa e o burro aqui estraga tudo de novo. Que merda!

Passo as mãos pelo cabelo de novo, eu bufo, tento me recompor, mas não consigo. A dor que eu sinto no peito é forte demais e eu tenho vontade de morrer por isso.

Fico horas aqui, olhando para a TV sem nem enxergar o que está passando e me sentindo a pior pessoa do mundo. Eu preciso fazer alguma coisa, preciso falar com ela. Preciso pelo menos dizer que sinto muito, sinto demais por fazê-la passar por isso. Então decido ir falar com ela.

Acho que já dei tempo suficiente para que ela ficasse sozinha, então me arrasto no sofá pegando as muletas que estão encostadas na parede, ajeito-as debaixo de cada braço e dou impulso para levantar. Ainda estou tonto por tudo que acabou de acontecer, mas consigo me manter de pé.

Vou caminhando devagar pelo corredor em direção ao quarto. Firmo as muletas para frente e arrasto minhas pernas atrás, conseguindo colocar um pouco de força na perna direita. Repito esse movimento em silêncio até parar na porta do nosso quarto, que está entreaberta.

Empurro a porta devagar e vejo que ela está encolhida no canto da cama; a vulnerabilidade que vem dela nesse momento faz minhas pernas vacilarem.

Respiro fundo e me arrasto com as muletas para dentro do quarto, parando ao lado dela, próximo da cama. Me sento ao seu lado com cuidado, encosto as muletas na parede e olho para ela. Seus olhos estão abertos, me fazendo perceber que não conseguiu dormir. Ela não olha para mim, apesar de ter me visto, e a lágrima brilhando no canto do seu olho faz meu peito doer.

Enxugo sua lágrima com o dedão e faço o contorno do seu rosto com os dedos. Ela não se move, continua olhando para o nada, e o único movimento que vem dela é sua respiração entrecortada pelos soluços.

Eu fico por um tempo olhando para ela em silêncio, então vejo que é minha hora de começar a falar.

— Me perdoa, Cris. Sei que agi muito errado com você e que você não

merecia isso.

Mais uma lágrima escorre de seu rosto e não consigo mais conter as minhas.

— Eu fui um covarde, sabe? Dei valor às coisas erradas nessa vida e não estou nem um pouco orgulhoso de mim agora. Eu ia te contar; eu estava tentando encontrar uma forma melhor de te contar isso e sinto muito por você ter descoberto dessa maneira, sinto muito mesmo. Sei que nada do que eu disser vai justificar o que eu fiz. Me perdoa, Cris, de verdade.

Olho para ela mais uma vez e as lágrimas escorrem desenfreadas, mas ela ainda não consegue olhar para mim.

Eu me abaixo para dar um beijo no rosto dela e aproveito essa proximidade para sussurrar em seu ouvido: — Eu te amo.

Ela abre mais os olhos, mas ainda incapaz de olhar para mim. Vou deixá-la sozinha agora, vou deixar que ela fique longe de mim pelo tempo que precisar. Eu ainda não disse tudo o que eu precisava, mas foi um começo.

Faço um carinho em seus cabelos e pego as muletas que estão encostadas na parede. Coloco-as debaixo do braço e num impulso, estou de pé de novo. Olho para ela mais uma vez e a tristeza que vejo estampada em seu rosto parte o meu coração ao meio. Saio devagar do quarto e fecho a porta, torcendo para que ela fique bem e para que um dia possa me perdoar.

Capítulo 22

Cristina

Abro os olhos e olho para o celular: já passou das nove horas da noite. Acho que acabei dormindo por mais tempo do que eu imaginava, então minha mente se recorda de tudo o que foi vivido hoje e eu sinto meu coração se apertar novamente. Eu nunca esperava ser machucada dessa forma, mas as últimas palavras que ele disse no meu ouvido ecoam na minha mente sem parar.

“Eu te amo”.

Qual foi a última vez que ele me disse isso mesmo? Já nem me lembro mais. Ele poderia estar dizendo isso só porque falhou comigo, mas algo dentro de mim me diz que não é bem assim; eu senti sinceridade na sua voz, como sempre sinto quando ele está sendo honesto comigo.

Isso não muda em nada o que aconteceu hoje, claro. Mas eu senti que ele realmente parecia arrependido.

Eu ainda não estou preparada para perdoá-lo e nem sei quando ou se vou estar. Só preciso respirar fundo e continuar ajudando-o em sua recuperação, que é o que mais importa agora.

Sento na cama e olho pela janela: está chovendo. A água escorre pela janela e o som abafado da chuva caindo lá fora enche o ambiente. Suspiro e me levanto; preciso ir tomar um copo de água, pois minha garganta está muito seca. Deveria comer alguma coisa também, mas fome é algo que eu

vou demorar a sentir agora.

Ando pelo corredor e viro em direção à cozinha. Quando passo pela sala vejo o André deitado no sofá tirando um cochilo. Ele está todo torto e sinto uma fisgada no coração. Ele não devia estar dormindo ali agora, não é confortável com a perna desse jeito, e amanhã ele estará com o corpo todo dolorido.

Vou para cozinha, bebo um copo de água gelada e fecho os olhos. Respiro fundo tentando organizar meus pensamentos para que eu não perca a cabeça. Deixo o copo em cima da pia e volto para a sala. Olho para ele mais uma vez dormindo e volto a sentir aquela fisgada no coração.

Ele continua um homem lindo, como no dia em que o conheci. Seu rosto deu uma leve envelhecida, o que é inevitável com o tempo. Ele agora deixou a barba crescer, enchendo todo o seu rosto, e isso o deixou extremamente bonito. Os cabelos cresceram também. Perdeu um pouco de peso depois do acidente, mas mantém um corpo bem definido. Fico por um tempo olhando para ele aqui de cima, lembrando de vários momentos que passamos juntos e tentando entender como foi que chegamos ao que estamos vivendo hoje, mas cheguei a conclusão de que cansei de tentar entender a vida, é complicado demais. Vou viver um dia de cada vez e aguardar pelo que o futuro reserva.

Chego mais perto dele e ouço sua respiração constante. Ele está dormindo, mas ainda consigo ver tristeza em seu semblante. Eu queria sentir ódio dele agora, mas não consigo. Não consigo odiar ele; eu o amo demais! Só não sei se meu coração consegue juntar os cacos de novo. Não sei se ainda vou conseguir ser feliz com ele.

Me abaixo para ficar na altura do rosto dele e cutuco seu ombro.

— André. — Chamo baixinho.

Ele não responde, então cutuco mais uma vez e o chamo com a voz um pouco mais alta.

Ele parece relutar e então abre os olhos devagar para mim. Seus olhos estão vermelhos e o que vejo por trás deles aperta meu coração: ele também está sofrendo.

Tento não pensar demais nisso e raspo minha garganta.

— Vem pra cama, André, você está todo torto nesse sofá. Não está certo você dormir aqui, amanhã vai acordar com dor no corpo todo.

Ele me olha como se não estivesse entendendo o que eu acabei de dizer. Sei que é de se espantar, pois eu realmente preferia dormir sozinha hoje, mas eu não posso fazer isso com ele. Ele não está bem e eu não posso prejudicá-lo por causa do meu orgulho; ele precisa de espaço e conforto para dormir todas as noites e não é hoje que vai ser diferente.

— Mas e você... — Ele começa a me perguntar e não consegue terminar a frase, pois estou balançando a cabeça em sinal negativo.

— Não se preocupe comigo. Vem! — Digo, estendendo a minha mão para ele que a pega e se senta no sofá. Ele passa as mãos pelos cabelos e os ajeita atrás da orelha e eu me levanto para pegar as muletas que estão encostadas na parede.

Volto para perto dele e as entrego, uma a uma, que as coloca debaixo dos braços e pega impulso para levantar. Ele começa a caminhar ao meu lado em direção ao quarto e a brisa que entra através da janela da sala balança nossos cabelos e faz com que eu sinta o seu perfume. Eu adoro o perfume dele e sentir esse cheiro agora me faz fechar os olhos.

Sei que não vai ser fácil daqui para frente. Estamos os dois machucados por dentro e tentando juntar nossos cacos todos os dias desde que ele acordou do coma, mas eu preciso ser forte porque ele ainda precisa de mim.

Vou ficar ao seu lado enquanto ele precisar; e depois que ele estiver totalmente recuperado, eu espero, de coração, que eu tenha conseguido descobrir o que fazer.

Capítulo 23

Cristina

Tiro o celular do bolso e digito uma mensagem para a Flávia avisando que já estou no restaurante. Mais cedo mandei uma mensagem perguntando se ela podia almoçar comigo hoje, pois precisava muito conversar.

Assim que busquei o André na fisioterapia, deixei-o em casa e pedi o almoço dele por telefone. Hoje preciso ver minha amiga e conversar e ele não se opôs a almoçar sozinho.

Durante a manhã nós não conversamos muito. Eu levantei um muro de concreto entre nós para me proteger, e ele tem respeitado meu espaço, embora eu perceba em cada pequeno gesto ou olhar que ele me lança, o quanto está arrependido.

Eu achei que as coisas iriam ficar mais fáceis entre nós depois que voltamos para casa, mas mais uma vez eu estava enganada. Eu ainda não pensei no que fazer, por isso preciso tanto conversar com a minha amiga. Estou um pouco perdida, uma parte de mim quer perdoá-lo e correr para os seus braços, enquanto a parte racional me diz que não é por aí que as coisas vão, e isso é horrível. Meu coração já está machucado demais e eu não sei se ele aguenta mais uma dose de sofrimento.

Estou mexendo no meu suco por tempo demais quando ouço os passos abafados da Flávia em minha direção.

— Ai, gata, desculpa o atraso! Estava tendo passeata de alguma coisa que não entendi e travou o trânsito todo.

Eu me levanto para abraçá-la bem apertado e digo ainda em seus braços:

— Obrigada por ter vindo.

— Você já pediu alguma coisa? Estou morrendo de fome!

— Ainda não, estava te esperando. Vamos de pizza hoje?

Ela abre aquele sorriso enorme para mim e começa a bater palmas de empolgação. Nós sempre nos reunimos para comer besteira, não importa qual seja a hora.

O garçom se aproxima e peço uma pizza quatro queijos, pois a Flávia é vegetariana. A nossa sorte é que esse também é meu sabor favorito.

Assim que o garçom se afasta, ela se aproxima mais da mesa, pega minhas mãos entre as dela e aperta.

— Como você está, Cris?

— Não consigo definir ainda, Flá... — Olho para ela e meus olhos se enchem de lágrimas.

— O que foi que aconteceu?

Então começo a contar tudo que aconteceu ontem para minha amiga, enquanto as lágrimas teimosas insistem em rolar pelo meu rosto. Conto desde a ligação, até a hora que fomos nos deitar.

Ela me olha de forma paciente, ouvindo tudo que eu tenho a dizer sem me interromper. Quando eu termino, solto nossas mãos e seco minhas lágrimas com um lenço de papel.

— Poxa Cris, nem sei o que te dizer...

Eu balanço a cabeça assentindo. Eu a entendo, de verdade. Eu mesma não sei o que dizer ou pensar agora.

— Ele parece mesmo arrependido, amiga. Eu vejo isso dentro dos olhos

dele. Eu sempre consegui ver os sentimentos do André em seus olhos, mas meu coração está machucado demais, sabe? Dói demais ter que conviver com tudo isso.

— E você tem alguma ideia do que vai fazer?

— Queria muito saber, de coração. O que eu sei é que mesmo doendo muito, eu não posso abandoná-lo agora. Não posso virar as costas para ele e ir embora sabendo que ele ainda precisa de mim. — Suspiro e esfrego meus olhos. — Vou ter que esperar ele se recuperar, Flá. Até lá vou segurando as pontas. São só mais alguns meses, quando ele estiver bom de novo, eu vejo o que eu faço. Espero que durante esse tempo eu consiga me decidir.

Ela balança a cabeça em silêncio assentindo, sem tirar os olhos de mim.

— Eu não quero o divórcio. Eu nunca pensei que essa palavra fosse entrar algum dia no meu vocabulário..., mas eu não aguento mais sofrer, amiga. Então, se no final de tudo, essa for a minha única solução para ter paz na vida, é assim que vai ser. Eu preciso viver.

— Você está certa, amiga. Eu acredito em você e sei o quanto é forte. Então, seja qual for a sua decisão, vai conseguir enfrentar, e eu vou te apoiar sempre.

— Obrigada, de coração. Não sei se eu conseguiria passar por tudo isso sozinha.

— Você não está sozinha, jamais. — E pisca para mim.

A pizza chega e nos faz mudar de assunto enquanto comemos. Logo estou soltando gargalhadas com alguns casos engraçados que ela me conta. Se tem uma pessoa que é ótima em fazer os outros se sentirem melhor, essa é a Flávia. Ela consegue me fazer rir mesmo quando tudo ao meu redor me faz querer chorar. Eu a amo demais por isso.

Ficamos conversando por muito tempo, até dar a hora de eu voltar ao

trabalho. Nós não tocamos mais naquele assunto e eu me sinto muito mais leve por ter passado esse momento com ela.

Nos levantamos da mesa e depois de pagarmos a conta, caminhamos em direção a porta. Em poucos minutos seu *Uber* chega e eu me despeço dela com um abraço.

— Se precisar de alguma coisa, é só gritar. — Ela sorri e me dá um beijo no rosto.

— Eu sei. Obrigada mais uma vez.

Espero ela entrar no carro e sigo para o estacionamento em direção ao meu. Faço o trajeto até o trabalho ouvindo Nirvana e percebo como estou mais leve. Passar esse tempo com a Flávia foi esclarecedor para mim, me fez ajudou a colocar a cabeça no lugar. Agora eu preciso ter forças para esperar o André se recuperar e só então colocar minha vida no lugar. Eu vou conseguir, eu sei que vou.

Capítulo 24

André

Pego o celular e olho para a tela: ainda estou pensando se ligo ou não para a Cris. Pensei em pedir um lanche para nós dois e poupá-la de se preocupar com isso, mas também não sei se ela vai querer comer comigo.

Hoje foi a primeira vez desde que voltei do hospital, que almocei sozinho em casa. Ela precisava conversar com a amiga, mas mesmo assim se preocupou comigo e só saiu depois de pedir almoço para mim.

Durante a manhã, nos poucos momentos em que ficamos juntos, senti que ela estava se mantendo distante de mim. Acontece que ela está certa, eu pisei na bola com força, mas mesmo assim dói; dói ver que ela continua me ajudando no que preciso, mas sem olhar nos meus olhos e nem mesmo sorrir.

Se eu quero ter a minha esposa de volta, vou ter que fazer por merecer. Vou ter que provar para ela que sou digno da sua confiança e do seu amor. Sei que vou apanhar muito até conseguir, mas não vou desistir.

Eu preciso reparar todo o mal que eu fiz a ela.

Desbloqueio a tela do celular e disco seu número. Enquanto chama, sinto meu coração bater descompassado dentro do peito. Quando acho que a ligação vai cair, ela finalmente atende.

— Oi.

Sua voz é seca e sinto uma punhalada no peito. Não vai ser fácil.

— Ei, Cris. Você já está vindo?

— *Saio daqui uns vinte minutos. Por quê?*

Respiro fundo e tento manter a calma e o controle do meu coração que insiste em bater feito um louco.

— Pensei em pedir um lanche no Chef's hoje para que chegue junto com você. Pode ser?

Ela demora alguns segundos para responder, mas para mim parece uma eternidade.

— *Ok. — Ela responde simplesmente.*

— Beleza, Cris. Até mais tarde.

— *Tchau, André.*

Ela desliga e eu fico olhando para a tela do celular. Fecho os olhos e respiro fundo: Não vai ser fácil. Ninguém me falou que seria. Mas só um covarde desistiria agora, e eu já estourei minha cota de covardia com ela.

Disco o número da lanchonete e faço o pedido. Peço o lanche preferido dela e espero muito que ela possa, pelo menos, ter uma refeição em paz comigo.

Assim que encerro a ligação, vejo o meu telefone tocando. Por uma fração de segundo, meu coração bate fora do peito por pensar na possibilidade de que seja ela, então vejo que é o número do meu pai na tela.

— Oi, pai. — Atendo a ligação tentando disfarçar um pouco a tensão na minha voz.

— *Ei filho, está tudo bem?*

— Está sim, e por aí? — Tento manter a firmeza na voz, mas é claro que não dá certo.

— *Aqui está tudo tranquilo. Mas por que eu tenho a sensação de que tem alguma coisa acontecendo?*

Eu bufo, derrotado. É difícil esconder alguma coisa do meu velho.

— Ah pai, eu e a Cris estamos passando por uma fase delicada aqui em casa.

— *Sério? O que aconteceu?*

Começo a contar para ele tudo o que aconteceu ontem. Eu penso em esconder algumas coisas porque a vergonha que sinto agora é enorme, mas não posso. Eu preciso me abrir por inteiro com ele se espero que ele me ajude.

Quando termino de falar, ele fica em silêncio por um bom tempo do outro lado da linha.

— *Poxa, André. Não acredito que você foi capaz de fazer isso.*

Fico em silêncio, pois não tenho resposta para ele agora; sei que o decepcionei bastante.

— *Que vacilo, filho. Que vacilo feio! Estou extremamente decepcionado com você.*

Abaixo a cabeça e esfrego a mão livre nos olhos. Eu já sei que fiz a maior cagada do planeta, mas ouvir isso da pessoa por quem eu mais tenho respeito faz meu coração se rasgar dentro do peito.

— *Mas você realmente está arrependido? Não vai acontecer isso de novo? Você não pode errar com ela mais uma vez. Não é justo com a Cristina, ela já faz tanto por você.*

— De jeito nenhum, pai. O que eu mais quero é recuperar a confiança dela e mostrar que dessa vez vai ser diferente. Eu jamais farei uma coisa dessas de novo. Confesso que errei muito com ela no passado, mas hoje é diferente. Eu faço qualquer coisa por ela.

— *Então lute por ela, filho. Ela é uma mulher maravilhosa e tenho muito orgulho da pessoa que você escolheu para ser sua esposa. Siga seu coração e faça a coisa certa pelo menos uma vez na vida. Não desista.*

— Eu não vou desistir, pai. Eu a amo demais e preciso dela para viver.

— *Vai dar tudo certo, tenha paciência. Eu acredito em você.*

— Obrigado pelo apoio.

Nos minutos seguintes conversamos sobre futebol e filmes. Perguntei por minha mãe e ele disse que ela estava na aula de costura com as amigas. Conversar esse pouco tempo com meu pai significou demais para mim. Ele me disse tudo o que eu precisava ouvir.

Me sento no sofá e ligo a TV para assistir qualquer coisa enquanto a Cris não chega. A conversa que tive com meu pai foi o empurrão que eu precisava para ter uma conversa séria com ela e abrir o jogo de vez. Preciso contar de fato o que aconteceu e o quanto estou arrependido e disposto a mudar, só espero que não seja tarde demais.

Depois de alguns minutos, ouço o interfone tocar e recebo nosso lanche. Deixo as embalagens na bancada da cozinha e assim que volto para o sofá, ouço o movimento da minha esposa chegando.

Meu coração se aperta e sinto um frio na barriga. Voltei a ser um adolescente desde ontem, sentindo todas as emoções à flor da pele.

— Oi, Cris. — Digo enquanto ela se aproxima de mim na sala.

— Ei... — Ela responde com um sorriso discreto, o que já é um avanço e tanto para mim.

— O lanche já chegou.

— Ok, vou só tomar um banho antes.

— Sem problemas. — Sorrio para ela enquanto a vejo ir em direção ao nosso quarto.

Começo a me preparar mentalmente para o que está por vir e espero não estragar tudo mais uma vez, preciso muito que as coisas deem certo entre

nós.

Após uns vinte minutos ela volta do quarto com os cabelos presos em rabo de cavalo, usando short jeans e regata branca. É simples, mas ela está estonteante. E acho que ela percebeu que estou olhando meio abobalhado para ela, pois passa por mim com um meio sorriso no rosto.

Levanto do sofá, pego as muletas e sigo em direção à cozinha, acompanhando-a.

Ela pega as embalagens e coloca na mesa, já pegando os pratos e copos. Enquanto ela organiza tudo rapidamente, vou sentando na cadeira devagar.

Nossa mesa é quadrada e tem quatro cadeiras, fico aqui ansioso para ver em qual ela vai sentar, então ela me surpreende se acomodando de frente para mim.

— Como foi seu dia hoje? — Procuro puxar papo enquanto começamos a comer.

— Foi tranquilo. Foi bom ver a Flávia hoje e o dia no trabalho passou voando. E por aqui?

— Nossa, fiz várias coisas impressionantes! Passei o dia vendo TV e jogando *Candy Crush*. — Faço uma careta para ela, que solta uma risada me tirando um suspiro de alívio.

— Já devo estar na milésima fase, esse joguinho é viciante. — Ela continua rindo e eu aproveito o embalo para rir também.

— Vou ligar para o Augusto e ver se ele não tem nenhum trabalho que eu possa fazer de casa. Sério, estou ficando entediado Cris.

— Ah, eu imagino, André. Mas é passageiro, logo você vai voltar para sua antiga rotina.

— Deus te ouça.

Terminamos de comer e estamos numa conversa tão boa, que só de pensar no que vem a seguir, já fico tenso. Não sei como iniciar um assunto tão sério, e eu preferia não ter que dizer nada disso, mas tenho que deixar de ser um covarde e encarar a realidade.

Respiro fundo, tentando organizar os pensamentos e pego sua mão em cima da mesa para começar aquela conversa que eu espero que mude o rumo das nossas vidas.

— Cris, precisamos conversar. — Digo, enquanto acaricio suas mãos.

Ela me lança um olhar receoso, como se não tivesse certeza de que quer ouvir o que tenho a dizer.

— Tudo bem. — Ela assente, esperando que eu comece.

— Não pudemos conversar sobre o que aconteceu ontem e eu sei que te devo uma explicação. — Eu aperto suas mãos e uma sombra de dor passa pelos seus olhos, fazendo meu coração se contrair dentro do meu peito.

— Eu sei que não fui o melhor marido para você, tenho total consciência disso. Eu pensava que o fato de não te deixar faltar nada em casa bastava, mas isso nunca foi o suficiente. Porém, eu só me dei conta disso no dia em que acordei naquela cama de hospital.

Eu engulo em seco, procurando pelas próximas palavras.

— A verdade é que eu errei muito com você Cris. Errei como seu marido e principalmente, como seu companheiro. Eu te machuquei muito e você não faz ideia do quanto eu me arrependo disso. Me dói muito saber o quanto te fiz sofrer, minha linda. — Uma lágrima escorre dos meus olhos e quando ergo o olhar, vejo que o mesmo acontece com ela.

— E sobre a Jacqueline, eu realmente saí com ela. Ela é uma colega de trabalho e nós saímos juntos apenas duas vezes, mas eu te juro que não houve nada demais. Eu aceitei sair com ela porque queria distrair um pouco a

cabeça do trabalho. No começo, foi só uma conversa entre amigos em um bar, mas na segunda vez que saímos ela tentou avançar um pouco mais e me beijou. Aquilo me incomodou e eu acabei indo embora, fugindo das suas investidas. Eu nunca mais me encontrei com ela depois desse dia, mas sei que isso não foi nada certo com você, porque eu não deveria nem ter aceitado sair com ela, para início de conversa. Você não faz ideia do quanto eu me arrependo de ter feito isso.

Ela me olha dentro dos olhos com uma expressão confusa e então me faz uma pergunta que eu não esperava.

— Ela é ruiva?

Balanço a cabeça assentindo, envergonhado.

— Esse dia que você disse que saiu com ela, foi aquele que eu te dei carona para o trabalho?

Não faço ideia de como ela sabe de tudo isso, mas não sou nem doido de perguntar. Sou eu quem deve responder as perguntas dela hoje e não o contrário.

— Sim... — Me limito a responder, o sentimento de culpa me corroendo por dentro.

Agora as lágrimas dela escorrem desenfreadamente e a dor que vejo em seus olhos só aumenta, fazendo meu coração rasgar dentro do meu peito. Continuo apertando suas mãos com carinho, como se me agarrar a ela fizesse com que me compreendesse melhor.

— Eu não estou orgulhoso disso, meu amor, muito pelo contrário. Saber que errei com você tem sido a minha maior tortura. Sinto muito por fazer você passar por isso. Queria poder voltar no tempo e apagar todo o mal que eu te fiz, mas infelizmente isso não é possível. Não podemos mudar o passado, mas o presente e o futuro sim.

Agora que comecei a falar, e encorajado pelas suas lágrimas, preciso colocar tudo para fora.

— Sei que você faz mais por mim do que eu mereço e eu nem tenho palavras para agradecê-la por isso. Eu estou mudando Cris, de verdade. Desde que eu voltei do coma, eu tenho enxergado as coisas de uma forma diferente. Estou me esforçando ao máximo para ser o marido que você merece e farei o impossível para isso. — Respiro fundo e a olho dentro dos olhos, que estão tão marejados quanto os meus.

— Eu não sei se eu mereço seu perdão, mas eu preciso tentar. Por favor, me perdoa? Prometo que vou fazer tudo diferente e ser uma pessoa melhor para você, só preciso que me dê uma segunda chance.

Acaricio as mãos dela novamente enquanto a olho nos olhos.

— Me dê mais uma chance para reconquistar o seu amor. Eu não posso viver sem você, me perdoe.

E então me acabo em lágrimas. O silêncio paira no ar por alguns instantes enquanto o único barulho que vem de nós são os soluços que brotam de nossa garganta.

Eu sei que ela está muito machucada e eu daria o mundo para poder curar todas as suas feridas, mas sei que ela precisa se decidir sozinha e eu darei a ela o espaço que precisar.

Quando os nossos soluços cessam e só nos restam algumas lágrimas teimosas, eu a olho novamente nos olhos suplicando por uma resposta.

Ela então se recompõe e tenta buscar as palavras certas para me falar:

— André, eu, sinceramente, não sei o que te dizer.

Ela abaixa a cabeça e esfrega os olhos, suspirando.

— Você realmente me machucou muito e eu não sei se consigo confiar

meu coração a você de novo.

— Me deixa provar para você que posso merecer sua confiança? —
Digo com um olhar suplicante.

— Eu não sei, André. Ainda não estou preparada para te perdoar. Pode ser que algum dia eu esteja, mas hoje não, ainda não. É doloroso demais para mim.

— Eu entendo... — Abaixo meus olhos, deixando mais lágrimas descenderem. Sei que não vai ser fácil, e nem pensei que seria, mas é difícil falar isso para o meu coração.

— Eu não posso te responder isso agora, mesmo se eu quisesse. É tudo muito novo para mim, sabe? Em um dia você me fere de todas as formas, e no outro você implora pelo meu perdão. Eu preciso de um tempo para processar tudo isso.

— Tudo bem, linda. Você pode ter o tempo que precisar para decidir. Até lá, vou continuar fazendo o possível para você voltar a confiar em mim. Eu te amo demais.

— Eu também te amo, André. Mas não sei se, no nosso caso, só o amor basta.

Meu coração se enche dentro do meu peito e dispara com força total. É a primeira vez que ouço dizer que me ama desde que eu voltei para casa. Eu me agarro a essa esperança e meu peito se enche de um amor que até transborda.

— Vou te provar que você pode me amar e ser feliz comigo, Cris. Confie em mim.

Ela continua me olhando por um tempo, em silêncio, incapaz de dizer mais nada e percebo que nossa conversa chegou ao fim.

Eu dei o primeiro passo de uma longa jornada e eu jamais vou desistir

do maior propósito da minha vida: recuperar o meu casamento.

Com relutância, deixo que ela solte suas mãos das minhas e a vejo se levantando da cadeira para sair da mesa.

— Vou dormir agora, André. Boa noite. — Diz enquanto se dirige ao corredor em direção ao nosso quarto.

— Boa noite, amor. — Respondo simplesmente.

E estou sozinho de novo.

Eu bufo, como se tentasse tirar um pouco o peso do meu peito, mas não tenho sucesso.

Deixo que ela fique um tempo sozinha no quarto para pegar no sono, antes que eu vá me deitar. Se é que algum de nós dois vai conseguir dormir essa noite.

Depois de um tempo refletindo sobre o dia de hoje e tudo que aconteceu, decido ir para a cama também. Pego as muletas e me levanto, apagando as luzes da casa enquanto caminho em direção ao nosso quarto.

Quando chego à porta, vejo que ela está deitada meio de bruços em seu lado da cama e que deixou o abajur do meu lado aceso para quando eu me deitasse. Ela nunca deixa de pensar em mim e me ajudar. Espero que ela deixe que eu faça o mesmo por ela agora.

Sento no meu lado da cama, tiro as muletas e ajeito minhas pernas para deitar. Eu queria conseguir deitar de lado agora para abraçá-la, mas ainda não dá. Eu me sinto tão impotente por isso. Deito de barriga para cima e fico encarando o teto por um longo tempo.

Viro a cabeça para o lado e vejo que agora ela está de frente para mim, e mesmo dormindo seu semblante demonstra o quanto está cansada. Vê-la assim me faz sentir mais uma pontada de culpa, mais uma para se juntar às tantas outras, pois sei que um dos maiores motivos do meu cansaço tem nome

e sobrenome: André Campos Xavier.

Desligo o abajur e mesmo na escuridão do nosso quarto ainda consigo ver o seu rosto. Continuo a admirando, pensando se ainda vou ter a chance de me aproximar dela de novo, beijá-la mais uma vez... Só de pensar na possibilidade de nunca mais senti-la perto de mim, uma tristeza bate e toma conta do meu ser. As lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas me mantenho em silêncio, para não atrapalhar o seu sono, para que ela não perceba que estou chorando.

Em meu íntimo, faço uma prece a Deus e a ela para que eu possa ter uma segunda chance, é só disso que eu preciso.

Capítulo 25

Cristina

Atravesso o pátio da Casa São Lucas indo ao encontro do meu avô. Eu queria ter vindo para cá antes, assim que tive aquela conversa com o André, pois eu precisava muito ouvir os conselhos de quem sempre soube o que é melhor para mim. Porém, durante a semana é sempre muito apertado para eu vir visitá-lo por causa da difícil conciliação entre meu trabalho e a fisioterapia do meu marido.

A semana seguiu com tranquilidade. Eu senti que o André tirou um peso enorme de si depois da conversa que tivemos e vejo o quanto tem se esforçado a cada dia para ser alguém melhor.

Uma parte de mim quer realmente acreditar na mudança dele, por tudo que ele tem feito para mim, mas a parte ferida do meu coração tem falado mais alto, como se ainda não pudesse confiar nele por inteiro, e essa confusão de sentimentos acaba comigo.

No dia seguinte à nossa conversa, eu liguei para a Flávia pela manhã e contei a ela tudo que aconteceu. Ela ficou tão confusa quanto eu, mas manteve a mesma postura, dizendo que me apoiaria em qualquer decisão que eu tomasse. Ter o apoio dela me ajuda muito a continuar nessa batalha, mas tem horas que eu queria ter uma bola de cristal para ver o futuro e saber o que ele me reserva; seria tão mais fácil decidir a minha vida. Pena que não é dessa forma que acontece, e muitas vezes precisamos errar e sofrer para conseguir chegar ao fim.

Caminho, distraída em meus pensamentos, quando avisto aquele senhorzinho que domina a maior parte do meu coração sentado no banco debaixo de uma árvore, lendo um jornal. Chego mais perto dele e me sento ao seu lado, já me aninhando em seus braços.

— Oi, vô, a sua benção.

— Deus te abençoe, minha filha. — Ele sorri para mim enquanto dobra o jornal e o coloca ao seu lado no banco, e se volta para me olhar.

— Está tudo bem, Cristina? — Ele nota tristeza no meu olhar e sua testa se enrugando de preocupação.

— Não muito, vô. — Digo abaixando o olhar e pegando sua mão.

Ele aperta as minhas mãos na sua e entrelaça nossos dedos.

— O que aconteceu, filha?

Solto meus ombros e começo a contar tudo para meu avô, desde a ligação que André recebeu da Jacqueline até a nossa conversa no início dessa semana.

— E o que você está pensando em fazer? — Ele me olha por cima dos óculos, me avaliando.

— Não sei. — Solto o ar dos pulmões e suspiro. — Ainda não decidi. Na verdade não estou conseguindo pensar com muita clareza, sabe? Uma parte de mim quer acreditar nele e perdoar, mas ainda não sei se estou preparada para isso, vô. Meu coração está machucado demais.

Tiro uma das mãos que está segurando a dele e enxugo minhas lágrimas que insistem em cair.

— Cristina, eu sei que o que ele fez não foi certo, mas se ele está arrependido e te pede por uma segunda chance, acho que você devia tentar.

— Mas como eu vou saber que ele não vai fazer isso outra vez? Que

nunca mais vai me machucar de novo?

— Não tem como você saber disso se não tentar, minha filha.

Eu absorvo as palavras de meu avô vendo que faz mesmo todo sentido o que ele diz, mas ainda não sei se estou preparada para me arriscar.

Eu ainda estou em silêncio, tentando processar tudo isso e ele continua.

— Querida, não é fácil para um homem assumir o erro e pedir perdão. Muitas vezes o orgulho fala mais alto, mas na maioria das vezes ele não reconhece que está errado. Só essa atitude dele já diz muito para mim.

Ele suspira tenso, tentando encontrar as palavras certas, enquanto eu o escuto em meio às minhas lágrimas.

— Escute o conselho do seu avô que já errou nessa vida e que sabe a importância de uma segunda chance. Eu também já fui casado, minha filha. Você está no início do seu casamento, ainda tem muito a vir pela frente. É importante saber lidar com as tribulações.

Eu assinto com a cabeça, e me aconchego em seu peito. Sei o que ele está tentando dizer e consigo encontrar a sabedoria de suas palavras. Mas é tão difícil dizer isso para o meu coração... É tão difícil fazer com que ele entenda que pode confiar mais uma vez.

Ficamos um bom tempo abraçados em silêncio, e eu consigo colocar meus pensamentos em ordem enquanto sou acalentada pelo meu avô.

Depois de refletir sobre tudo que ele me disse, decido que vou tentar. Não vai ser fácil curar as feridas do meu coração, mas estou disposta a ver o que o André é capaz de fazer para mudar. Se realmente vai valer a pena confiar meu amor a ele mais uma vez.

Capítulo 26

Cristina

Abro a porta do apartamento e entro, trancando-a em seguida. Coloco minha bolsa e as chaves em cima da mesa quando ouço um som vindo do nosso quarto. Parece que o André está ouvindo música, então vou andando pelo corredor em direção a ele. Quando vou chegando perto, ouço o assobio da música e logo reconheço *Patience*, de *Guns n' Roses*. E o mais estranho é que ele não está ouvindo a música, ele está tocando em seu violão.

Chego próximo ao quarto e vejo que ele está sentado na cama com o violão no colo, tocando de cabeça baixa, e nesse momento eu sinto como se eu tivesse vinte e um e o André vinte e quatro de novo. Lembranças de uma época em que eu amava ouvi-lo tocar vêm à minha cabeça feito flashes. Faz um bom tempo que não o vejo tocar; faz anos que sua guitarra e seu violão estão juntando poeira no canto do guarda-roupa.

Vê-lo tocando agora faz minhas pernas tremerem. A música é simplesmente perfeita e retrata bem o que estamos vivendo nesse momento. Quando chego quase na porta minhas pernas vacilam, me encosto à parede e escorrego até o chão.

Quando sento no chão, ele percebe a minha presença e ergue a cabeça para me olhar. Ele parece um pouco surpreso, como se não esperasse me ver ali, então vacila e erra alguma nota, mas logo se recompõe.

Ele volta seu olhar para o violão, e quando termina de assobiar, começa a cantar a música.

Derramei uma lágrima porque estou sentindo sua falta

Ainda me sinto bem o suficiente para sorrir

Garota, eu penso em você todos os dias agora

Houve um tempo que eu não tinha certeza

Mas você acalmou minha mente

Não há dúvida, você está em meu coração agora.

A sua voz soa com uma delicadeza tão incrível que eu não consigo conter uma lágrima, ele levanta os olhos para mim e lança um meio sorriso.

Eu disse: Mulher, pega leve

Tudo vai se resolver bem por si mesmo

Tudo que precisamos é de um pouco de paciência

Eu disse: Docinho, não tenha pressa

E vamos ficar bem juntos

Tudo que precisamos é apenas de um pouco de paciência

Percebo que tem algo diferente nele hoje, pois ele toca e canta com toda a sua alma, do fundo do coração, e é lindo de se ver. Dobro meus joelhos e apoio minha cabeça, sem tirar os olhos dele. Ainda estou sentada no chão do corredor. Estamos distantes, mas ao mesmo tempo tão próximos. O som que ele faz preenche todo o ambiente e a emoção que toma conta de mim é inexplicável.

Eu sento aqui nas escadas, pois prefiro ficar sozinho

Se eu não puder te ter agora, eu esperarei, querida
Às vezes, eu fico tão tenso
Mas eu não posso acelerar o tempo
Mas você sabe, amor, há mais uma coisa para considerar

Ele ergue os olhos para mim mais uma vez e dessa vez é dos olhos dele que uma lágrima escorre. Nunca antes o vi tocar com tanta emoção e meu coração se enche de amor. Cada palavra que sai cantada dos seus lábios entra nos meus ouvidos e se aloja no fundo da minha alma.

Eu disse: Mulher, pega leve
As coisas vão ficar bem
Você e eu só temos que ter um pouco de paciência
Eu disse: Docinho, não se apresse
Pois as luzes estão brilhando intensamente
Você e eu temos o que é preciso para conseguir
Nós não vamos fugir
Nunca vou romper isso
Pois eu não suportaria

Então ele desce os olhos novamente em direção ao violão e começa a tocar o solo da música. Tão puro de ser tocado e ao mesmo tempo tão intenso. Eu não consigo parar de chorar e nem de olhar para ele que está tão empenhado em dar o seu melhor para mim.

Quando o solo termina, ouço mais uma vez seu assobio rouco e sinto

meu coração derreter.

A música faz menção de parar, mas ele recomeça com gás total, como se precisasse encontrar mais força para me dizer tudo o que precisa.

*Um pouco de paciência,
Precisamos de um pouco de paciência,
Só um pouco de paciência,
Um pouco mais de paciência,*

*Eu estive caminhando nas ruas à noite
Apenas tentando entender
É difícil ver com tantos por perto
Você sabe que eu não gosto de ficar preso na multidão
E as ruas não mudam, apenas os nomes, amor
Não tenho tempo para joguinhos
Porque preciso de você
Yeah, Yeah, mas eu preciso de você
Eu preciso de você
Eu preciso de você
Nesse momento*

Ele encerra as últimas notas e ergue o olhar para mim uma última vez, e seus olhos estão tão marejados quanto os meus. Eu ainda estou em choque, sem conseguir assimilar tudo isso que acabamos de viver. As palavras do meu avô ecoam na minha mente e ouvir essa música tocada pelo André

mexeu muito comigo.

Ficamos por alguns minutos assim, simplesmente nos olhando. Ele na cama, segurando o violão, e eu no chão abraçando minhas pernas. Lágrimas desenfreadas surgem para nós dois; lágrimas que vêm para tentar lavar nosso passado e talvez abrir caminho para um novo futuro.

Capítulo 27

Cristina

— Cris, pelo amor de Deus, vem aqui me salvar! — É assim que a Flávia me saúda quando atendo sua ligação no meu horário de almoço. A sorte dela é que eu tenho tempo para escutá-la agora.

— Ai, Jesus, o que foi? — pergunto já preocupada.

— Chegando aqui te explico, corre! — E desliga o telefone sem nem me deixar espaço para mais perguntas. Eu sofro com essa minha amiga louca todos os dias.

Eu me levanto da mesa do restaurante pegando a conta já andando para o balcão do caixa, onde pago minha comanda e acelero em direção ao estacionamento.

Hoje o André me dispensou de almoçar com ele, dizendo que comeria as sobras do jantar de ontem. Mesmo afirmando que ele não me incomoda, ele insistiu com isso. Percebo que ele se sente mal por depender muito de mim e está sempre procurando fazer algo para me poupar.

Ligo o carro e o ar condicionado no máximo, pois o calor está de matar. Ligo o som e dessa vez vou ao som de *Foo Fighters*. Eu tenho um ritual para ligar o carro e André sempre ri disso quando está comigo. Viro a esquina e vou dirigindo calmamente até o bairro da Flávia.

Paro em frente ao prédio dela e desligo o carro. Desço, aperto o interfone e ela já abre para mim. Subo as escadas para o segundo andar e bato na porta de seu apartamento. Logo ela abre a porta com uma expressão

bastante assustada.

— O que você aprontou dessa vez? — Pergunto já fechando a porta atrás de mim, mas quando vejo, ela sumiu para dentro do apartamento e segundos depois volta com um filhote de gato nas mãos.

— Ah, lá vem você! Arrumando encrenca para mim, né? — Pergunto já pensando o que ela está tramando.

— Por favor, Cris, não tinha condições de deixar esse bebezinho sozinho na rua. Ele ia morrer. E se eu trazer mais um gato para casa, o Léo me coloca pra fora e você sabe disso.

Eu reviro os olhos para ela. Odeio isso nela. Ela sempre me salva quando preciso e fica impossível negar qualquer ajuda. Vaca.

— Tá, e qual é a ideia? — Pergunto, coçando o queixo impaciente.

— Leva para sua casa, por favor, é só por uns dias. Só até eu conseguir arrumar um lar para ele. É provisório, prometo. Só não tenho onde deixar ele agora.

— Você ficou louca? André vai me matar. Você sabe que ele não gosta de gatos. Só de cachorros dos grandes. Já tentei ter um mísero poodle e ele quase enfartou.

— Gata, sério? André não está em condições nenhuma de te impedir de nada. — Ela diz isso enquanto se aproxima de mim com aquela bolinha de pelos mais fofa.

— Mesmo assim, Flá, ele não gosta, é injusto eu usar a atual situação dele para me beneficiar. — Retruco, pegando o gatinho no colo. Ele tem o pelo laranja com alguns rajados brancos e os olhos azuis mais lindos que já vi. Acho que estou bastante encrencada.

— Cris, você sabe muito bem que ele está comendo na sua mão. Ele não faz nada para te desagradar. Leva o gatinho, diz que é temporário. Ele

nem precisa chegar perto do bichinho se não quiser. Prometo que é só por uns dias.

— Eu odeio você. — Eu bufo, me rendendo. Odeio toda aquela situação. Eu sempre quis ter um animal em casa, mas sempre soube o quanto o André abominava essa ideia. E não quero que ele pense que estou me aproveitando dele agora.

— Eu sei, é por isso que eu te amo. — Responde me dando um beijo no rosto. Ela é insuportável quando quer alguma coisa, e quando coloca uma ideia na cabeça, ninguém tira.

— Anda, escolhe um nome pra ele. — Insiste eufórica.

— Hmmm, acho que Fred. — Respondo olhando para aqueles olhinhos azuis tão lindos.

— Porra, Cris! Fred? Sério?! Fred só não perde pra Chaninho. — Ela me responde fazendo a cara brava mais engraçada do mundo.

— Me desculpa se não tenho criatividade para colocar nomes tão inusitados quanto você. Queria que eu colocasse o que? Abóbora?

— Qualquer nome é melhor do que Fred, mas tudo bem. Vou deixar passar só porque você está me salvando dessa. — Ela sai pelo apartamento e depois de alguns minutos retorna com dois potinhos que eu suponho que são para água e ração, uma caixa retangular pequena, um pouco de areia numa sacola e ração em outra. Um kit básico para os primeiros dias, como ela disse.

Eu não faço ideia de qual será a reação do André quando vir o gatinho, mas ele realmente tem melhorado muito o comportamento comigo nos últimos dias e eu espero que agora não seja diferente.

Desço as escadas, saio do prédio e vou em direção ao meu carro. Coloco as coisas do Fred no banco traseiro e o ajeito no meu colo para irmos embora.

Eu irei enfrentar uma fera agora e que Deus me ajude. Tomara que essa bolinha de pelos amoleça o coração do meu marido.

Capítulo 28

Cristina

Chego em casa mal conseguindo abrir a porta por estar com as mãos ocupadas com bolsa, gato e afins, mas com muito esforço consigo destrancar a porta e entrar.

Entro chamando pelo André, que me responde do nosso quarto. Eu bem poderia deixar o gatinho escondido até pensar num plano B, mas não seria justo com ele. Então deixo as coisas em cima da bancada da área de serviço e sigo para o quarto com o Fred nas mãos, mal conseguindo segurá-lo de tão trêmulas que estão. Respiro fundo e tento manter a calma.

Chego à porta do quarto e o vejo sentado na cama lendo um livro sobre a Segunda Guerra Mundial que dei para ele no Natal passado, que, por sinal, é o único livro que ele vai ler na vida. Ele levanta os olhos e me dá um sorriso que é capaz de fazer qualquer coração se derreter.

Me aproximo dele, que ainda não notou a bolinha na minha mão, calmamente, sento na cama ao seu lado e começo:

— André, preciso que você veja uma coisa. Na verdade, alguém. — Ele abaixa o livro e vê o gatinho e seu rosto toma uma expressão de espanto e ao mesmo tempo de curiosidade.

Ele coloca o livro de lado e se ajeita na cama, sentando corretamente e cruza os braços em silêncio me esperando. Então eu prossigo.

— Esse mocinho é o Fred. A Flávia o encontrou perdido e sozinho na rua, então o pegou. Pela análise dela, ele deve ter cerca de dois meses de

vida, e um bebê tão novinho assim não sobreviveria sozinho. Ela me pediu para ficar com ele só por alguns dias, até ela encontrar uma pessoa que o adote. Você sabe o quanto ela me ajuda e eu, sinceramente, não tive coragem de dizer não. Gatos não dão muito trabalho e pelo que ela me explicou, ele já sabem usar a caixa de areia sozinho, então acredito que não vá nos atrapalhar muito. Tudo bem para você?

André me olha por um tempo em silêncio, pensativo, o que só faz com que minha ansiedade aumente. Eu pagaria caro para ler seus pensamentos agora, mas, para minha surpresa, ele me dá um sorriso despreocupado e acrescenta:

— Tudo bem, Cris, se é só por alguns dias, não tem problema. Mas eu não tenho condição nenhuma de cuidar dele agora, então com isso, infelizmente não posso te ajudar.

Meu corpo parece derreter quando termino de processar o que ele havia falado. Eu estou muito surpresa com essa reação dele. Era mesmo meu marido? Era esse o André? Ou alguma nave espacial o havia abduzido?

Eu que não vou questionar nada, vai que ele muda de ideia! Apenas balanço a cabeça assentindo.

— Tudo bem, está ótimo assim. Não precisa se preocupar com ele, eu mesma vou cuidar e não vai te atrapalhar em nada. Se surgir algum problema com ele enquanto eu estiver trabalhando, só me ligar que volto para casa na mesma hora.

Ele concorda balançando a cabeça e pega o livro de volta para retornar à sua leitura. Então me levanto da cama com cuidado, ainda com Fred nas mãos, e vou em direção à porta, mas antes de sair me contenho, e viro para ele.

— Obrigada. — Digo simplesmente.

Ele me dá um sorriso sincero e meu coração se derrete mais uma vez.

Saio do quarto sentindo como se meu corpo pesasse dez quilos a menos e vou acomodar o gato em uma caixa no canto da minha sala de Tv. Ele começa a brincar com alguns fiapos que saem dela e deixo ele se entretendo enquanto pego o celular para mandar uma mensagem para Flávia.

Amiga, sua louca, você não vai acreditar! — Digito apressada, mal contendo minha euforia.

Anda, desembucha logo! — Responde ela instantaneamente, o que me faz rir sozinha. Eu juro que às vezes penso que ela não faz mais nada da vida quando sempre me responde tão rápido.

O André não se importou nem um pouco com o Fred. Nadinha. E ainda ganhei um sorriso. Dá para acreditar?

Ah, eu te falei!!! Eu sabia! Hahahaha. Eu te disse que ele está comendo na sua mão, não disse? Quando é que você vai admitir que eu sempre estou certa sobre tudo?

Eu sei, e te odeio por isso. — É incrível como ela tem o poder de saber mais sobre a minha vida do que eu. Ela sempre está certa sobre tudo. E claro, como uma boa amiga que é, faz questão de esfregar isso na minha cara sempre que tem oportunidade.

Desligo o celular e olho para o Fred. Ele ainda brinca na caixa e penso que pode estar com fome. Levanto do sofá e vou até a bancada buscar a ração e coloco no potinho para ele junto com a água no canto da sala. Ele come feito um trator e vê-lo assim me faz sorrir.

Deixo ele se entretendo e me despeço do André para voltar ao trabalho já pedindo aos céus que nada de errado aconteça na minha ausência.

Capítulo 29

André

A semana passou voando e tudo correu dentro da normalidade. A Cris tem se aproximado de mim aos poucos e eu estou me esforçando todos os dias para estreitar isso ainda mais. Hoje é sexta feira e decidi fazer uma surpresa para ela. Estou trabalhando com afinco na minha missão de reconquistar a minha esposa e hoje vou preparar o jantar para ela.

Eu nunca cozinhei antes, isso é verdade, mas ultimamente eu tenho passado tanto tempo assistindo programas de culinária na TV que sinto como se já cozinhasse há anos.

Faz poucos minutos que a Cris voltou para o trabalho e me deixou sozinho aqui em casa. Já estou conseguindo firmar a minha perna esquerda no chão, então consigo me locomover um pouco melhor do que antes. As sessões de fisioterapia tem sido difíceis, mas estão me ajudando muito a enfrentar tudo isso.

Conseguimos agendar para semana que vem a retirada dos meus fixadores externos e eu não vejo a hora desse dia chegar, vai ser um alívio imenso.

Olho para o relógio e vejo que falta pouco mais de quatro horas para a Cris voltar de vez para casa. Mais cedo liguei para o Augusto e passei uma lista de compras para ele fazer para mim. Me sinto péssimo tendo que pedir a ajuda das pessoas, mas não tenho outra alternativa.

Pelas minhas contas, ele vai chegar dentro de uma hora com as compras

e, enquanto isso, me sento no sofá e ligo a TV para passar o tempo.

Enquanto passo os canais com o controle remoto, sinto o Fred escalando minha perna. Ele é um gatinho irritante às vezes, mas tem sido uma boa companhia para mim. Filhotes brincam com qualquer coisa, então com frequência eu me pego me divertindo com ele. Acho que no final das contas não vai ser tão ruim ter um animal de estimação. Ainda estou pensando nessa possibilidade, mas sem falar com ela, é claro. Não quero dar falsas esperanças.

O tempo passa e eu nem vejo, só percebo quando ouço o interfone tocar. Levanto do sofá e atendo, abrindo o portão para o Augusto.

Minutos depois ele entra pela porta do meu apartamento carregando as sacolas de supermercado.

— E aí, cara? — Passa por mim acenando com a cabeça enquanto indico para ele colocar tudo na bancada da cozinha.

— Fala Augusto. Como vão as coisas?

— Você quer saber se está fazendo falta, né? Pra caralho! Mas estamos conseguindo sobreviver sem você. — Ele ri para mim e eu dou um soco fraco em seu braço o irritando.

Augusto e eu fizemos faculdade juntos e temos a mesma idade. Depois que nos formamos, eu trabalhei no escritório de advocacia do meu tio por alguns meses para pegar experiência, só então decidimos arriscar e montar nosso próprio escritório. Hoje temos uma empresa sólida no mercado, especializada em direito empresarial e tributário.

— Já te falei para me mandar trabalho, cara. Não sei por que não me passou nada ainda.

— Relaxa André, foca no seu tratamento. Quando precisar de você eu venho te procurar, pode ficar tranquilo.

— Valeu, cara. Não aguento mais ficar em casa sem fazer nada.

— Ah, então é por isso que você resolveu brincar de *Masterchef*?

Ele ergue a sobrancelha e não aguentamos, caímos na risada.

— Não seja estraga prazeres, Augusto. Estou querendo fazer um jantar para minha esposa que faz por mim muito mais do que eu mereço.

— Está certo. Vou deixar você brincando aí e vou nessa. Tenho audiência daqui à uma hora e preciso passar no escritório antes.

— Boa sorte lá. E obrigado por ter quebrado meu galho hoje.

— Sem problemas. Se sua comida prestar, me chama da próxima vez.

— Pode deixar. — Bato no ombro dele enquanto o conduzo até a porta de entrada.

— Tchau, André. Se cuida, cara. Fica bom logo pra voltar.

Bato continência para ele e aceno enquanto o vejo sair.

— Valeu, Augusto. Até mais.

Vejo-o sumindo pelo corredor do prédio e me viro para entrar em casa, fechando a porta atrás de mim.

Sigo para a cozinha e confiro nas sacolas se ele comprou tudo o que eu preciso. Olho para o relógio, ainda faltam umas três horas para a Cris chegar.

Coloco o vinho na geladeira e volto para o sofá. Quando digo que estou entediado, não estou brincando; está realmente um saco não ter nada para fazer durante o dia.

Me deito um pouco e acabo tirando um cochilo, me preparando para o que vem mais tarde. Espero muito que eu faça tudo certo hoje e a Cris goste da surpresa.



Falta cerca de uma hora para ela chegar e eu já estou com tudo adiantado por aqui. Estou seguindo a receita à risca e parece estar dando certo. Escolhi fazer um *conchiglione* recheado com molho de camarão e catupiry e salada fresca para acompanhar.

A Cris adora camarão, e se ficar tão bom quanto estou pensando, tenho certeza de que ela vai amar.

A salada já está montada na travessa de vidro. Finalizo o molho de camarão e começo a montar os *conchigliones* recheando-os um a um. Quando a travessa está completa, despejo o molho bechamel por cima e finalizo com queijo parmesão.

O cheiro está maravilhoso e estou confiando nos meus instintos que o sabor também está.

Coloco a travessa com a massa dentro do forno e deixo descansando para acender quando a Cris chegar.

Enquanto isso eu monto a mesa. Não sou muito detalhista como as mulheres, mas consigo montar uma mesa bonita, com velas e flores.

Quando termino, tiro o *Brownie* do forno e coloco em cima da bancada. Confiro o relógio mais uma vez e olho para a mesa. Está tudo pronto. Faltam uns quinze minutos para ela chegar e dá tempo de eu tomar um banho antes.

Caminho pela casa em direção ao banheiro com um sorriso no rosto. Acho que dessa vez vai dar certo. Acho que vou conseguir surpreendê-la e, principalmente, tirar um sorriso do rosto dela.

Capítulo 30

Cristina

Abro a porta do apartamento e sinto um cheiro maravilhoso preenchendo todo o ambiente. Ando em direção à cozinha e meu queixo cai quando vejo a mesa perfeitamente montada. Onde foi que o André aprendeu tudo isso?

Ainda estou olhando chocada para a mesa quando ouço seus passos vindo atrás de mim e o cheiro do seu perfume marcando presença.

— Ei, linda. — Ele me cumprimenta, lançando um sorriso. Me viro para vê-lo melhor e quase perco o ar. Ele está maravilhoso.

Os cabelos estão molhados e ele penteou para trás, dando um charme maravilhoso. Ele fez a barba, mas deixando ainda um bom volume pelo rosto. A camisa gola polo grafite dá um destaque acinzentado para os seus olhos o deixando ainda mais lindo do que já é, se é possível.

— Oi, André... — Respondo, meio gaguejando. Ainda estou tentando assimilar tudo que está acontecendo por aqui.

— Está com fome? Preparei o jantar para nós dois hoje. — Ele diz com tranquilidade e percebo que faz muito tempo que não o vejo tão seguro de si.

— Estou... Foi você quem fez? — Não consigo conter o espanto na minha voz. Até ontem, o André só sabia fritar ovo.

Ele sorri para mim e se aproxima mais um pouco, diminuindo o espaço entre nós.

— Quando não estou jogando *Candy Crush*, estou vendo programas de

culinária na TV e hoje quis arriscar. Você gostou da surpresa?

— Eu... eu adorei, André. De verdade. Mal posso esperar para experimentar o seu prato.

Sorrio para ele com sinceridade, pois estou mesmo impressionada com tudo isso.

— Ótimo. Pode ir tomar seu banho enquanto eu coloco a massa no forno. Quando voltar, já vai estar pronto.

— Combinado. — Passo por ele ainda com um sorriso no rosto. Eu estou realmente surpresa com isso. Meu marido cozinhar para mim é algo muito inédito, isso é um sinal de que ele está mesmo se esforçando para melhorar.

Tomo um banho rápido, pois estou muito ansiosa por esse jantar. Saio do banheiro enrolada na toalha e vou em direção ao guarda-roupa procurando pelo que vestir.

A ocasião merece algo especial então opto por um vestido azul marinho de alças finas que vai até a metade da coxa. Penteio meus cabelos e resolvo deixá-los soltos, passo meu perfume favorito e um batom nude discreto, só para realçar os lábios.

Me olho no espelho e sorrio. Ainda não perdooi o André e lembrar o que ele me fez ainda dói, mas preciso reconhecer que ele está se esforçando fazendo esse jantar para mim.

Caminho de volta à cozinha e vejo que ele está se abaixando para tirar a travessa do forno. Mesmo atrapalhado com as muletas, ele consegue se sair muito bem.

— Precisa de ajuda? — Pergunto, me aproximando dele. Mas quando vejo, já está ajeitando a travessa no centro da mesa.

Ele acendeu as velas e está tudo tão lindo... Sorrio abobada para seu

gesto de carinho e ele percebe.

— Você está linda. — Ele me olha com uma expressão de fascínio, me fazendo corar.

— Obrigada. — Abaixo os olhos, enrubescida, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Podemos? — Ele puxa a cadeira para eu me sentar e sua atitude é tão fofa que me faz sorrir.

— Claro. — Me ajeito na cadeira e o vejo contornando a mesa para se sentar de frente para mim.

Ele abre a garrafa de vinho e serve duas taças, me estendendo uma.

Antes que eu leve a taça na boca, ele me interrompe propondo um brinde.

— A momentos que merecem ser eternizados. — Ele diz e me lança um sorriso sincero, fazendo meu coração se aquecer.

Encosto minha taça na dele e tomo um gole. Que vinho bom!

— Posso? — Ele pede permissão para me servir e eu assinto, sorrindo.

— Por favor.

Ele me serve uma massa que está com uma cara e um cheiro maravilhosos.

— E o que temos para hoje, chef? — Pergunto antes de colocar a primeira garfada na boca.

— *Conchiglione* recheado com camarão e catupiry. — Ele me responde todo sorridente e orgulhoso.

Camarão? Uau. Vamos ver se meu chef particular é bom mesmo.

Experimento a massa do André e fico encantada, pois é simplesmente delicioso.

— Nossa, André. Isso está muito bom, perfeito!

Seu sorriso se abre de um canto a outro e vejo o quanto está feliz por eu ter gostado.

— Por que você escondeu seu talento por tanto tempo?

Ele gargalha e me olha com devoção.

— Pode ficar tranquila, linda. Vou cozinhar muito para você ainda, compensando o tempo perdido.

Fico meio sem reação com as palavras dele e acho que ele percebe. Sei que ele está falando da cozinha, mas suas palavras vieram com outro sentido também, me fazendo lembrar de uma outra fase não tão feliz de nossas vidas.

Continuamos nosso jantar em uma conversa despreocupada e eu realmente gostaria que momentos como esse se repetissem. Me ajudam a relaxar e esquecer um pouco tantos problemas que temos enfrentado ultimamente.

— Preparada para a sobremesa? — Ele se levanta recolhendo nossos pratos. Eu o olho espantada.

— Temos até sobremesa? Que chique!

Tento me levantar para ajudá-lo, mas ele nega com a cabeça. Quer fazer tudo sozinho e estou achando realmente incrível ele conseguir dar conta de tudo sem colocar um dos pés no chão e apoiado nas muletas.

Ainda estou apreciando minha taça de vinho quando ele volta com a sobremesa. *Brownie* de chocolate com sorvete de creme.

Ele nos serve e se senta de frente para mim mais uma vez.

Coloco uma colherada na boca e solto um gemido baixo. Isso é maravilhoso!

Ele ri da minha reação e também coloca uma colherada na boca.

— André, isso é a perfeição. Nossa, desse jeito vou ficar mal acostumada.

Ele olha dentro dos meus olhos e me lança aquele sorriso maior que o mundo.

— Que bom que gostou, amor. Vão ter mais momentos como esse, pode ter certeza. — Ele pisca para mim enquanto coloca mais uma colher na boca. Eu ainda estou encantada com tudo que ele fez hoje.

— Ah, eu não vou me importar de forma alguma. — Sorrio para ele de volta.

Terminamos de comer a sobremesa e eu o ajudo a colocar tudo na lav louças.

Ele pega a garrafa de vinho e me entrega junto com as taças e caminhamos até o sofá. Nos sentamos e ele nos serve mais um pouco. Não ligamos a TV. Vamos apenas curtir nosso resto de noite jogando conversa fora, aproveitando esse momento juntos.

Sei que ele está arrependido. É nítido em seus olhos. É nítido em seus gestos. Sei também que está se esforçando muito para reconquistar minha confiança. Ainda não posso dizer qual decisão vou tomar, mas talvez aquela luz no fim do túnel finalmente esteja começando a acender.

Capítulo 31

André

Mais uma semana se passou e ontem finalmente tirei os fixadores externos. Foi um alívio me livrar de todos aqueles pinos e parafusos e agora as minhas sessões de fisioterapia vão tomar outro rumo. Já estou quase na metade do tratamento. Sei que ainda tem muito pela frente, mas penso que o pior já passou.

A Cris continua em sua incansável rotina, me dando toda assistência que preciso. Vez ou outra a surpreendo com um jantar novamente ou, quando estou exausto da fisioterapia, peço alguma coisa por telefone, mas tomei a responsabilidade da nossa refeição noturna para mim, para que ela tenha uma coisa a menos com que se preocupar.

Embora tenhamos um bom convívio, tenho percebido que seu coração se fechou para mim. Eu não a culpo, no lugar dela eu nem sei se estaria aqui ainda, por isso, mais do que nunca, sei que não posso desistir. Não vou deixar a mulher da minha vida ir embora sem fazer nada. Vou lutar por ela até o fim.

Todos os dias eu tenho me esforçado para mudar, para ser o marido que ela sempre sonhou, como ela já me disse. Sei que ainda não é o suficiente, mas darei o melhor de mim todos os dias e jamais vou desistir.

A começar pelo Fred, eu sei que ela ama esse gato e ele tem tirado alguns sorrisos dela, o que para mim é incrível. Sei que no fundo sua maior vontade é de ficar com o bichano definitivamente, mas nunca teria coragem

de me pedir. Para ela, eu já estou fazendo muito aceitando ele provisoriamente, mas o que ela não sabe é que eu não faço nada por ela em comparação ao que ela faz por mim. Por isso, hoje eu vou surpreendê-la deixando que ela fique com o Fred.

Se tem uma coisa que eu demorei a aprender, foi que em um relacionamento você precisa ceder. A Cris cede um pouco dela todos os dias por mim e o mínimo que eu posso fazer é ceder também. Eu não sou muito fã de gatos, confesso, mas o bichinho não me atrapalha em nada e a faz feliz, então isso já é um grande motivo para ceder. E sempre que precisar vou continuar cedendo por ela.

E por falar nele, está aqui me rodeando e miando. Olho para o celular e vejo que já está quase no horário da Cris chegar, e pelo horário, Fred já está com fome.

Pego as muletas encostadas à parede e me levanto num impulso. Caminho me arrastando em direção a área de serviço, para buscar a ração do gato. O pote de ração fica em cima da bancada da área, para facilitar para mim. Até nisso a Cris pensou, ela readaptou tudo nessa casa para ficar mais fácil para mim.

Pego a ração e encho o comedouro do Fred, que já está pulando e miando perto de mim eufórico por ouvir o barulho da ração. Caminho de volta para a sala, sento no sofá, tiro as muletas e coloco o comedouro dele no chão. Ele começa a comer desesperadamente e isso me faz rir.

— Se a Cris vir você comendo assim vai achar que estou te deixando passar fome, né Fred? — Brinco, fazendo um cafuné nele.

Meu celular começa a vibrar no meu bolso e levanto o quadril para pegá-lo, vejo que é a Cris que está ligando.

— Ei, Cris.

— Oi André. Está tudo bem por aí?

— Tudo tranquilo, amor.

— Ótimo. Eu estou atolada de serviço aqui e vou chegar mais tarde, ok? Se precisar de alguma coisa, você me liga.

— Beleza, não se preocupe comigo. Bom trabalho. Se for demorar muito, me avise para eu não ficar preocupado.

— Pode deixar, mas acho que devo ficar só mais umas duas horas por aqui. Tchau, André.

— Ok. Até mais tarde Cris, um beijo.

Não sei se ela ficou meio surpresa ou desconcertada com o fato de eu ter mandado um beijo, mas ela deu uma gaguejada e logo se despediu desligando. Eu não a culpo, o André de antes do acidente realmente não faria isso.

Minha vida hoje se resume à antes e depois do acidente. Antes do acidente eu focava demais no trabalho e em outras coisas acima do meu casamento. E ter consciência disso é muito doloroso para mim. Então me transformei no André de depois do acidente, aquele que tenta provar a todo custo que é capaz de mudar.



O interfone toca e sei que é o entregador de pizza. Eu sei que a Cris vai chegar morta de fome e cansada, então já vou deixar tudo pronto para ela.

Recebo a pizza, coloco em cima da mesa da cozinha e guardo o refrigerante na geladeira. Olho para o celular e já são oito horas da noite; ela deve chegar a qualquer momento. Meu estômago ronca de fome, mas vou esperá-la chegar para comer.

Vou para sala e me sento no sofá novamente para ver TV quando ouço o barulho da maçaneta girando e a porta se abrindo

Ela deixa suas coisas na bancada e vem até mim. Vejo em seus olhos o quanto está cansada, mas nunca se deixa abalar, então abre seu sorriso lindo para mim.

— Ei linda, está com fome?

— Morrendo. — Ri, enquanto coloca a mão na barriga.

— Eu pedi pizza hoje. Se quiser tomar um banho antes, eu te espero pra gente comer.

Ela me lança um olhar de alívio.

— Era exatamente o que eu precisava ouvir agora. Obrigada, André. Não vou demorar.

— Não se preocupe com isso.

Eu sorrio para ela que retribui e caminha em direção ao nosso quarto. Respiro fundo e tento manter a calma, mas meu coração me trai, pois bate desesperadamente no meu peito. Ela tem esse poder de me deixar fora do meu eixo.

Capítulo 32

Cristina

Entro debaixo do chuveiro e deixo a água quente cair pelo meu corpo. Gosto de colocar meus pensamentos em ordem enquanto eu tomo banho, é libertador.

Faço um resumo mental do dia de hoje: quando deixei o André na fisioterapia pela manhã, ele se despediu de mim com um beijo no rosto. Foi uma coisa mínima, se for parar para pensar, mas tinha tanto carinho nele que me fez estremecer por dentro. E agora quando chego em casa tem pizza me esperando. Eu sei que ele está se esforçando para ser quem ele era antes e eu aprecio muito isso, e espero de coração que tudo dê certo dessa vez, pois estou cansada de sofrer.

Depois de ficar alguns minutos debaixo dessa água revigorante, desligo o chuveiro. Abro o box, pego a toalha e seco meu corpo. Visto um pijama fresco que é o que eu mais preciso agora e penteio meus cabelos, antes de sair do banheiro.

Passo pelo quarto e caminho pela casa até chegar à sala, onde o André me espera vendo TV. Ele me olha com um certo fascínio e isso faz minhas bochechas corarem. Logo ele desliga a TV e sorri para mim.

— Pronta?

— Mais do que pronta, capitão. — Eu só percebi o que tinha acabado de falar, quando ele me abriu um sorriso maior do que o mundo. Foi tão automático que nem percebi. Esse costumava ser o apelido carinhoso que eu

coloquei nele no início do nosso relacionamento. Eu coro mais uma vez e abaixo o rosto para pegar suas muletas encostadas na parede tentando disfarçar meu rubor.

Entrego as muletas para ele, que as coloca debaixo do braço e se levanta rapidamente. Caminhamos até a cozinha, onde puxo a cadeira para ele se sentar, pegando as muletas de volta.

Encosto elas na parede mais próxima e percebo Fred se enroscando nas minhas pernas. Quando vejo, já estou pegando ele no colo e enchendo de carinhos.

— Ei, mocinho. — Sorrio enquanto faço um cafuné nele.

Estou entretida com ele quando ouço André me chamando.

— Cris.

— Sim?

— Me faz um favor, pega uma caixinha azul que está em cima da bancada da área.

Fico curiosa para saber o que tem nessa tal caixa e sigo até a área, com Fred ainda em meu colo. É uma caixinha de madeira pintada de azul e por mais que minha vontade seja abri-la nesse momento, eu caminho de volta e a entrego para o André.

— É para você. — Ele dispensa com a mão.

Coloco Fred no chão e abro a caixa que está em minhas mãos. No início fico meio confusa, mas logo minha ficha cai e sinto meu estômago ser tomado por borboletas. Dentro da caixa tem uma coleirinha azul com guizo e uma plaquinha em formato redondo com o nome Fred gravado e no verso, meu nome e telefone. Tem também um cartão de vacina com o nome dele e os meus dados indicados como proprietária do animal. Uma bolinha com guizo e alguns petiscos completam a caixinha.

Era mesmo isso o que eu estava pensando? Ele estava me deixando ficar com o Fred? Parece que ele leu meus pensamentos porque é exatamente isso que me responde.

— O Fred é seu agora, linda. — E me abre aquele sorriso que é capaz de me fazer derreter por inteiro.

— Eu... — Começo a gaguejar tentando me recompor. — Tem certeza disso, André?

— Claro que sim. Ele não me atrapalha em nada e inclusive tem feito companhia para mim quando fico sozinho o dia todo.

Ele parece esperar uma reação de mim, mas eu ainda estou em silêncio tentando digerir tudo isso.

— Eu liguei para uma clínica veterinária hoje e expliquei minha situação, então fizeram atendimento a domicílio. Espero que tenha gostado.

Ele franze o cenho, como se em dúvida se eu tinha ou não gostado, mas é claro que eu gostei! Me abaixo, dando um beijo estalado em seu rosto e o abraço bem forte, sentindo o aroma do seu perfume.

— Obrigada. — Digo, ainda aninhada em seus braços.

Ele alisa meus cabelos e beija a minha cabeça.

— Nada que você não mereça.

Eu sorrio e me levanto, saindo do seu abraço. Noto um desapontamento no seu olhar, mas procuro quebrar o clima.

— Vamos comer agora? Estou faminta!

Ele ri para mim e balança a cabeça, concordando.

Abro as portas do armário e pego os pratos e talheres, trazendo para a mesa. Pego o refrigerante que está na geladeira e trago junto os copos e guardanapos.

Sento à mesa de frente para ele e começo a servir a pizza para nós dois enquanto ele serve o refrigerante.

Logo estamos comendo e conversando sobre trabalho, seriados e os programas que ele tem assistido na TV. Conversamos sobre tudo e sobre nada, fazemos caretas e damos gargalhadas. E esse acaba de se tornar mais um daqueles momentos que devem ser eternizados.

Capítulo 33

Cristina

Hoje está fazendo dois meses desde que o André acordou do coma. O tempo passou tão rápido que às vezes eu tenho a sensação de que foi ontem que o acidente aconteceu.

As coisas entre nós têm melhorado com o tempo. O clima está ficando mais leve e aos poucos estou desfazendo o muro de concreto que construí entre nós dois. Ele tem sido um homem incrível, fazendo o impossível para me agradar e me ver feliz. E vou confessar, estou adorando essa nova versão do meu marido. É tão bom me sentir amada de novo.

Nós não nos beijamos ainda e, por mais estranho que pareça, tem sido bom. Sinto como se ele estivesse me conquistando de novo. Como se estivéssemos namorando de novo. A cada dia ele me surpreende com uma coisa nova, seja um jantar ou um botão de rosa. E a cada gesto de carinho dele, uma cicatriz no meu coração se fecha.

Eu ainda não sei como as coisas vão ser no final e não quero ficar pensando demais nisso. Minha decisão foi de vivermos um dia de cada vez, e nós dois estamos curtindo esses momentos.

É nítido ver sua preocupação comigo e o carinho e amor que ele tem. Hoje quando saí de casa para voltar ao trabalho, ele percebeu que eu não estava me sentindo bem. Lembro-me do seu olhar preocupado e como franziu a testa de uma forma tão fofa.

— O que você tem, meu amor?

— É só uma dor de cabeça que começou agora, André. Logo vai passar. — Eu disse, esboçando um sorriso discreto.

— Deve ser cansaço, linda. Você não pode ficar em casa hoje à tarde?

— Infelizmente não. Eu preciso resolver algumas coisas urgentes no trabalho, mas vou tentar sair mais cedo.

— Faça isso. Você precisa descansar, amor.

Eu balancei a cabeça assentindo e antes de me virar para a porta, recebi um beijo quente na maçã do rosto.

Agora estou aqui sentada na cadeira do escritório com os dedos no meu rosto, ainda sentindo o seu toque.

Esse André de hoje em nada se parece com o André de alguns meses atrás, mas é exatamente igual ao que eu conheci há oito anos. Igual não: melhor. Muito melhor.

Estou compenetrada no trabalho, analisando uns orçamentos que a Karina me passou mais cedo para a execução da reforma de um cliente importante, quando escuto alguém bater na porta.

— Pode entrar. — Respondo sem nem olhar para cima.

Karina entra na sala pedindo licença e me estende uma caixa pequena.

— Deixaram para você na recepção.

Ergo o olhar e pego o presente de suas mãos.

— Para mim? De quem é?

— Não sei. Não quiseram identificar.

— Ok, obrigada, Karina. — Ela assente e sai da minha sala.

Tiro o embrulho da caixa com cuidado para não rasgar e abro a tampa. Dentro tem uma caixa de chocolates belgas de diversos sabores e um

envelope branco com um cartão. Abro o envelope e quando reconheço a letra, sinto meu coração derreter.

Há dois meses meu amor por você renasceu. Obrigado por não ter desistido de mim.

Você é a minha vida.

Eu te amo, linda, mais do que pensei que fosse capaz de amar um dia.

Leio o cartão umas três vezes, e a cada vez uma lágrima nova escorre. O meu sorriso está tão aberto que meu maxilar dói.

Pego um bombom de dentro da caixa e coloco na boca. A sensação do chocolate derretendo na minha língua juntamente com as palavras que acabei de ler fazem meu coração se encher. E nesse momento, ele acaba de cicatrizar mais uma ferida.

Tiro o celular do bolso e digito uma mensagem para o André.

Obrigada pelos chocolates, amor. Adorei a surpresa. Estou ficando mal acostumada.

Em poucos segundos meu celular vibra na mesa com sua resposta.

Nada que você não mereça, linda.

Sorrio para a tela do telefone e suspiro. Penso em um milhão de respostas para dar e opto pela mais simples, porém mais significativa.

Também amo você.

Ele visualiza a mensagem e demora alguns segundos para responder, penso que talvez esteja saboreando esse momento tanto quanto eu.

E um *emoticon* de coração é o que eu recebo de volta.

Bloqueio a tela do celular e tiro mais um bombom da caixa. Esse tem recheio de cereja e quando o licor escorre pela minha boca eu solto um gemido involuntário. Que bombom maravilhoso!

Como mais alguns bombons enquanto leio o cartão de novo e de novo. Eu ainda estou maravilhada com tudo que está acontecendo e no meu íntimo peço a Deus, mais uma vez, que nada mais de ruim aconteça. Sinto que a tão sonhada calma enfim esteja querendo chegar.

Capítulo 34

Cristina

Quando cheguei do trabalho ontem, André me esperava fazendo hambúrguer artesanal. Vê-lo na cozinha, se virando com apenas uma perna no chão, tem sido inspirador para mim. Ele conseguiu ocupar seu tempo com seu novo hobby e eu, claro, não estou achando nem um pouco ruim. Comemos juntos e ficamos conversando e rindo até tarde da noite. Quando fomos dormir, me aninhei em seu peito e a sensação de que enfim tudo estava se encaixando tomou conta de mim.

Acontece que hoje recebi uma ligação da Casa São Lucas que me fez sentir um aperto no peito. Disseram que meu avô não estava se sentindo bem e pediu que eu fosse visitá-lo. Espero muito que seja apenas um resfriado, queda de pressão ou algo do tipo, que logo passa e ele melhora. Não consigo nem pensar na possibilidade de perdê-lo, é inadmissível.

Estou dirigindo em direção ao lar dele, e aquela sensação de que algo ruim está por vir, vem me assombrar novamente. Aumento o som do carro e começo a cantar *Metallica*, para evitar qualquer tipo de pensamento negativo. Preciso ter confiança. *Não é nada; ele só teve um mal estar.*

Depois de dirigir por mais quinze minutos, chego até a entrada da Casa, passo pela portaria e estaciono o carro à sombra. Desligo o carro, respiro fundo e abro a porta para sair. A paisagem que cerca esse lugar me inunda daquela paz que eu sempre busco quando venho até aqui e isso me acalma. Caminho devagar até a recepção e me identifico para a recepcionista. Assino a relação de visitas e vou em direção ao elevador.

Subo até o terceiro andar e caminho pelo corredor à procura do quarto dele. Bato devagar na porta e escuto sua voz fraca lá de dentro, fazendo meu peito se apertar. Abro a porta e ando até a cama, onde me sento ao seu lado.

— Oi, vô, a sua benção.

Ele está deitado na cama, com os olhos fechados e consigo perceber que sua respiração está mais pesada. Ele realmente aparenta não estar bem.

Abre os olhos e me olha. Seu olhar está distante e vazio, e tudo que eu enxergo em seus olhos faz com que meu coração se despedace. Aquela sensação ruim volta e preenche todo o meu ser, me fazendo perder o meu rumo.

Ele abre um sorriso com dificuldade e procura encontrar algumas palavras.

— Deus te abençoe, minha filha. — É tudo o que ele me diz.

Eu pego sua mão e aperto entre as minhas. Elas estão quentes e a sensação de seu toque preenche todo meu coração.

— O senhor está bem, vô?

— Estou bem, só um pouco cansado.

Continuo segurando a sua mão, pois fico sem saber o que fazer. Será que ele precisa de alguma coisa?

— Posso fazer alguma coisa pelo senhor? Chamar alguma enfermeira?
— Pergunto enquanto acaricio sua mão macia com os dedos.

— Não precisa, minha filha. Apenas fique aqui comigo.

— Tudo bem, vô. Se precisar de alguma coisa, é só me falar.

Ele assente com a cabeça e fecha os olhos novamente. E então tudo o que temos é o silêncio. O único som que vem do quarto é o da sua respiração pesada. Eu não sei se ele precisa de alguma ajuda, mas ele me pediu para

ficar com ele e é isso que eu vou fazer. Não vou sair do seu lado até que ele peça para eu sair; é o mínimo que posso fazer por esse homem que fez tanto por mim.

Ele continua com os olhos fechados e eu penso que está dormindo, quando ele os abre para me perguntar.

— Como está o garotão? — Sua voz sai como um sussurro.

— Ele está bem melhor. Tem sofrido bastante com a fisioterapia, que é bem dolorosa, mas o resultado tem sido satisfatório. Logo estará correndo de novo. — Digo, sorrindo para ele que também sorri para mim.

— Fico feliz, filha. Mande um abraço meu e diga que estou torcendo muito por ele.

— Pode deixar, vô.

— E vocês dois, como estão?

— Graças a Deus estamos bem. Estamos caminhando devagar na reconstrução do nosso relacionamento, mas sinto que estamos no caminho certo.

— Que bom, Cristina. Vocês merecem ser muito felizes.

— Obrigada, vô.

Ficamos em silêncio por mais um longo tempo, apenas nos olhando. Seu olhar realmente parece muito cansado, fico preocupada com ele, mas ele insiste que está bem. Então tudo que faço é continuar aqui com ele, dando todo carinho e atenção que ele precisa.

— Sabe, Cristina, você foi o maior presente que o seu pai me deu. Sinto como se você fosse a filha que eu nunca tive. Eu te amo muito. — Ele interrompe nosso silêncio para me dizer essas palavras que fazem meu coração se encher de amor e as lágrimas rolarem pelo meu rosto.

— Eu também amo muito o senhor. — Digo, enquanto chego mais perto dele e beijo o seu rosto. Sentir a pele macia do seu rosto e seu perfume me faz fechar os olhos. Respiro fundo como se fosse absorver todo seu amor para dentro de mim.

Ele continua olhando para mim, mas dessa vez seu olhar muda. Vejo naqueles olhos azuis cintilantes, um olhar de despedida. Sinto como se tivesse tomado um soco no estômago, só de olhar para ele. Puxo o ar para os pulmões com dificuldade e o pergunto por entre as lágrimas.

— O senhor está bem?

— Está tudo bem, minha filha, tudo bem. — E solta um suspiro, fechando os olhos.

Ainda estou olhando para ele quando sinto uma brisa leve vinda da janela balançar os meus cabelos. Fecho os olhos e inspiro aquele ar que vem dela, me fazendo sorrir. Quando os abro novamente, sinto meu coração parar de bater. Olho para o meu avô, que continua com os olhos fechados, mas vejo que seu peito está parado.

Não, isso não pode estar acontecendo. Tiro uma das minhas mãos que ainda segura as dele e coloco em cima do seu peito. Não sinto nada.

Não, não, não e não.

— Vô? — Eu o chamo por entre as lágrimas, na esperança de que ele ainda possa me ouvir. Mas ele continua de olhos fechados, sem reação.

Continuo segurando sua mão, e aperto com mais força, como se para absorver mais dele junto comigo. Minhas lágrimas se misturam com meus soluços e meu choro ganha voz.

— Não... — Sai uma voz engasgada de dentro de mim, que logo some por entre minhas lágrimas e meus soluços.

— Não, vô, não... — Começo a gritar, enquanto uma mão segura a sua

e a outra passa os dedos trêmulos pelo contorno do seu rosto.

— Não me deixa aqui sozinha... — Meus soluços ficam mais altos do que a minha própria voz, e eu me deito em cima da sua cama, o abraçando.

— Não faz isso comigo, vô... Não faz.

Aperto-o mais junto de mim, para senti-lo mais uma vez. Meu corpo todo treme em cima do corpo imóvel do meu avô e eu simplesmente não consigo sair de perto dele. É como um imã. Meus cabelos molhados pelas minhas lágrimas estão roçando seu rosto sem vida agora. E tudo que eu queria nesse momento é que fosse mentira. Queria que ele estivesse apenas dormindo e fosse acordar para me dar aquele sorriso de novo.

Me aninho ainda mais em seus braços e choro. Choro por tudo que já vivemos juntos e tudo que ele representou na minha vida. Choro por tudo que ele já fez por mim e por tudo que eu nunca mais vou ter. Nunca mais vou ver seus olhos azuis, nem ouvir a sua voz. Nunca mais vou ver o seu sorriso. Nunca mais vou sentir o toque das suas mãos nas minhas. Nunca mais vou ouvir seus conselhos e a forma como ele enxerga a vida.

Nunca mais...

A dor é insuportável agora, é o pior tipo de dor que existe. Nem se compara a nada do que eu senti antes. Eu não estava preparada para perdê-lo agora, na verdade acho que não estaria nunca. Eu perdi meu companheiro, meu melhor amigo, meu porto seguro. Eu não sei se consigo viver sem ele, não sei ainda.

Todas as lembranças de tudo que vivemos juntos vem à minha mente como um turbilhão e meu choro se torna ainda mais intenso. Eu me aperto forte contra ele, pois não consigo soltá-lo agora.

— O que vai ser da minha vida sem o senhor? Não vá embora, vô. Por favor, fica comigo.

Queria tanto que fosse mentira. Queria tanto que ele acordasse. Queria tanto...

Meus soluços se abafam contra o seu peito, e eu estou encharcando seu casaco. Eu inundo meu avô de lágrimas e o inundo de todo o meu amor.

— Eu te amo tanto, tanto...

Repito essas palavras incansavelmente, para que ele nunca se esqueça. Para que de onde ele estiver agora, se lembre de todo meu amor. Se lembre de tudo que vivemos juntos e do quanto ele é importante para mim. Que ele nunca se esqueça de nós dois.

O que temos é forte demais para acabar por aqui. Sei que vou amá-lo cada dia mais enquanto eu viver, e quando puder encontrá-lo mais uma vez, vamos continuar de onde fomos interrompidos. Que Deus me dê forças para continuar a viver sem ele aqui comigo, pois vai ser difícil demais. Eu construí minha vida junto com ele e não sei como vou continuar agora.

Permaneço em seu colo por um tempo que parece uma eternidade e me levanto. Seu corpo está começando a ficar mais frio, e a dor de saber que ali não existe mais vida, me sufoca. Pego o telefone que está na mesinha e ligo para a recepção, informando o ocorrido.

Logo esse quarto estará cheio de pessoas e eu não ficarei mais sozinha com ele. Então aproveito esse último momento que nos resta e me despeço do meu grande amor.

Passo as mãos mais uma vez pelo seu rosto, me demorando no contorno dos seus olhos. Desço pelo bigode ralo que ainda tem, pois nunca deixou de usar.

Me inclino para beijar o seu rosto e pego suas mãos pela última vez; estão frias, e senti-las sem vida entre as minhas traz uma nova enxurrada de lágrimas. Trago-as para perto da minha boca e as beijo com ternura.

Olho para seu rosto sereno mais uma vez e tento encontrar minha voz.

— Descanse em paz, meu amor. Que Deus possa te receber de braços abertos agora. Vá ser feliz na eternidade ao lado do grande amor da sua vida. Sei que ela está ansiosa pela sua chegada. Eu te amo demais e vou te amar para sempre. Obrigada por tudo vô, obrigada mesmo. Não sei o que seria da minha vida se o senhor não tivesse existido. Me espera que logo nos veremos de novo.

Beijo mais uma vez suas mãos e não tiro os olhos dele, enquanto todas as lágrimas do mundo caem do meu rosto. Ouço a porta se abrir atrás de mim e me levanto para receber um abraço de todos aqueles que tanto fizeram pelo meu avô e a sensação de gratidão é enorme.

Deixo que tomem as providências necessárias e me encaminho para sair do quarto. Olho ao redor para gravar na memória cada pedaço do cantinho do meu avô. Respiro fundo, e saio pela porta. Que Deus me dê forças para continuar a viver agora.

Capítulo 35

André

Estou começando a ficar preocupado. A Cris me mandou mensagem dizendo que ia sair mais cedo do trabalho para ir ver o avô, pois recebeu a notícia de que ele não estava bem.

Pelo horário, já era para ela ter chegado. Fico apreensivo, com medo de ter acontecido alguma coisa. Pego o celular para ligar para ela e antes que eu complete a ligação, ouço o barulho da porta se abrindo.

Meu coração relaxa, mas já se contrai na mesma hora em que a vejo.

— Cris? — Ela desmorona no sofá ao meu lado com os olhos vermelhos e fundos. Coloca as mãos na cabeça e começa a chorar.

— O que foi, amor? O que aconteceu?

Minha voz é puro pânico e eu me aproximo dela no sofá e a puxo para os meus braços.

Ela desaba quando se aninha em mim e seus soluços ganham força. Deixo que ela chore por mais alguns minutos nos meus braços antes de perguntar mais uma vez. Espero muito que não seja o que eu estou pensando.

Ela se afasta de mim com relutância e me olha com os olhos marejados. Vê-la sofrendo assim faz meu coração se rasgar ao meio.

— Amor, o que foi?

Pego suas mãos e as trago para junto do meu peito.

— Ai, André... Meu avô... Ele... Ele...

Ela não consegue terminar sua frase antes de voltar a chorar. Ai meu Deus, não acredito nisso! A Cris ama tanto esse avô dela que só de pensar nisso, meu coração se aperta, então começo a chorar também. Seu João era uma pessoa maravilhosa, sereno e tranquilo. Sempre nos demos bem e eu pude acompanhar de perto o amor e o carinho dos dois. A Cris perdeu seu pai antes mesmo de nos conhecermos e, desde então, seu avô fez o papel de pai na sua vida, e agora ela perdeu os dois...

Eu a puxo para os meus braços e beijo a sua cabeça. Nos afundamos em nossas lágrimas enquanto estamos nos braços um do outro.

— O que eu vou fazer agora, André? O que eu vou fazer sem ele?

Eu não consigo responder a sua pergunta; infelizmente não tenho respostas e me sinto um inútil. Eu a aperto ainda mais contra o meu peito e faço carinho em seus cabelos tentando dar algum tipo de conforto.

— Eu o amo tanto... Eu perdi meu vizinho, André... Meu vizinho...

Seus soluços se elevam e ela está tremendo em meus braços. Eu queria tanto ser capaz de tirar a dor do seu coração. Se eu pudesse, traria para mim. Ela não merece passar por isso. Meu Deus! Minha mulher não merece isso.

— Eu perdi meu pai... E agora meu avô... Estou sozinha, André. Sozinha...

Ouvir essas palavras dela faz minha dor se elevar a um nível absurdo. Seco minhas lágrimas com os dedos e afasto nossos corpos, pegando seu rosto em minhas mãos.

— Amor, olhe para mim.

Ela ergue o olhar e ver o sofrimento estampado em seu semblante me faz estremecer mais uma vez.

— Você não está sozinha, Cris. Nunca. Eu estou aqui, sempre vou estar. Eu nunca vou ocupar o espaço do seu avô na sua vida, mas vou cuidar de você.

— Promete? — Seu olhar é suplicante e tão perdido, a dor que vejo neles é demais para mim.

— Prometo pela minha vida, amor. Vou cuidar de você para sempre.

Ela balança a cabeça assentindo e eu beijo sua testa antes de tomá-la nos braços mais uma vez.

Ficamos assim, abraçados, por horas. Aos poucos ela vai se acalmando e seus soluços são substituídos por lágrimas silenciosas. Com relutância, ela se solta dos meus braços e se ajeita no meu colo para deitar. Faço carinho em seus cabelos e repito palavras amorosas e de força para ela, que escuta tudo em silêncio até pegar no sono.

Dói ver o amor da minha vida sofrer assim. Dói saber que infelizmente não há nada a ser feito; saber que ainda não há uma forma de tirar a dor do peito dela e transferir para o meu. Se existisse, eu o faria. Por ela, eu faria tudo.

Capítulo 36

André

As semanas seguintes ao funeral não foram fáceis. A Cris ainda sofre muito pela perda do avô e quase todos os dias eu ouço seu choro abafado no travesseiro antes de dormir.

Ela não deixou de visitá-lo aos domingos. No mesmo horário ela sai de casa e vai ao cemitério ficar com ele. Ela passa algumas horas conversando e sempre volta para casa mais tranquila. Ela me diz que sente como se ele a ouvisse todas as vezes.

Eu não sei o que ela está sentindo agora, pois nunca perdi alguém tão próximo assim de mim, mas posso imaginar o tamanho da dor e tenho me esforçado ainda mais todos os dias para suprir um pouco o vazio que ela sente. Sei que o lugar que seu avô ocupa em seu coração jamais será preenchido, mas se eu encher todo o resto com o meu amor, talvez seja menos doloroso para ela.

Estou sentado agora na recepção da clínica de fisioterapia esperando para ser atendido. Ontem conversei com o Ricardo e perguntei se era possível intensificar as sessões para eu adiantar o processo e conseguir colocar minha perna esquerda no chão. Não vai ser fácil, tenho plena convicção disso, mas preciso tentar. Preciso fazer isso por ela.

— Bom dia, André. — Ricardo entra na recepção e pega as muletas para me ajudar a levantar.

— Bom dia, cara! — Me levanto e o sigo pelo corredor em direção a

sua sala.

Ficamos cerca de meia hora em nossa sessão de rotina e toda vez que ele movimentava a minha canela e a puxa, eu urro de dor. Mesmo que a fisioterapia seja minha companheira há tantos meses, ainda não consegui me acostumar com a dor.

— Ai, cara. Isso dói. — Resmungo e ele ri.

— Se não doer, não vai melhorar, meu caro.

Ele continua repetindo o movimento e eu fico me perguntando se isso vai parar de doer algum dia.

Depois que ele termina seu trabalho, olha para mim e arqueia uma sobrancelha.

— Quer mesmo tentar?

— Com certeza. — Respondo já sabendo do que ele está falando.

Eu me levanto da cama e ele me segura pelo braço e me guia sem as muletas até o corrimão instalado na parede.

Eu fico de pé, apoiado ali com a perna esquerda para cima, e olho para ele que confirma com um aceno de cabeça, então respiro fundo.

Estico minha perna lentamente até sentir os meus dedos encostando no chão. Assim que sinto o contato com o chão frio, meu corpo estremece. Vou abaixando o pé devagar até que encosto ele inteiro.

Ricardo está parado ao meu lado me olhando e sei que está de prontidão caso eu não consiga, mas me deixa fazer sozinho.

É estranha a sensação de sentir os dois pés no chão de novo. Dói, não vou mentir, mas é uma dor suportável.

Levanto um pouco o pé e dou um passo para frente, ainda segurando o corrimão. É um movimento pequeno, mas para mim é o maior que já fiz até

hoje.

Sinto uma felicidade genuína dentro de mim, a esperança brota no meu peito me dizendo que eu vou conseguir. Sei que vou, eu só preciso dar um passo de cada vez.

E assim sigo por um longo tempo, devagar vou conseguindo. Quando a dor aperta, eu paro e respiro. Espero. Logo passa e eu continuo. Devagar. Um passo de cada vez, é só disso que eu preciso...

Capítulo 37

Cristina

— Como foi na fisioterapia hoje, capitão? — Pergunto a ele assim que o vejo na recepção e ele me acompanha até o carro.

— Foi ótima, amor. Torturante como sempre, mas tive mais progressos.

— Me sinto mal por você ter que sentir tanta dor, mas infelizmente é necessário, André.

— Eu sei linda, eu aguento essa. Não se preocupe. — Ele pisca para mim e me abre aquele sorriso lindo.

— Hoje não vou voltar para o trabalho, vou te levar para um lugar, ok?

— Um lugar? Onde?

— É surpresa. — Sorrio para ele enquanto o ajudo a entrar no carro e dou a volta, sentando no banco do motorista.

— Não vou atrapalhar seu trabalho, amor?

— De forma alguma. Adiantei todo o meu serviço na parte da manhã e a reunião que eu tinha foi desmarcada pelo cliente. Não se preocupe, estou mesmo precisando me dar uma folga.

— Então, ótimo. Estou muito curioso para saber o que você está aprontando para mim.

Eu gargalho e lanço um olhar malicioso para ele, arrancando-lhe uma boa risada.

Fazemos o trajeto todo ao som de *Guns n' Roses*, a banda que marcou

tanto nossas vidas e cantamos juntos todas as músicas que saem dos alto-falantes.

Pego uma estrada de terra e André me lança um olhar curioso a cada vez que o carro adentra mais na trilha. Subo pela estrada até chegar a um mirante, no ponto mais alto da cidade, e quando estou próxima de onde eu quero, desligo o carro.

Nós nunca viemos aqui antes e eu achei que ele fosse gostar. Seus dias se resumem apenas a ficar em casa e ir para clínica, então pensei que respirar um novo ar pudesse fazer bem a ele.

— Chegamos. — Me viro para olhá-lo e sorrio ao notar sua expressão de surpresa e fascínio.

Antes que ele possa dizer alguma coisa, saio do carro e abro o portamalas, retirando uma toalha xadrez (porque sim!), uma almofada e algumas sacolas de compras.

Levo tudo até uma parte gramada debaixo da sombra de uma árvore e estico a toalha, colocando as sacolas por cima e me levanto para voltar ao carro.

André já me espera parado de pé encostado na porta e eu estendo a minha mão o convidando para vir até mim, que prontamente aceita.

Caminhamos em silêncio até o local que arrumei e o ajudo a se sentar, encostado na árvore e ajeito a almofada debaixo da sua perna esquerda, para que fique mais confortável.

Sento ao seu lado e antes que possamos tocar na comida que eu trouxe, paramos um minuto para ver a vista. Daqui de cima conseguimos ver a cidade toda de uma forma incrível, cercada por várias montanhas. Pela internet eu tinha visto que o lugar era lindo, mas não é nada se comparado à realidade.

— Aqui é tão lindo, amor... — André suspira, ainda olhando maravilhado para a vista da cidade à sua frente.

Eu pego sua mão e entrelaço os nossos dedos, beijando com carinho.

— Gostou? Achei que você precisava sair um pouco de casa e respirar um ar mais puro.

Ele se vira para mim e todo o amor que vejo em seus olhos faz meu coração se aquecer.

— É perfeito, linda. Obrigado por tudo que faz por mim, sei que não mereço tanto.

Ele se aproxima mais de mim e me dá um beijo demorado no rosto, cheio de carinho. Deito em seus ombros e ficamos em silêncio por um longo tempo apenas apreciando a vista abaixo de nós e esse momento juntos.

Me afasto com relutância para abrir as sacolas e tiro de lá latas de suco, salgadinhos e donuts. Comemos devagar, desfrutando o ambiente e esse momento que, antes raro, passou a se tornar cada vez mais frequente entre nós.

— No que você está pensando, amor? — Ele interrompe meus pensamentos, buscando minha mão e fazendo carinho com os dedos.

— Nessa loucura que é a vida, André. Em poucos meses tive tantas reviravoltas que chego a me espantar.

— Nem me fale, Cris. Eu que o diga, mas essas loucuras sempre nos deixam alguma lição. Nada acontece por acaso, hoje tenho total certeza disso. Precisamos apanhar mesmo da vida para aprender e enxergar o caminho certo.

Noto uma pontada de culpa em seu semblante e sei exatamente do que ele está falando. A vida não foi piedosa com nenhum de nós dois, mas ambos sabemos o quanto isso tudo foi necessário para nos reencontrarmos, tanto

como indivíduos, mas principalmente, como casal.

Estamos nos reaproximando aos poucos, reconstruindo nossa relação devagar e nenhum de nós está com pressa. É melhor assim, não há mais tempo para erros, e preciso curar todas as feridas do meu coração antes de entregá-lo por inteiro ao André.

Ele me puxa para mais perto de si e eu me aninho em seus braços, sentindo seu cheiro e o calor de seu corpo.

— Eu te amo tanto, meu amor. Tanto... — Ele fala baixinho enquanto beija meus cabelos, acariciando meus braços com seus dedos.

— Também te amo, amor. — Minha voz sai num sussurro, mas sei que ele me ouviu. Ele não precisa me dizer nada, pois ouço a voz do seu coração, que sinto bater desenfreado em seu peito. Aquele coração que por muito tempo eu achei que fosse incapaz de me amar de novo, mas que agora bate por mim e só por mim.

Capítulo 38

Cristina

— Oi, ‘Seu’ Paulo. Boa tarde! — Atendo a ligação do meu cliente pelo celular. O Sr. Paulo Lopes é um empresário de renome aqui na cidade, dono de uma rede de postos de combustível, e não foi fácil conseguir pegar o projeto da reforma da sua mansão. É um desafio e tanto, mas tenho seguido bastante confiante, trabalhando com afinco e dando o melhor de mim para que tudo seja impecável. Bom, até agora.

— *Boa tarde só se for para você, né Cristina? Seus homens acabaram de quebrar meu lustre caríssimo! Eu não vou comprar outro, ok? Segunda-feira eu quero um lustre novo aqui.*

Eu me sento no meu escritório para tentar processar essa informação. Eu ouvi direito? Hã?!

— Como assim, ‘Seu’ Paulo? O que aconteceu? — Tento não falar engasgada, mas minhas mãos estão tremendo demais. Isso não pode estar acontecendo comigo, não pode.

- *Qual parte você não entendeu, garota? Seus homens estavam na escada instalando o lustre na sala principal e o deixaram cair no chão. Você tem ideia do quanto ele foi caro?! Eu paguei nove mil e quinhentos reais naquela porra de lustre!*

Ele grita, e para mim é como se estivesse batendo na minha face. Eu não acredito que isso está acontecendo comigo. Tenho vontade de chorar, mas preciso manter a calma.

— Não se preocupe. Eu vou resolver isso. Só...

— *Segunda-feira, Cristina. Quero meu lustre novo na segunda-feira!*

— E desliga o telefone na minha cara.

O choque é tão grande que não consigo nem chorar agora. Porque é que eles deixaram quebrar logo um lustre de quase dez mil reais? E de um cliente tão complicado como esse? É muito azar, não tem lógica isso.

Tento respirar, mas minha garganta deu um nó tão grande que não consigo puxar o ar. Toda calma que eu estava tentando manter acaba de despencar no chão e eu começo a chorar sem parar.

Que merda! Onde vou arrumar dez mil reais para comprar um lustre novo? E pior, para segunda-feira? Hoje já é sexta-feira! Caramba, um final de semana só não é suficiente para conseguir isso. Meu Deus, estou ferrada!

Fico sentada por horas nessa cadeira, sem saber o que fazer. Meu desespero é tanto que meu cérebro parece que parou de funcionar. Eu não consigo pensar em uma solução de jeito nenhum.

Ainda estou em choque quando sou surpreendida com batidas na porta. Dou um pulo na cadeira, assustada. Enxugo minhas lágrimas com as mãos e me levanto. Quando abro a porta, Flávia está me esperando com um sorriso todo bobo que se desfaz quando vê minha expressão.

— Meu Deus, Cris. O que foi que aconteceu? — Ela entra, fechando a porta atrás de si. Eu não sei o que ela veio fazer aqui, já que não tínhamos marcado nada, mas veio bem a calhar. Preciso muito de alguém para me ajudar a pensar em alguma coisa.

Eu me sento de novo e ela vem atrás de mim, sentando na minha frente.

— Estou perdida, Flávia. Estou perdida. — Digo, passando a mão pelos cabelos e deixando as lágrimas escaparem mais uma vez.

— O que foi, Cris? Fala! Estou ficando preocupada já.

— Sabe aquele projeto que eu peguei? Da mansão do Paulo Lopes?

— Sei. — Ela balança as mãos me pedindo para prosseguir.

— Então, ele acabou de me ligar aos gritos dizendo que o pessoal que eu contratei para fazer a parte elétrica acabou de quebrar o lustre dele.

Seus olhos se arregalam e ela não consegue me responder.

— E o pior, essa merda de lustre custou mais de nove mil reais e ele quer um novo na segunda-feira.

Ela ainda está me olhando com expressão de espanto e sua boca faz um ‘O’.

— Porra, Cris...

— É, eu sei! Estou perdida, e não sei de onde vou tirar dinheiro para comprar esse lustre em tão pouco tempo.

— Será que o André não te empresta? — Ela pergunta como se tivesse tido uma ótima ideia, mas não tenho tanta confiança assim.

— Ah, amiga. Não sei. Eu já devo muito dinheiro a ele por causa da reforma do escritório e, sinceramente, não tenho coragem de pedir mais nada agora. Vou tentar me virar sozinha.

— Mas como? É dinheiro pra caramba, gata.

— Eu vou tentar conversar com a loja que me vendeu o abençoado lustre. Eu sempre compro na loja deles e vou explicar minha situação; pedir um desconto e ver se eles dividem em umas mil vezes para mim.

— É... só se for de mil vezes mesmo, porque dez mil reais é dinheiro demais.

— Eu sei, Flá. Eu sei. — Abaixo minha cabeça e esfrego meus olhos.

Já não sei mais no que pensar, não tenho como pegar mais um empréstimo porque ainda não terminei de pagar o que peguei para a reforma

do escritório. Eu gastei todas as economias que eu tinha. Estou realmente quebrada e parece que quando você acha que não pode ficar pior, aí que ferra tudo de vez.

Ela ainda está olhando para mim, sem saber o que dizer. Nem eu sei o que dizer a mim mesma numa hora dessas. Que tudo ficará bem? Que eu vou conseguir? Conseguir o quê?! Eu não sei mesmo. Bufo e aperto suas mãos que estão acariciando as minhas, como uma forma de consolo.

— Amanhã cedo eu vou à loja e tento resolver isso, se não der certo, eu tenho o fim de semana todo para pensar numa saída. Mas me conta, por que você veio até aqui?

— Adivinha quem vai entrar para o time das casadas? — Ela abre o maior sorriso me mostrando seu anel de noivado na mão direita. Eu estava tão desolada que nem tinha reparado que ela estava usando um anel diferente.

Eu arregalo os olhos e abro um sorriso enorme pra ela.

— Mentira!!! Quero saber detalhes, anda! Conta tudo!

Ela solta uma gargalhada e começa a me contar. Está sendo uma ótima distração para mim agora, que por alguns minutos, consigo pensar em outra coisa que não seja minha tragédia. Flávia e Léo namoram há dez anos e moram juntos há cinco. Ela sempre falava que não queria casar, que não precisava disso, mas eu sempre soube que era sua forma de se mostrar durona, para não dar o braço a torcer. No fundo, ela tinha sonhos, como todo mundo, só não assumia isso. E agora ver a felicidade estampada em seu rosto me fez ter toda certeza disso, e eu fico feliz por ela, fico feliz de verdade. Ela merece ser muito feliz nessa vida; pelo menos uma de nós duas precisa disso. Quanto a mim? Só Deus sabe. Sempre que acho que as coisas vão ficar bem, a vida me dá uma rasteira, e tenho vontade de morrer por isso. Mas dizem que no fim dá tudo certo, só não sei quanto tempo esse “fim” vai demorar a

chegar.

Capítulo 39

Cristina

Depois da conversa com a Flávia, eu pensei que estava ficando um pouco melhor, mas quando ela fechou a porta da minha sala indo embora, meus pensamentos voltaram para a minha desgraça e logo comecei a chorar de novo. Depois de alguns minutos eu me levantei e fui embora, já estava quase encerrando o expediente e eu realmente não ia conseguir trabalhar mais por hoje.

Acabo de chegar em casa e estou destrancando a porta para entrar no apartamento. Eu tentei lavar o rosto várias vezes, mas está difícil esconder que eu estava chorando. Espero que o André não perceba nada disso.

Vou para a cozinha e tomo um copo cheio de água, respiro fundo, deixo minha bolsa em cima da bancada e vou para a sala, onde vejo que ele está assistindo TV.

Ele percebe minha chegada e desvia seu olhar da tela para olhar para mim.

— Ei, Cris. — Me lança um sorriso largo e despreocupado, me fazendo tremer por dentro. Eu sempre falho quando tento esconder alguma coisa dele.

— Oi. — Consigo dizer com a voz vacilando. Claro que ele já percebeu que tem algo errado comigo; pelo jeito que ele franze a testa para mim, eu sei que falhei de novo.

— O que foi, linda? Aconteceu alguma coisa? — Ele me pergunta preocupado, e eu deslizo meu corpo pelo sofá ao lado dele.

— Nada não. — Respondo de cabeça baixa, sem conseguir olhar nos olhos dele.

— Amor... Claro que tem alguma coisa. Vem cá, fala comigo. — Ele abre os braços me chamando para ir até ele, e o muro que eu estava tentando criar para não envolvê-lo nisso acaba de ruir. Por mais que eu tente negar, eu preciso dele. Preciso do conforto dos braços dele.

Me entrego ao seu abraço e ele me aperta forte. Quando sinto a força do corpo dele, eu desmonto novamente. Choro nos braços do meu marido, meus soluços sendo abafados pelo seu peito. Ele me aperta e faz carinho nos meus cabelos, beijando minha cabeça. Ficamos um bom tempo assim até eu conseguir me recompor e meus soluços cessarem.

Me solto dos braços dele e olho em seus olhos. O que eu vejo é um misto de preocupação, compaixão e amor. Ultimamente, o que eu mais tenho visto em seus olhos é amor. Engraçado como conseguimos enxergar sentimentos através de um olhar; eu passei a perceber isso depois que o conheci.

Eu engulo a saliva, respiro fundo e começo a falar, ainda tremendo.

— Eu tomei um prejuízo enorme hoje, André, e não sei o que eu vou fazer ainda. O pessoal que eu contratei para fazer a reforma na casa do Paulo Lopes deixou o lustre dele cair no chão e ele quer um novo na segunda-feira.

— Poxa, Cris... Sinto muito. É muito caro?

Eu abro um sorriso amarelo só de pensar no preço daquele lustre.

— Demais. Eu não tenho dinheiro para comprar outro em tão pouco tempo. — Abaixo a cabeça enquanto olho para as minhas mãos, que estão suando de tanto apertá-las.

Ele vê como estou desolada e pega minhas mãos na dele entrelaçando os nossos dedos, me transmitindo segurança.

— Caro, quanto? Posso tentar te ajudar.

— É muito dinheiro, André. São nove mil e quinhentos reais.

— Eu vou te ajudar, tenho esse dinheiro guardado.

Eu levanto os olhos, encarando-o com surpresa. Eu não sei se devo aceitar, pois ainda devo muito dinheiro a ele. Da última vez que ele me emprestou, não foi de forma tão amigável.

— Não precisa, amor. Eu dou um jeito. Você já me emprestou dinheiro demais para a reforma, e eu nem sei ainda quando vou te pagar.

Não queria parecer derrotada, mas eu suspiro. Essa é a verdade mesmo, eu não faço ideia de quando vou poder pagar o que devo, que não é pouca coisa.

Ele aperta minhas mãos, que ainda estão entrelaçadas às dele, e me abre um sorriso.

— Linda, preciso que entenda duas coisas: Primeiro: não precisa me devolver o dinheiro que te emprestei para a reforma. Não foi um empréstimo, foi um investimento. Eu investi na sua carreira e não quero nenhum centavo de volta; segundo: eu vou te dar o dinheiro do lustre. Eu tenho dinheiro guardado e esse valor não vai me fazer muita falta. E mesmo que fizesse, eu pagaria até um milhão de reais para tirar essa tristeza dos seus olhos.

Eu demoro a processar suas palavras. Como?! Ele o que? Não vai me cobrar o que eu devo? E ainda vai me dar mais dinheiro? Fico em choque e depois acordo do meu transe. Eu não sei por que duvido tanto das coisas boas que o André faz por mim. Desde o acidente ele tem se mostrado uma pessoa diferente e se esforçado muito para mudar. Mas mesmo assim, essa foi demais para mim.

— André... Eu... eu não posso aceitar. — Começo a falar, gaguejando.

— Claro que pode. Aceite como uma forma de me redimir por ter

faltado ao dia da reinauguração. — Ele me lança um olhar de remorso, que parte meu coração. Eu sei o quanto ele ainda se culpa por ter faltado naquele dia tão importante para mim.

Ainda estou calada quando ele me interrompe.

— Pega meu celular em cima do rack, fazendo o favor.

Levanto, pego o celular e entrego pra ele, me sentando de novo ao seu lado. Eu ainda não sei o que responder, por isso permaneço em silêncio.

— Obrigado. — Ele pega o celular e começa a mexer nele e eu não presto atenção no que ele está fazendo, até que o meu celular vibra em meu bolso.

Mensagem automática: Segurança Banco Brasileiro: Transferência R\$ 10.000,00 em sua conta corrente.

Minhas mãos começam a tremer tanto que o celular cai da minha mão. Eu olho para ele que está com um sorriso maior que o mundo e minhas lágrimas voltam a cair. Eu ainda não consigo acreditar no que está acontecendo. Ele me salvou. Quantas vezes mais ele precisa provar para mim que realmente está mudando? Mudando por mim, por nós? Ele me disse uma vez que faria o impossível para provar que estava mudando e eu me lembro que não tive muitas esperanças. Mas então, eu finalmente entendi. Ele não estava brincando. Ele realmente daria o mundo para me fazer feliz e eu não sei nem como agradecê-lo por isso.

Eu olho para ele mais uma vez e ele se aproxima de mim. Enxuga minhas lágrimas com o polegar e chega mais perto. Estamos muito, muito próximos. Então tenho um *déjà vu* do dia em que demos nosso primeiro beijo. Só que dessa vez é diferente, porque quem o beija sou eu. Encosto meus lábios nos dele e puxo sua nuca para ficar mais perto de mim e ele me corresponde, me abraçando pela cintura. Nossas línguas se encontram e se

perdem, e o beijo é calmo e ao mesmo tempo urgente.

Nos perdemos nesse beijo que tem gosto de mágoa, de raiva, de perdão e de esperança, mas principalmente, tem gosto de André. Eu o beijo com toda a minha alma, e quando afasto nossos lábios, o faço com relutância. Ficamos ali, com as testas coladas e os olhos fechados, apenas absorvendo a respiração um do outro, como se tudo o que mais precisássemos no mundo fosse o ar que vem de nós dois.

Capítulo 40

Cristina

Desço do carro para pegar as muletas do André e ajudá-lo a descer. Quando ele se apoia nelas e sai do carro, fecho a porta e aciono o alarme e a trava elétrica.

Caminho ao seu lado até a entrada da clínica, e dessa vez decido entrar junto com ele. Quero conversar com o Ricardo, seu fisioterapeuta, para saber como ele está se saindo e também para agradecer por toda força que ele tem nos dado. O tratamento já está próximo ao fim e dentro de pouco tempo o André poderá colocar seu peso sob a perna novamente e andar sem as muletas.

Passamos a porta de entrada e vejo que tem algumas pessoas sentadas nas cadeiras de espera. Vamos até o balcão da recepção onde somos cumprimentados por uma recepcionista que eu não conheço.

— Bom dia, André! Veio acompanhado hoje?

— Bom dia, Sabrina. Essa é a minha esposa, a Cristina, acho que você não a conheceu ainda.

Nós nos cumprimentamos e pedimos para chamar o Ricardo. Enquanto ele não vem, ficamos de pé, encostados no balcão, conversando com ela. É uma garota muito simpática, e ver como eles têm tratado meu marido bem, me conforta.

Em alguns minutos o fisioterapeuta sai de uma sala no fim do corredor e chega até nós.

— Bom dia André! — Ele cumprimenta meu marido apertando sua mão e dando tapas nas costas. Depois de meses se vendo todos os dias, eles se tornaram muito amigos.

— Ei Cristina, bom dia! Que bom revê-la! — Me cumprimenta enquanto aperta minha mão.

— Bom dia, Ricardo! Vim saber se esse camarada aqui está se comportando bem com você. — Cutuco o braço do André que ri e faz uma careta para mim.

— Olha, está sendo bem chato aturá-lo todos os dias, mas damos um jeito. — Ele finge coçar o queixo e todos nós rimos.

— Como ele está se saindo? Você acha que vai precisar de sessões extras ou só as que o médico receitou serão suficientes?

— Se ele continuar se esforçando como tem feito, é bem provável que seu tratamento se encerre no tempo certo. Já está louca para ele voltar a andar, é? — Ele me lança um sorriso zombeteiro.

— Estou! Não aguento mais ser motorista particular. — Reviro os olhos, rindo.

— Meu caro, valorize a esposa que tem. Aqui na clínica vejo muitas que mandam os maridos se virarem de ônibus. — Ricardo zomba, batendo no ombro do André.

— Ah, mas eu valorizo sim... — E me lança um olhar apaixonado, me beijando nos lábios ali mesmo, na frente de todo mundo. O beijo é rápido, mas tem tanto amor e carinho que para mim é como se durasse horas. Eu enrubesço quando nos afastamos e ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Bom, vou deixar vocês trabalhando e mais tarde volto para buscá-lo, ok? — Me viro para o André, pegando sua mão. Depois daquele dia que

cheguei chateada do trabalho e nos beijamos pela primeira vez depois de meses, o muro que eu havia construído entre nós ruiu por completo.

Beijo delicadamente seus lábios e sentir a maciez deles sob os meus me faz queimar por dentro.

— Tchau, amor. Daqui a pouco te busco. — Sorrio para ele e me viro para o Ricardo.

— Boa sorte com esse chato.

Os dois gargalham e André puxa minha mão e leva aos lábios antes de soltá-la.

— Até mais tarde, linda.

Eu viro de costas para ele e vou em direção à porta de saída, mas antes me detenho, virando o olhar para uma mulher sentada próximo de nós.

Seus cabelos ruivos me chamam atenção e então nossos olhares se encontram. Minha garganta seca ao reconhecer aquela mesma ruiva que eu vira no dia que deixei o André na porta do trabalho.

O que eu vejo em seu olhar é um misto de incredulidade e constrangimento. Se ela estava aqui o tempo todo, ela ouviu a nossa conversa e viu a forma como o meu marido me tratou.

Eu que tinha planejado dizer mil coisas a ela quando a encontrasse mais uma vez, me vi guardando as palavras para mim. Diante da situação, não havia mais nada a ser dito. Tudo que eu senti por ela nesse momento foi pena. Pena de alguém que precisava implorar para ter a atenção e o amor de alguém.

Então eu abro meu melhor sorriso para ela, antes de dar as costas e sair da clínica, deixando para trás a mulher (perplexa) que um dia pensou em tirar de mim o amor da minha vida.

Capítulo 41

André

— Fala, Augusto! — Atendo a ligação do meu amigo no celular.

— *Grande André! Como estão as coisas por aí?*

— Estão indo bem. Se tudo caminhar certo, daqui a um mês estarei de volta ao trabalho.

— *Ótima notícia! Falando em trabalho, posso passar aí daqui a pouco para levar alguns documentos para você assinar e aproveitar para deixar um dever de casa?* — Ele gargalha ao terminar sua frase.

— Por favor! Já te falei que estou entediado em casa! — Respondo, rindo também.

— *Ok, daqui a pouco chego aí.*

— Até, Augusto.

Desligo o celular. Não sei qual é essa tarefa que ele quer me passar, mas estou bastante ansioso. Ficar em casa sem ter o que fazer o tempo todo é um tédio. Não vejo a hora de voltar ao trabalho e minha vida voltar ao normal. Até mesmo para eu parar de dar trabalho para a Cris. Ela tem sido incrível, nunca se queixa, mas sei que quando tudo isso terminar, vai ser um alívio para ela também.

Lembro que um dia eu a questionei se ela não estava cansada de me levar todos os dias à fisioterapia e ela negou. Ela está tão ansiosa pela minha recuperação quanto eu, pois quer me ver bem. Ah, como eu amo essa mulher.

Depois de alguns minutos mudando os canais da TV sem parar, ouço o interfone tocar. Abro o portão de fora para o Augusto entrar e já caminho até a porta de entrada do apartamento, destrancando-a.

— E aí, André? — Ele passa por mim batendo nas minhas costas e entra em casa. Tranco a porta de novo e indico para que se sente à mesa.

Me ajeito na cadeira com cuidado e coloco as muletas de lado.

— Então, Augusto, o que você tem para mim? — Lanço um olhar curioso para ele e esfrego as mãos fingindo estar me preparando.

Ele gargalha.

— Calma, jovem. Você está mesmo entediado, hein?

— Muito. — Gargalho junto com ele. — Estou precisando ocupar minha mente, senão vou acabar enferrujando.

— Você não enferruja nunca, meu caro.

Ele abre a pasta que trouxe consigo e começa a folhear os papéis antes de me entregar alguns relatórios.

— E a Cris, como está?

— Está muito bem. Ela tem feito tanto por mim que não sei se eu aguentaria essa barra sem ela, sério. — Digo, enquanto pego a caneta e começo a assinar os relatórios de auditoria. Nosso escritório passa por auditoria constante para manter os certificados de qualidade que temos, então esses documentos não são novidades para mim.

— É para isso que servem as esposas, não? — Ele arqueia a sobrancelha, sorrindo.

— Nem todas...

E falando nela, escuto o barulho da chave girando na fechadura e a Cris entra, carregando várias sacolas de supermercado.

Ela passa sorrindo, coloca as sacolas na bancada da cozinha e depois vem se juntar a nós.

— Ei Augusto, como vai? — Ela o cumprimenta com um beijo no rosto.

— Tudo ótimo, Cris. Vim trazer um pouco de trabalho para o desocupado do seu marido. — Ele pisca para ela e todos começamos a rir.

— Ah, ele está precisando mesmo...

Sorri enquanto caminha até mim, me dando um beijo breve nos lábios.

— Oi, amor. — Essa simples frase me faz sair de órbita. Não é a primeira vez que ela me chama assim, claro, mas toda vez que eu vejo o carinho que ela transmite por mim, enche meu peito.

— Ei, linda. — Sorrio para ela como um bobo apaixonado. E é isso mesmo que eu sou, um bobo perdidamente apaixonado.

— Vou deixar vocês enquanto guardo as compras. Augusto, você aceita beber alguma coisa?

— Só água está ótimo.

— Ok, já volto.

Ela volta para cozinha e começa a mexer nas sacolas de compras.

— E então, qual é meu dever de casa? — Pergunto a ele, quando termino de assinar todos os relatórios.

Ele abre a bolsa e tira de lá uma pasta grossa que faz meus olhos brilharem. Como sinto falta do meu trabalho!

— É sobre aquele processo da construtora que chegou ao escritório pouco antes do seu acidente. O material está todo aí e a defesa que montamos também, mas precisava que você desse uma olhada antes. A audiência está chegando e você sabe que não podemos perder esse caso.

Balanço a cabeça concordando e pego a pasta de suas mãos, abraçando junto ao peito fazendo um gesto dramático.

Nós dois gargalhamos e então a Cris chega trazendo água. Ela também está com um copo na mão e começamos a conversar sobre outras coisas que não sejam trabalho. Ela pergunta sobre a Luciana, esposa do Augusto, que, embora não sejam muito amigas, sempre se deram muito bem.

— Ah, André, eu me esqueci de te contar. A Jacqueline pediu demissão hoje.

A Cris está tomando um gole da sua água quando recebe essa notícia e na mesma hora engasga. Ela arregala os olhos e sua expressão fica tão assustada quanto a minha, pois por essa eu não esperava.

— Está tudo bem? — Ele lança um olhar preocupado para minha esposa.

— Sim, só tomei um gole grande demais. Pode continuar. — Ela deixa o copo na mesa e me olha com o semblante ainda assustado.

— Mas aconteceu alguma coisa? — Volto minha atenção para meu sócio.

— Na verdade, não. Ela disse que por motivos pessoais não poderia mais continuar trabalhando na empresa. Hoje foi seu último dia.

Permaneço um tempo em silêncio tentando digerir tudo isso. Eu realmente estava preocupado em encontrá-la quando retornasse ao trabalho, mas nem de longe isso passou pela minha cabeça.

Antes que eu faça mais alguma pergunta, Augusto continua.

— Eu não tenho nada a reclamar do trabalho dela, sabe? Mas por um lado eu achei até bom ela ter saído.

— Por quê? — Pergunto curioso.

— Ah, eu detesto gente puxa saco. Eles acham que agradam, mas são um porre. E depois que você se acidentou ficou pior. Só tinha eu para ela adular, aí já viu né? Fora que a Lu não gosta dela nem a pau.

Nós dois rimos, porque bem conhecíamos a figura. Mas a Cris não riu, só continuou calada no canto, nos ouvindo.

Depois de jogar conversa fora por mais algum tempo, Augusto se levanta para ir embora.

— Foi bom te ver, meu jovem. Fico feliz que esteja se recuperando. Assim que estiver pronto, estaremos te esperando.

Nos despedimos e a Cris o acompanha até a porta.

Assim que fecha, ela se vira para mim com um olhar curioso e franze o cenho.

— O que foi aquilo?

— Não sei, amor. Estou tão chocado quanto você. Ela deve ter tido seus motivos. — Dou de ombros, encerrando o assunto.

Minha esposa caminha até mim e eu estendo a mão para ela, que aceita e eu a puxo para o meu colo.

— Senti sua falta. — Digo, enquanto a beijo nos lábios.

— Eu também, capitão. — Ela me diz por entre os lábios, sorrindo. Eu amo quando ela me chama assim, é uma certeza que eu tenho de que finalmente as coisas estão ficando em seu devido lugar.

— Então, qual nosso plano para hoje? — Eu pergunto, enquanto acaricio seu rosto com as mãos.

— Eu trouxe pizza, batata frita e sorvete. Quer ver um filme de terror?

— Terror?! — Olho para ela curioso, pois sei que ela nem gosta desse gênero.

— Ah, sim! Estou precisando sentir uma adrenalina diferente. — Diz sorrindo.

Seguro seu rosto com as duas mãos e roubo um beijo apaixonado.

— Mulher, você ainda vai me deixar louco, sabia?

Gargalhamos juntos e nos separamos. Ela vai para a cozinha, preparar as coisas enquanto eu vou para a TV escolher um filme.

Nossa escolha para a noite foi maratona Atividade Paranormal, os cinco filmes. E essa, foi de longe, a noite mais divertida que já tivemos. Comemos horrores, claro, mas o melhor de tudo foi ver as reações da Cris. Ela pula de susto em cada cena inesperada e tampa os olhos quando acha que vai ver alguma coisa ruim. Cada pulo que ela dá, é uma gargalhada que eu solto. Ela fica meio puta com isso e me dá um tapa, o que me faz gargalhar mais ainda. E então estamos os dois nos dobrando de rir.

Quando o último filme acaba, a Cris já está começando a dormir. Cutuco-a para irmos para a cama e ela se levanta.

Depois de fechar a casa e apagar as luzes, caminhamos em silêncio até o nosso quarto.

Vestimos o pijama para deitar e a visão dela se trocando, faz algo se acender dentro de mim. Eu queria tanto tê-la junto comigo de novo, mas sinto que ainda não é o momento. Estamos dando um passo de cada vez e a hora certa vai chegar.

Nos deitamos na cama e ela vem para perto de mim. Se aninha em meu peito e quando a vejo pegando no sono, beijo sua testa.

— Boa noite, amor. — Sussurro, fazendo com que ela se aninhe ainda mais em meus braços. Senti-la tão próxima de mim me traz uma paz inexplicável; espero que as coisas tenham um fim diferente. Aperto-a mais para junto de mim e fecho os olhos, deixando todos os meus pensamentos me

vencerem e me entrego ao silêncio da noite.



Abro os olhos e vejo que ainda está escuro. Não sei por que eu acordei agora, mas acho que perdi o sono. Olho para a mulher que ainda está nos meus braços e sorrio. Sou um cara de muita sorte por tê-la ao meu lado e preciso muito dizer isso a ela. Preciso mais do que nunca que ela me perdoe e que possamos recomeçar nossa vida juntos.

Eu não sei o que eu faria sem ela. Não posso permitir que ela desista de mim, que desista de nós, então surge um estalo na minha mente.

Eu me afasto com muito cuidado dos seus braços e ela se vira de costas para mim, ainda dormindo. Ela está tão tranquila, parece estar sonhando com uma coisa boa; queria tanto que fosse comigo.

Pego um bloco de papel e uma caneta na minha gaveta e me levanto da cama em silêncio para não acordá-la. Pego as muletas que estão ao lado do criado mudo e ajeito debaixo dos meus braços.

Fico olhando para ela quando saio do quarto em silêncio. É tão linda e eu a amo tanto que dói. Nunca pensei que fosse dessa forma, mas é a verdade. Nos últimos meses, meu amor aumentou de uma forma esmagadora e eu não sei se consigo mais viver sem o amor dela.

Caminho pela casa até chegar à mesa da sala e me sento. Apoio as muletas na lateral da mesa e pego o bloco e a caneta que trouxe do quarto. Minhas mãos estão tremendo, meu coração queima e é com todo o amor do mundo que começo a escrever a carta que acredito que possa mudar nossas vidas para sempre.

Capítulo 42

André

Desligo o chuveiro e puxo a toalha que está pendurada no box. Começo a me secar ainda sentado na cadeira de banho. Eu me sinto um inútil nessa cadeira e não vejo a hora de conseguir pisar no chão de novo para tomar um banho descente.

Acabo de me secar, coloco a toalha nos ombros e arrasto a cadeira até a porta do box, onde pego as muletas e me levanto. Com apenas uma muleta me escorando, enrolo a toalha na cintura e me viro para sair do banheiro, colocando a outra muleta.

Caminho pelo quarto até parar em frente ao espelho de corpo inteiro que fica no canto esquerdo da parede. Me olho por um momento e a imagem que eu vejo é bem diferente do que eu costumava ser.

Já tem um tempo que a barba toma conta do meu rosto e meus cabelos estão mais longos também, mas eu gosto dessa nova versão de mim. Me deixa com cara de “homão da porra”, como a Cris me disse. Sorrio com essa lembrança. Se ela quiser eu ande feito um monge barbudo, eu nem me importo. Faço qualquer coisa por ela.

Meu rosto não me incomoda, na verdade. O que tem me incomodado é meu corpo. Já tem cerca de quatro meses que não vejo uma academia e estou perdendo minha definição física. Eu emagreci um bocado depois do acidente e agora que fico muito tempo em casa ocioso, me policio bastante para não comer o tempo todo e engordar. Já basta a Cris ter um marido inválido em

casa; ela não precisa de um inválido e gordo.

Percebo que fiquei tempo demais pensando e olhando para o espelho quando escuto a Cris entrando no quarto atrás de mim.

— Vai quebrar esse espelho, hein? — Ela chega por trás de mim sorrindo e me dá um beijo no rosto.

— Preciso voltar para academia, amor. Estou perdendo minha boa forma. — Eu suspiro, abaixando a cabeça para olhar para ela.

Ela me lança um olhar interrogativo parecendo tentar adivinhar o que se passa na minha cabeça e então me lança um sorriso. Aquele sorriso malicioso que há tanto tempo eu não via.

— Para mim, está perfeito assim. — Diz enquanto traça o contorno do meu peitoral com os dedos. Esse simples toque me faz estremecer por inteiro. Como sinto falta de sentir seus toques.

— Não precisa falar isso só para me agradar, linda. — FRANZO o cenho e seguro a mão dela que estava em meu peito e a olho buscando sinceridade em seus olhos. Não quero que ela tenha pena de mim.

Ela me devolve o olhar com aquele brilho de determinação que eu conheço bem e me sinto relaxar um pouco, pois ela está realmente sendo sincera comigo.

— Eu não preciso dizer isso só para te agradar, amor. Sei que você sente falta de malhar, mas confie em mim, você está perfeito. E acho que a minha opinião é a que vale, certo?

Ela me sorri, apertando minha mão e se inclina para me dar um beijo casto nos lábios.

— Agora, vá se trocar, pois temos um compromisso daqui a pouco.

Coço a cabeça, curioso. Não me lembro de termos combinado nada

para hoje.

— E qual compromisso seria esse?

— Ah, não te falei? Gustavo está na cidade e vai fazer um show hoje lá no Caverna. Já peguei nossos ingressos.

— Linda... Eu adoraria ver o Guga tocar de novo depois de tanto tempo, mas lá não dá para mim. Vou ficar desconfortável com aquelas escadas.

Tento não parecer ingrato com ela. Sei que sua intenção foi das melhores, mas aquele pub não combina com muletas de jeito nenhum.

— Não se preocupe com isso, André. Seu primo exigiu montar o palco no andar de cima em troca do retorno da *Nightrain* aqui na cidade. Se eu não te levar lá hoje, ele vai me matar, acredite.

Faz uns bons anos que o Gustavo e sua banda se mudaram para a capital e tem feito muito sucesso por lá. Ele tem uma nova banda de som autoral, mas nunca largou sua maior paixão de fazer cover de *Guns n' Roses*. Quase não nos vemos mais por causa da sua agenda de shows, mas nunca perdemos o contato, e saber que ele fez esse esforço para que eu pudesse ver o show chega a me emocionar. Esse cara é incrível.

— Tudo bem, amor. Mas se eu ficar cansado ou desconfortável, vou querer voltar mais cedo, ok?

— Sem problemas. Estou por sua conta. — Ela pisca o olho para mim, pegando sua toalha e se dirigindo ao banheiro.

Escuto o barulho do chuveiro enquanto caminho em direção ao guarda-roupa, procurando o que vestir.

O som do chuveiro ligado me faz demorar mais tempo do que devia na minha busca por roupas. Ficar pensando na minha esposa nua, tomando banho a apenas uma parede de distância, tira toda minha concentração. Nós

ainda não tivemos uma conversa definitiva para acertar em que pé estamos no nosso relacionamento, mas sei que não estamos longe disso. Eu jamais vou forçar a barra, não vou arriscar perder esses momentos felizes que estamos tendo juntos. Aprendi a ser paciente e vou ter a minha Cristina de volta, só precisamos de tempo.

Abro as gavetas e procuro por uma camisa do GNR que ganhei do Gustavo no meu último aniversário que passamos juntos. Pego cueca, meias, calça jeans escura e um par de tênis.

Carrego até a cama, escoro as muletas e me sento para me trocar. Busco um pente que está no meu criado-mudo e penteio os cabelos, olhando para o espelho de longe. Pego o perfume que a Cris adora e passo um pouco também.

Fico sentado na cama esperando ela sair do banho e escuto o barulho do chuveiro desligando. Depois de alguns minutos ela sai do banheiro e vem em direção ao quarto, apenas de calcinha e sutiã, e vê-la assim de longe faz meu queixo cair.

Ela não sabe o poder que tem sobre mim. Ela não sabe que só de respirar já me tira do eixo. Ela não sabe que a minha vontade é colocar essa maldita perna no chão agora e correr em direção a ela, pegando-a nos braços.

Embora eu esteja suando só de vê-la de costas para mim, eu sei que ainda não posso. Não posso atropelar as coisas e colocar tudo a perder. Então respiro fundo e tento me controlar. Controlar minha cabeça e a ereção que insiste em crescer dentro da minha calça jeans.

Capítulo 43

Cristina

Saio do banheiro apenas de sutiã e calcinha e com a toalha enrolada no cabelo. Não trouxe a roupa para o banheiro, pois é desnecessário. Saber que o André está no quarto me esperando me deixa ansiosa, mas não posso ficar me escondendo dele.

Quando entro no quarto e vejo sua reação ao me ver, sinto a minha barriga congelar. Ele me encara de queixo caído e saem faíscas dos seus olhos. É bom ser notada de novo depois de tanto tempo. É bom saber que ainda provoço essa reação nele.

Ele me olha com fascínio, como se eu fosse tudo que existisse em seu mundo. E Deus, como é bom saber disso! Nós ainda não tivemos uma nova conversa sobre o nosso relacionamento, mas sei que estamos encontrando aquela luz do fim do túnel.

Aos poucos fui me soltando com ele, confiando nele de novo. Confiança, depois de quebrada, é algo que demora a ser conquistada novamente. E ele tem sido muito paciente e se mostrado disposto a fazer de tudo para recuperar o que foi perdido.

Eu estou me permitindo viver momentos bons com ele e nosso relacionamento tem amadurecido muito com isso. Aos poucos a chama que existe dentro de nós está se acendendo de novo e no momento certo tudo vai se encaixar outra vez. Só é preciso paciência, não é exatamente isso que ele havia me pedido?

Caminho até o guarda-roupa e pego um vestido preto sem mangas e sapatilhas azuis. Me visto e caminho até o espelho, onde penteio os cabelos e aplico uma maquiagem leve e o batom vermelho que o André adora. Coloco os brincos de argola e passo um perfume. Olho para o espelho e sorrio. Viro de lado e olho para o meu marido.

Ele ainda está sentado na cama me olhando com aquela expressão de fascínio que me faz sorrir de orelha a orelha.

Ando até a cama e paro de frente para ele, ficando entre as suas coxas. Pouso os braços ao redor de seu pescoço e olho em seus olhos.

— Vamos? — Abro um sorriso discreto.

— Você está linda. — Sua voz é rouca, quase um sussurro, e seus olhos ainda demonstram admiração.

— Obrigada. — Digo enquanto ajeito uma mecha de cabelo atrás da orelha. Esse simples movimento parece tirar o equilíbrio que ele vinha buscando e então me puxa para um beijo.

Eu me desequilibro e caio no seu colo, ainda com os braços em torno de seu pescoço. Ele aperta minha cintura enquanto me beija com doçura e ao mesmo tempo uma sede insaciável de mim. Posso sentir em cada movimento que ele faz. Antes de separar nossos lábios, ele mordisca meu lábio inferior e me lança um sorriso provocador.

— Vamos, amor. — E me dá mais um selinho antes que eu me levante do seu colo. Pego as muletas para ele e o entrego, uma a uma.

Quando estamos prontos, saímos do apartamento e vamos em direção ao elevador. Descemos até a garagem e entramos no carro. Ajeito o André no banco do passageiro e coloco suas muletas no banco de trás, dando a volta para sentar no lado do motorista.

Ligo o carro e saímos do prédio.

Durante todo o trajeto até o pub, ficamos em silêncio, apenas ouvindo a música baixinha que sai dos alto-falantes. Na metade do caminho, André coloca sua mão quente na minha coxa e faz movimentos circulares com o dedão como forma de carinho e eu sinto meu corpo inteiro se acender. Ele definitivamente não faz ideia do quanto ainda me enlouquece. Só espero ter sabedoria para esperar o momento certo e ter a certeza absoluta de que devo me entregar a ele outra vez.

Capítulo 44

André

Chegamos à porta do pub e a Cris entrega nossos ingressos ao segurança, que libera nossa passagem. Sinto um *déjà vu* quando entramos e memórias do dia em que conheci o amor da minha vida preenchem toda minha mente.

Passamos por algumas pessoas e vejo que a Cris está olhando para os lados, provavelmente procurando pelo meu primo. Depois de alguns segundos, ela o encontra próximo ao palco e acena para ele, que sinaliza nos chamando para ir até lá.

Caminho devagar, com minha esposa abrindo caminho na nossa frente, e todo cuidado e zelo que ela tem comigo enchem meu peito de alegria. Sou mesmo um cara de sorte.

Chegamos perto do Gustavo que está escorado em uma mesa e abre os braços quando me aproximo dele.

— Fala, meu chegado! Bom te ver! — Me abraça dando tapas nas minhas costas. Eu abro um sorriso, pois também estou feliz em revê-lo.

— E aí, seu maluco? Há quanto tempo está na cidade?

— Ei Cris! Tudo bem? — Ele cumprimenta minha esposa abraçando e dando um beijo em seu rosto.

— Ei Gu! Tudo ótimo!

— E você cada dia mais bonita, hein? O que ainda faz com o traste do

meu primo? — Ele assobia para ela, piscando.

Caímos na gargalhada.

— Eu bati muito a cabeça no dia em que o conheci, então provavelmente meu cérebro saiu do lugar.

— Faz bastante sentido. — Ele ri mais um pouco e se vira para mim.

— E respondendo a sua pergunta, cheguei hoje e amanhã pego estrada de novo.

— Correria pura, hein?

— Ah, cara, sempre. Viver de música é isso aí, mas não posso reclamar se faço o que amo.

— Está certo. E a Renata, não quis vir?

Puxo a Cris pela cintura e ela senta em meu colo, pois já estou acomodado em uma banquetta alta. A mesa que o Gustavo reservou para nós é bem próxima do palco e me deixou bastante confortável.

— Dessa vez não, ela vai fazer uma prova de um concurso amanhã cedo.

— Ah, bacana. Da próxima vez venha com mais tempo e traga ela junto com você.

— Pode deixar. Me deem licença pois o pessoal está me chamando ali no palco. Nem pense em ir embora cedo, pois tenho que tomar uma cerveja com você quando o show acabar.

Ele aponta o dedo para mim e sai em direção ao palco, nos deixando para trás.

— Você quer beber alguma coisa? — Cris me pergunta, enquanto acaricia a minha mão.

— Pode ser uma Heineken, amor.

Ela assente com a cabeça e se levanta do meu colo, mas antes eu a puxo e dou um beijo breve em seus lábios. Estou me acostumando a ter esses momentos de carinho com ela e espero muito que isso não acabe nunca, pois não estou disposto a abrir mão disso.

Ela se afasta e sorri para mim, indo em direção ao bar. Minutos depois ela volta com uma garrafa de cerveja na mão e um energético na outra. Ela nunca bebe quando está comigo e vai dirigir, o que tem acontecido com muita frequência ultimamente. Sinto vontade de voltar a dirigir em horas como essa, para dar um pouco de prazer a ela também.

Brindo minha garrafa com sua lata e ela sorri, se aconchegando em meu colo de novo. Seu corpo pesa sobre a minha coxa, mas é um incômodo que eu resisto sorrindo, tudo para tê-la tão próxima de mim.

Ficamos conversando por algum tempo e me sinto relaxar. Ainda bem que ela insistiu para virmos hoje, eu estava mesmo precisando mudar de ares e não pensei que esse ambiente fosse me fazer tão bem.

Cerca de uma hora depois, a *Nightrain* sobe no palco e começa seu show. Gustavo toma o microfone e dedica o show a mim como “um filho da puta sortudo por estar vivo” e eu rio levantando minha garrafa para ele.

A banda faz cerca de duas horas de show e é eletrizante. Mesmo estando sentado, consigo aproveitar da mesma forma que as pessoas que estão em pé e pulando. Cris não resiste e se levanta também, balançando e pulando no ritmo das músicas. Eu não consigo parar de olhar para ela se divertindo assim, e percebo que ela precisava disso tanto quanto eu, afinal, ela enfrenta essa barra junto comigo.

Vê-la tão a vontade assim me faz lembrar aquela garota que eu conheci há oito anos atrás, tão linda e tão segura de si. Era impossível eu não me apaixonar por ela na época e hoje mais do que nunca tenho certeza disso.

Ficar com ela foi a coisa mais certa que já fiz e me casar, minha maior bênção. Olhando para ela agora eu vejo como sou o filho da puta sortudo que meu primo disse, não apenas por estar vivo, mas por estar com ela. Sem ela eu estaria de qualquer jeito, menos vivo.

Capítulo 45

André

Eu aperto o botão pedindo o elevador para o quarto andar do Edifício Fênix, onde haverá um encontro que eu espero que vá mudar todo o rumo da minha vida.

A ansiedade é grande e sinto lampejos de dor na perna esquerda que ainda reclama o grande esforço que tenho feito, mas eu preciso ser forte e conseguir recuperar de vez a pessoa que eu mais amo.

O elevador se abre, eu entro apressado e ele logo se fecha atrás de mim. Estou trocando o peso de uma perna para a outra para amenizar a dor, porém o vaso de flores que carrego é tão pesado que está praticamente impossível ficar parado em pé.

Suspiro aliviado quando o elevador se abre e estou no andar certo. Logo viro à direita e vejo a porta de vidro da Xavier Arquitetura e me lembro que há muito tempo não passava por aqui. Isso só me deixa mais tenso por pensar no tempo que fiquei ausente na vida de minha esposa.

Chego à recepção e vejo Karina. Ainda não a conhecia pessoalmente, mas já havia ouvido a Cris falar sobre ela; fora recentemente contratada depois que a antiga secretária mudou de estado.

Me aproximo do balcão e sou saudado com um “Bom dia” dela e logo me apresento como esposo da Cristina. Ela me olha curiosa e depois abre um sorriso.

— Pode entrar, ela está sozinha na sala dela.

Eu caminho alguns passos até a sala da minha mulher e juro que parece que eu estou correndo uma maratona de tanta tensão que eu sinto e tanta dor na perna. A dor, acrescida da minha incontrollável ansiedade, parece nunca ter fim e eu começo a suar frio.

Paro em frente à porta que contém a placa “Cristina Xavier – Arquiteta” e bato, com as mãos mais trêmulas do que nunca. Lá de dentro ouço sua voz baixa.

— Pode entrar.

Então eu abro a porta e me deparo com a sala recém-reformada, que eu ainda não conhecia. Nela há uma janela de vidro na parede lateral que vai do teto ao chão e está coberta por uma persiana bege, uma mesa pequena está ao centro com algumas cadeiras estofadas e uma estante no canto mostra vários livros de arquitetura e miniaturas de casas e prédios como ornamentos. O ambiente está climatizado e isso só me faz suar ainda mais frio.

Sentada em uma mesa menor bem próxima a parede está minha esposa e me olha com uma expressão que eu não sei definir bem. Ela parece estar surpresa e maravilhada. Eu me aproximo dela com o vaso de flores que havia comprado com todo o cuidado e especialmente para ela. O vaso é de vidro e tem formato cilíndrico, porém o centro dele é retorcido, o que gera um efeito muito bonito. Diversas flores o preenchem, rosas vermelhas, cor-de-rosa claro e rosa pink, lírios cor-de-rosa, orquídeas de diferentes tons de rosa e lilás e algumas flores egípcias colocadas com delicadeza para dar um contraste. Eu demorei horas com o floricultor para montar o arranjo mais bonito que eu já vira e que não era nem de longe metade do que ela merecia.

— André...?

Ela me olha perplexa, como se não acreditasse que eu estou aqui de pé, na sua frente. Eu a entrego o vaso de flores e acompanho seu olhar surpreso,

e vejo que do canto de sua boca surge um sorriso. Estendo a mão onde entrego um envelope.

— Era para ser um cartão, mas não consegui escrever somente algumas palavras. — Disse tentando encontrar firmeza em minha voz.

Ela continua em silêncio dividindo seu olhar entre mim, o vaso de flores e o envelope, com um olhar que mistura surpresa e curiosidade.

Querendo dar a ela privacidade para ler o que escrevi, me aproximo mais um pouco e dou um beijo em seus lábios, e sinto suas bochechas corarem. Afasto-me um pouco e olho em seus olhos.

— Te vejo em casa, amor. — É tudo que consigo dizer, e transmito isso com tanta sinceridade que ela simplesmente balança a cabeça em sinal positivo.

A minha vontade é de abraçá-la com força e dizer o quanto a amo, mas me contenho, pois ela precisa de tempo para digerir tudo isso, e a minha carta já diz tudo que eu preciso.

Viro de volta para a porta e saio. Não virei para trás para olhá-la novamente, mas sinto nas minhas costas que ela está me encarando e, queira Deus, que seja de uma forma boa. Eu só saberia quando ela chegasse em casa, e hoje seria o dia mais longo da minha vida.

Passo pela recepção e cumprimento Karina agradecendo e vou para o corredor em busca do elevador. Paro na porta e aperto o botão chamando-o. Enquanto espero o elevador chegar, sinto meu corpo ficando mais leve e parece que eu estou pesando vinte quilos a menos. A dor na perna ainda persiste, porém é mais suportável agora; eu conseguiria pelo menos chegar em casa vivo.

Desço do elevador e vou em direção à rua, onde está o *Uber* me esperando voltar, como havíamos combinado.

Entro no carro e seguimos rumo à minha casa. Durante o trajeto eu vou relaxando e a dor amenizando. Eu olho pela janela, mas meus olhos não veem nada. Minha mente segue outra direção: ela havia ficado naquela sala de arquitetura juntamente com meu coração, e eu deposito todas as minhas esperanças de que dessa vez eu tenha feito a coisa certa.

Capítulo 46

Cristina

Ele fecha a porta e eu ainda continuo em choque. Estou sem reação; não consigo nem pensar com clareza. Ele veio andando até aqui? Mas como? Ele estava de muletas até hoje de manhã!

Respiro fundo e me sento, pego o envelope e fico olhando para ele pelo tempo que parece demorar uma vida. Olho para as flores mais uma vez e fico sem fôlego. Eu nunca tinha visto um arranjo de flores tão perfeito e tão delicado como este e que logo perfumou toda a minha sala.

Então respiro fundo mais uma vez e abro o envelope. Dentro contém uma folha de papel dobrada delicadamente e eu a puxo. Começo então a ler as palavras que mudariam tudo.

Meu amor,

É tarde da noite e eu não consigo dormir. Estou muito tenso e ansioso para te dizer todas as palavras que eu deveria ter dito há muito tempo.

Você dorme no nosso quarto e está tão tranquila, tão serena, que eu queria imaginar com o quê você está sonhando. Queria saber se nos seus sonhos ainda há espaço para mim e se neles eu consigo te fazer feliz.

Hoje eu consigo compreender o que antes não compreendia e, por favor, me perdoe se eu demorei demais a perceber isso.

Me perdoe se eu tive que te magoar para hoje entender o quanto eu te amo e como minha vida é impossível sem você.

Vejo suas risadas e seu sorriso lindo e me entristeço muito em saber que por muito tempo eu não fui o motivo deles.

Eu sei que te magoei muito, que agi errado com você e nunca vou me perdoar por ter traído sua confiança. Eu fui um perfeito egoísta. Durante muito tempo eu só pensei em mim mesmo e me esqueci de você. Dói dizer isso, mas eu esqueci que minha maior felicidade era você.

Acredite, admitir isso me dói mais ainda. Eu queria ter aprendido sem ter que machucar você, mas infelizmente isso é impossível.

O nosso passado nunca será apagado, mas eu acredito no nosso futuro, e acredito que daqui para frente temos chance de fazer tudo dar certo de novo.

Desde o dia que eu acordei do coma eu tenho buscado ser um marido melhor para você, tenho dado o meu melhor para recuperar seu amor e confiança.

Tem uma coisa que eu ainda não te contei amor: eu te ouvi. Eu não conseguia te responder, mas eu ouvi cada palavra que você me disse naqueles oito dias de inconsciência. Ouvir todas as suas palavras doces e ver como você estava sofrendo pela minha ausência e lutando por mim me fez refletir. Me fez querer mudar, e eu mudei, meu amor. Mudei por você.

Se você me aceitar de volta, prometo sempre te colocar em primeiro lugar. Prometo ser o homem que você merece e fazer tudo diferente. Porque você merece, linda. Você esteve ao meu lado quando eu somente merecia o seu desprezo. Você nunca me abandonou desde que eu sofri aquele acidente.

Eu sei que você não fez isso por obrigação por ainda estar casada comigo, mas porque parte de você ainda tinha fé em mim, ainda tinha esperança de que eu fosse o homem que você um dia se apaixonou.

Eu sei que não foi por acaso que eu caí da moto naquele dia. Não foi por acaso que enfrentei tantos meses de reabilitação. Eu precisava disso para me reencontrar no mundo e mais do que nunca, precisava reencontrar você.

Tem coisas na vida que precisam acontecer para que possamos mudar e meu acidente foi pura consequência disso. Você não merecia mais ser infeliz ao meu lado. Eu precisei passar por tudo isso para voltar a olhar para você e voltar a te amar como nunca. E sabe de uma coisa? Eu passaria por tudo de novo sem precisar pensar duas vezes.

Eu te peço perdão mais uma vez por ter demorado tanto a enxergar você, por ter sido tão covarde. Me perdoe, meu amor, pois eu não sou capaz de me perdoar por ter machucado você.

Me deixa recomeçar e fazer de você a mulher mais feliz desse mundo.

Eu te amo tanto que nem mesmo todas as palavras do mundo são capazes de dizer.

Me perdoe.

Do seu eterno,

André.

Eu termino a carta mal conseguindo enxergar as últimas linhas, domada pelas lágrimas. Eu não sei o que eu esperava dessa carta, mas sei que foi muito mais do que eu podia sequer imaginar. Eu estou muito surpresa e ao mesmo tempo encantada, pois ele nunca me disse palavras tão lindas e tão sinceras.

Eu sempre tive esperanças de que um dia as coisas fossem melhorar, e nunca desejei que o André tivesse que passar por tudo isso. Doeui em mim ver todo o sofrimento que ele passou.

Essa carta é a confirmação que eu precisava de que tudo mudou e de que somos capazes de recomeçar. Capazes de juntar nossos cacos e seguir em frente.

Eu nunca deixei de amá-lo, mesmo nas horas que chorei por ele, chorava por ainda amar, mesmo tendo sido tão machucada.

Então eu desperto dos meus pensamentos e me levanto. Seco minhas lágrimas, guardo a carta de volta no envelope e a coloco dentro da bolsa.

Olho para as flores que estão aqui. Tão lindas e tão puras. Pego o vaso nos braços e vejo como é pesado. Pensar no esforço que André fez ao trazê-las para mim fez meus olhos marejarem mais uma vez.

Caminho até a porta e apago a luz da sala. Eu preciso ir para casa vê-lo e o trabalho eu posso terminar amanhã. Me despeço da Karina e vou para o elevador.

A cada vez que eu penso na carta e nas flores, mais lágrimas surgem. Eu não consigo parar de pensar no André e em todo sacrifício que fez por mim e por nós.

Desço do elevador no estacionamento do prédio e vou em direção ao carro. Coloco as flores com cuidado no banco de trás e dirijo rumo a minha

casa. O coração parece saltar para fora do meu peito de tanta ansiedade em chegar.

O meu futuro depende disso.

A minha vida depende disso.

E o meu André está me esperando chegar em casa. Eu só tenho a agradecer a Deus por tudo estar finalmente dando certo.

Capítulo 47

André

Desde que cheguei em casa, estou inquieto. Ando de um lado para o outro dentro do apartamento sem saber o que fazer. A ansiedade é muito grande e eu sei que a qualquer momento minha esposa pode entrar por aquela porta e mudar minha vida para sempre.

Sento no sofá e ligo a TV, mas só passo canais e mais canais sem nem mesmo olhar para a tela. Meu Deus! Sinto que vou explodir a qualquer momento. Minhas mãos estão tremendo muito e eu não consigo sequer pensar com clareza.

Acho que até meu gato percebeu minha inquietação, porque pulou em cima do sofá se esfregando na minha perna pedindo carinho. Ele é o ser mais folgado e carinhoso do mundo, e brincar com ele por alguns minutos me distraiu um pouco do meu colapso; bem pouco.

Eu dou um pulo do sofá e assusto o Fred quando ouço alguém batendo na porta. Quem será uma hora dessas? Tudo o que eu não quero agora é ver outra pessoa que não seja a Cris.

Caminho em direção à porta e olho através do olho mágico. Quando vejo que ela está do outro lado, sinto meu coração pular. Pelo visto ela não conseguiu abrir a porta sozinha por causa das flores que estava carregando. Destranco a porta e giro a maçaneta e vejo uma imagem da minha esposa que faz meu coração se apertar. Ela segura o vaso de flores nos braços e me olha com os olhos marejados e isso faz com que eu derrame lágrimas também.

Pego o vaso das mãos dela e coloco em cima da mesa. Pelo canto do olho a vejo entrando e fechando a porta atrás de si. Ajeito as flores adiando um pouco o que vem a seguir, mas não resisto e me viro puxando-a para um abraço. O abraço mais intenso que já tivemos em toda nossa vida.

Eu abaixo a cabeça e sussurro em seu ouvido:

— Me perdoa?

Ela assente com a cabeça e eu a aperto ainda mais junto a mim, fazendo com que aquele momento se prolongue, quem dera, pela eternidade.

Eu não sei quanto tempo ficamos abraçados em silêncio, mas eu sinto suas lágrimas molhando minha camisa e tento confortá-la dando o meu melhor. Eu me afasto e pego seu rosto úmido em minhas mãos. Me inclino até nossas bocas se tocarem. Espero um tempo, aguardando por sua permissão. Então ela abre os lábios e eu a beijo. Beijo com toda delicadeza que ela merece e com toda força que vem de dentro do meu coração. Beijo com toda minha alma, com todo meu espírito, e essa foi a forma mais doce em que eu pude lhe dizer o quanto a amo e o quanto preciso dela na minha vida.

Depois de alguns minutos beijando a minha esposa, eu me afasto e a encaro profundamente. Eu olho no fundo dos seus olhos e vejo a pessoa com quem eu irei passar o resto da minha vida. Por trás dos seus olhos, eu vejo sua alma, sua glória, sua essência e tudo aquilo que fez com que eu me apaixonasse no primeiro dia que a vi e continuo me apaixonando cada vez mais.

Abaixo os olhos e pego sua mão com delicadeza, a conduzindo até o nosso quarto. Meu coração ainda está disparado e minha respiração irregular, pois há muito tempo eu espero por esse momento.

Sentamos em silêncio ao pé da cama e começamos a nos beijar. Dessa

vez o beijo é mais urgente, mais sedento. Eu posso perceber nossa respiração mais pesada.

Me afasto de seus lábios com relutância para descer até seu pescoço. Eu vou mordiscando e beijando, e sinto sua pele se arrepiando a cada toque meu. Desço até seu ombro e abaixo a alça da sua blusa, beijando seu colo. Sinto sua respiração pesar mais a cada movimento e estou enfrentando uma batalha interior para não possuí-la imediatamente, pois esse momento tem que ser inesquecível.

Levanto seus braços e passo sua blusa por eles, retorno beijando seu colo e descendo aos seios. Paro para desabotoar o sutiã que revela os seios mais lindos que já vi. Como senti falta de tocá-la dessa maneira. Seu corpo parece ter ficado mais lindo com o tempo. Beijo seus seios, mordiscando os mamilos e sinto um gemido contido brotar em sua garganta. Ouvir esse som quase me faz perder a cabeça. Me afasto dela só para tirar a minha camisa e vejo um sorriso tímido brotar em seus lábios ao tocar meu peito.

Volto a beijar sua boca, descendo para o pescoço e subindo de novo. Vou repetindo esse movimento e descendo minhas mãos até o fecho de sua calça. Abro o botão e desço o zíper com as mãos trêmulas, mal contendo minha ansiedade. Abaixo a calça dela e passo pelas pernas, que logo faz o mesmo comigo.

Eu a puxo em um abraço e a deito na cama. Junto todas as minhas forças para tirar com delicadeza a única peça de roupa que ainda nos resta e me deito por cima dela.

Por alguns minutos nossos corpos ficam entrelaçados e nos beijamos de novo, de novo e de novo. Mas quando abro os olhos, vejo no reflexo dos dela que ela está ansiando pelo mesmo que eu, então, suavemente, começo a me introduzir dentro dela. Entro devagar e quando chego ao fundo, sinto suas

unhas cravando minhas costas. Nossos corpos assumem um ritmo suave e constante de amor e prazer. Após algum tempo o ritmo aumenta e eu sinto nossa fúria, mágoa e sede pelo outro, por tudo que passamos juntos e por tudo o que ainda está por vir; e no momento mais intenso eu explodo e a vejo se contrair em espasmos junto a mim.

Me deito virado para cima e ela se aconchega em meu peito. Que saudade de senti-la assim. Fico brincando com seus cabelos e ela se aninha ainda mais em meus braços. Viro para o lado, para ficar de frente para ela e olhando no fundo dos seus olhos, sussurro:

— Eu te amo tanto, tanto... — Continuo mexendo em seus cabelos, quando a vejo suspirar e erguer o olhar para mim.

— Eu também te amo muito, meu amor. Obrigada por tudo.

Então a aperto com força em meus braços e ficamos assim juntos por um longo momento. Não sei dizer se passaram minutos ou horas, mas não estávamos preparados para nos soltar dos braços do outro. Não agora, e nem sei por mais quanto tempo precisaríamos ficar assim, e com a certeza de que tudo daria certo, adormecemos.

Capítulo 48

Cristina

Eu vejo a claridade entrando pela janela, mas não faço ideia de que horas são. Hoje não preciso acordar cedo, pelo menos não agora. Preciso aproveitar cada segundo ao lado do meu grande amor.

André continua em sono profundo e eu não quero sair dos seus braços, nem agora, nem nunca mais. E essa felicidade faz meu peito doer, pois me faz lembrar o meu avô. Ele torceu tanto para que nos acertássemos e sempre acreditou em nós. Lembrar dele agora faz com que uma lágrima solitária caia. Eu daria tudo para poder vê-lo pelo menos mais uma vez e contar a ele tudo que estou sentindo agora, mas sei que de onde está ele pode me ver. Sei que ele está feliz por finalmente tudo ter dado certo entre nós e que está orgulhoso de mim.

Eu sempre vou me lembrar de todas as palavras que meu avô me disse em nossos momentos juntos e vou me esforçar diariamente para que ele tenha orgulho de mim. Eu devo isso a ele; devo minha felicidade a ele, pois se eu sou o que sou hoje, foi pelo esforço e o amor dele por mim.

A batalha finalmente chegou ao fim e tudo que eu posso dizer é que valeu a pena. Valeu a pena ouvir seus conselhos; valeu a pena confiar; valeu a pena esperar; valeu a pena ouvir meu coração; valeu a pena todo esforço, toda luta. Pois no final, a recompensa é essa. Estou nos braços do homem que eu amo e que eu escolhi para viver o resto da minha vida.

Então eu sinto a brisa chegando e balançando meus cabelos. A janela

está fechada, mas sei que essa brisa não vem de fora; é aquela que enche o meu coração da certeza de que ele continua presente. Para todo sempre.

Epílogo

Cristina

Estou preparando o jantar enquanto observo pela janela o meu filho brincando no quintal com nosso cachorro Max. Pouco antes do nascimento do João, nós nos mudamos para uma casa maior e mais aconchegante, só então André realizou seu sonho de ter um cachorro grande, porque agora temos espaço. Max é um Golden Retriever caramelo muito brincalhão. Nunca vi um cão tão dócil como ele. Ele ama brincar de bola com o João e atazanar a vida do Fred.

João Lucas é uma linda criança de cinco anos. Ele foi a melhor coisa que aconteceu nas nossas vidas. Veio para curar de vez todas as nossas feridas e reafirmar ainda mais o que sentíamos um pelo outro. Mesmo depois de tantos anos, nosso casamento tem se fortalecido ainda mais e sou muito grata a Deus por isso.

Eu sempre gostei do nome Lucas e sempre soube que esse seria o nome do meu filho um dia. Porém, não podia deixar de homenagear uma pessoa tão importante na minha vida como meu avô - continuo sentindo a dor da sua ausência todos os dias - por isso me orgulho tanto de chamá-lo assim. E por incrível que pareça, ele tem algumas características em sua personalidade muito parecidas com a do bisavô, o que me enche de orgulho.

Hoje é um dia especial, por isso estou preparando o jantar com todo carinho. Tirei o dia de folga para organizar algumas coisas em casa e poder fazer tudo com calma. Hoje é nosso aniversário de casamento e desde que o João chegou, comemoramos sempre nós três. Nosso filho fica extremamente

feliz por poder participar desse momento conosco e ainda mais por ver que seus pais são tão felizes juntos.

Entretida em meus pensamentos, sinto Fred se enroscando em minha perna com seu miado rouco.

— Oi, Fred.

Olho para o relógio no canto da parede e vejo que são dezenove horas, já está na sua hora de comer e André já deve estar quase chegando.

Abro a porta do armário debaixo da bancada da cozinha, pego o pacote de ração de gatos e despejo um pouco no comedouro dele. Fred vem todo feliz encostando o rabinho na minha canela e começa a comer com aquela tranquilidade que só os gatos têm.

Quando me levanto para voltar à bancada, ouço o barulho do portão da garagem se abrindo e logo vejo os faróis do carro iluminando os fundos da nossa casa. Desde o acidente, André nunca mais quis subir em uma moto de novo e por isso a trocou por um carro.

Continuo na cozinha quando ouço João sair correndo em direção aos braços do pai.

— Papai! Que bom que você chegou. Hoje é dia de jantar especial, você sabia?

André ri enquanto segura nosso filho em um braço e seu paletó e a pasta de trabalho no outro.

— Sabia sim, filho. — Diz enquanto beija o topo da sua cabeça.

— Mamãe está fazendo nossa lasanha favorita! — João ri e estica os braços envolvendo o pescoço do pai.

Vejo que estão rindo e conversando sobre algo que não posso ouvir daqui. Eles são tão lindos. André tem se mostrado um excelente pai e eu sei

que não poderia ter escolhido alguém melhor. Eu poderia ficar o resto da minha vida olhando esses dois juntos e nunca me cansaria.

— É melhor você voltar a brincar com o Max, filho. Ele está te esperando com a bola. — André desce João do seu colo e o vê correndo na direção de Max para continuar sua brincadeira.

Ele dá a volta na casa e entra pela porta lateral da cozinha, colocando seu paletó, sua pasta e a chave do carro na mesa de canto. Desabotoa as mangas da camisa social e afrouxa a gravata enquanto caminha em minha direção, o olhar visivelmente cansado de uma semana exaustiva de trabalho.

Ele chega por trás de mim me abraçando pela cintura e me dá um beijo no pescoço que faz meu corpo arrepiar em frações de segundo.

— Oi, amor. Feliz aniversário de casamento. — Diz enquanto traça uma linha de beijos do meu ombro até a orelha. Eu sempre me derreto toda com o menor de seus toques.

Viro para ficar de frente para ele e poder olhar no fundo dos seus olhos. Ele me lança aquele sorriso que ainda é capaz de esmagar meu coração.

— Parabéns, meu amor. Como foi seu dia?

A essa altura já estou com os braços envolvendo seu pescoço e beijando seus lábios com delicadeza.

Ele suspira quando nossos lábios se separam por um momento.

— Cansativo, mas bom. Finalmente chegou a sexta-feira. — Mais uma vez me lança aquele sorriso arrebatador. — E nossa princesa, como está? — Ele coloca as duas mãos na minha barriga de cinco meses e a olha com ar apaixonado.

— Está ótima, amor. Hoje está um pouco quieta, não a vi se mexendo ainda. Acho que passou o dia todo dormindo. — Digo sorrindo, enquanto o vejo se ajoelhar para dar um beijo na ponta da minha barriga.

— Oi, meu amor. O papai chegou. — Enquanto ele diz essas palavras, sinto nosso bebê chutando com vontade dentro de mim.

Ele ri, sentindo o que eu acabei de sentir e então abre o sorriso mais bobo do mundo.

— Estava com saudades do papai, não é? Eu amo muito você, princesa.

André dá mais um beijo na minha barriga e se levanta, ficando com as mãos na minha cintura.

— O jantar ainda vai demorar a ficar pronto?

— Não muito, estou colocando no forno agora. Só esperar que asse.

— Então dá tempo de eu tomar um banho antes, certo?

— Claro que sim. — Respondo, recebendo um beijo rápido nos lábios e logo o vejo se virando para o corredor de casa.

— André? — O chamo antes que ele saia da cozinha.

— Sim? — Ele se vira para mim.

— Pode levar o João com você? Ele está brincando com o Max desde cedo e está todo suado.

— Claro, amor. Vou chamá-lo.

— João! — O vejo chamando nosso filho da porta da cozinha.

Em segundos meu pequeno chega, enxugando o suor da testa.

— Sim, papai.

— Vamos subir para tomar banho? Você já brincou demais com o Max hoje.

Ele começa a fazer um bico como se fosse contestar e André não o deixa falar.

— Sem banho você não vai comer a lasanha da mamãe.

João olha para o pai e bufa, derrotado.

— Está bem.

Então vejo o André conduzindo sua miniatura ao andar de cima. João é extremamente parecido com o pai, os traços do rosto são os mesmos e os cabelos lisos são do mesmo tom de loiro. A única diferença são os olhos, que são azuis, da mesma cor dos de meu avô. Meu filho é um menino maravilhoso e me encho de orgulho toda vez que olho para ele.

Há cerca de um ano atrás, André e eu decidimos ter mais um filho. João sempre nos pediu um irmão e não vimos motivo para não dar isso para ele. Quando o amor é demais, ele transborda e multiplica. E é assim que eu e meu marido temos nos sentido desde o dia que ele chegou ao meu escritório com aquele vaso de flores. A partir daquele momento, tudo mudou.

André tem sido o melhor companheiro do mundo. Sempre muito carinhoso, tem colocado nosso casamento e nossa família acima de tudo na sua vida e eu nem sei como agradecê-lo por isso. Eu não guardo mais nenhuma mágoa do período turbulento da nossa vida, mas sinto que todos os dias ele ainda busca me compensar pelos erros do passado, se tornando uma pessoa melhor a cada dia.

Eu não sabia que seria capaz de amar uma pessoa ainda mais a cada dia, mas é exatamente assim que me sinto com ele. Quando penso que meu amor já chegou ao limite, ele me surpreende e me faz amá-lo ainda mais. Eu o amo tanto que chega a doer.

Estou sentada na mesa da cozinha, enquanto espero o jantar ficar pronto e meus meninos terminarem o banho. Já montei a mesa da sala de jantar, à altura da ocasião. Eu cheguei a pensar em fazer um cardápio mais sofisticado, mas provavelmente o João não iria gostar e como ele e o pai são obcecados pela minha lasanha, eu decidi os agradar mais.

Ouço o som dos dois descendo as escadas e quando vejo, chegam até mim os homens mais lindos desse mundo. Posso sentir o cheiro do perfume deles a distância, e pelo que percebi, meu filho convenceu o pai a usar o perfume dele mais uma vez. Ele adora o perfume do pai, na verdade ele ama tudo que vem do André. É lindo ver o orgulho que tem dele.

Eu me levanto para ir ao encontro deles e vejo que João está de cabelos molhados e penteados de lado, usando uma bermuda marfim e camisa gola polo azul marinho que destacam a cor de seus olhos, deixando-o simplesmente maravilhoso. André veste uma bermuda jeans na altura dos joelhos e camisa de botão cor caramelo, dobrada até os cotovelos. Seu cabelo está jogado para trás de uma forma meio bagunçada, o que dá um charme maravilhoso. Os dois me dão um longo sorriso cúmplice.

O primeiro a vir até mim é o João, que me estende um embrulho dourado preso com um laço de fita vermelha. Antes mesmo que eu possa abrir, ele já está pulando com os olhos vidrados, o que enche meu coração ainda mais de alegria. Retiro o laço com cuidado e puxo o presente do embrulho. Quando vejo, tenho em mãos um desenho emoldurado feito pelo meu filho. Meus olhos se enchem e não consigo conter as lágrimas, pois é a coisa mais linda que ele já fez para mim. O desenho tem seus traços imperfeitos de criança, o que o deixa ainda mais perfeito do que é. Nele tem uma casa amarela, da mesma cor da nossa, e ao lado dela, tem o que representa seu pai, de mãos dadas comigo, e no meio da minha barriga ele desenhou um coração; ao meu lado ele fez o desenho de si mesmo segurando a minha outra mão. Fez também o Fred e o Max.

Quando termino de olhar para o desenho, estou em meio às lágrimas e ele me olha todo orgulhoso.

— Obrigada, filho. É maravilhoso! — Abaixo para abraçá-lo forte e dou-lhe um beijo no rosto.

Ele me retribui com o beijo molhado mais gostoso que existe nesse mundo.

— De nada, mamãe. Feliz aniversário de casamento.

Aperto-o mais um pouco e digo o quanto eu o amo em seu ouvido. Eu não tenho palavras para expressar o tamanho da minha felicidade agora.

— Agora é a minha vez. — Olho para cima e vejo o André me estendendo a mão com uma caixinha de veludo.

Eu me levanto e pego o presente de suas mãos, enquanto lhe lanço um olhar curioso. Vejo que está sorrindo daquele jeito de novo.

Tiro o laço que envolve a caixa e a abro com cuidado. Lá dentro tem uma pulseira de ouro bem delicada com três pingentes. Retiro-a devagar e trago para vê-los de perto. São três corações do mesmo tamanho e são trabalhados de uma forma tão linda que mais uma vez não consigo segurar minhas lágrimas. No verso de cada coração tem um nome. No primeiro está gravado João Lucas. No segundo, simplesmente André. E então meu coração se acelera quando chego ao terceiro, pois estou muito ansiosa para saber.

Nossa princesa ainda não tinha nome, porque André queria escolher sozinho e me disse que na hora certa eu saberia. Ainda com os olhos marejados, eu viro o último pingente da pulseira para ver o nome que está gravado e sinto meu coração parar quando vejo: Helena.

Helena de Tróia é a minha personagem favorita dos livros. Sou apaixonada por essa história, e ver que o André se lembrou disso me emocionou ainda mais.

— E então... gostou? — Ele me olha com curiosidade.

— Obrigada, amor. Eu amei! É o presente mais lindo que já recebi na vida e eu estou simplesmente apaixonada pelo nome da nossa filha.

O abraço apertado e enterro minha cabeça em seu peito, dizendo várias

vezes o quanto eu o amo.

Ele continua me abraçando forte e beija os meus cabelos. Abaixa sua cabeça e sussurra em meus ouvidos.

— Eu te amo mais, amor. Muito mais. Amo vocês três.

Então me aperta com força e eu perco a noção do tempo, até sentir o João me cutucando.

— Já podemos jantar, mamãe?

Com relutância, me separo dos braços do meu marido e olho para nosso primeiro amor.

— Claro, meu amor. Já vou tirar do forno.

Antes que eu me vire em direção ao fogão, João chama a minha atenção novamente.

— E qual vai ser o nome da minha irmãzinha?

— Helena. — Seu pai responde por mim. Esse nome soa de uma forma tão linda de seus lábios, que me faz sorrir.

Meu filho dá uns passos em minha direção e coloca as mãos e o ouvido na minha barriga, como se fosse escutar sua irmã lá dentro.

— Oi, Helena, eu sou seu irmão. — Então dá um beijo na minha barriga e me abraça.

Não consigo conter minhas lágrimas que não param de cair. Olho para o André, que está sorrindo todo bobo com os olhos brilhando. Ele vem até nós e nos abraça também. Então ficamos os três, ou melhor, os quatro, abraçados. A certeza de que a minha vida agora está completa, inunda meu coração da forma mais pura, juntamente com a certeza de que ficaremos assim, juntos, por todo sempre.

Olho para minha família ao meu redor e então olho para o céu e sorrio.

— Obrigada, vô.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu esse dom e por me permitir realizar esse sonho.

À minha parceira de todos os dias, Flávia Kalpurnia, que acompanhou cada linha que foi escrita, fazendo suas críticas e me dizendo que eu iria conseguir; sem você nada disso teria acontecido.

Ao Anderson por ter feito essa capa maravilhosa do jeitinho que eu sonhei e por todas as palavras de apoio durante esse trajeto.

À Michelle Passos, pessoa tão querida, que acreditou em mim e deu sua grande contribuição para que essa obra ficasse perfeita, obrigada pela paciência comigo, amiga!

Michelle Mariani, que chegou por último e pegou a obra já finalizada, e quis me matar por tê-la feito sofrer tanto, seu carinho e apoio foram fundamentais para mim!

À Becca, um anjo que caiu do céu em forma de revisora, que além de ter feito seu trabalho de forma impecável, contribuiu (e muito) para o crescimento da história.

Vocês são pessoas maravilhosas!

Ao Ricardo, instrutor de Pilates e amigo, que me deu várias dicas enquanto fisioterapeuta, sobre os tipos de fratura e tratamentos que eu poderia encaixar ao acidente do André, sua ajuda foi extremamente valiosa.

À Malu, que tirou algumas dúvidas minhas enquanto médica, quando

nem mesmo o Google pôde me ajudar na minha pesquisa.

Às minhas amigas Fofoqueiras Literárias, Carol, Anna, Cris e Ingrid, que me incentivaram a continuar nesse sonho. Em especial à Ingrid, que como arquiteta, me ajudou a criar algumas cenas nessa história; e à Cris que ficou super eufórica por ganhar uma protagonista com seu nome e me deu o maior incentivo para eu lançar esse livro.

Às minhas amigas, também da vida literária, Carol e Michele, que me acompanharam nessa batalha e sempre me deram as palavras de apoio, me incentivando a persistir.

Também nesse meio literário, não posso deixar de agradecer minhas queridas amigas do Vale do Aço Literário que tornaram muito mais especial essa conquista.

A todos aqueles que, mesmo indiretamente, contribuíram com a realização desse sonho, me dando apoio e fazendo eu me sentir capaz.

Ao meu avô João, que mesmo não estando presente para me ver realizar esse sonho, sei que de onde está, está feliz por mim, e espero de coração que tenha gostado dessa homenagem. Sinto sua falta todos os dias!

Comecei a escrever essa obra um mês depois de seu falecimento e na ideia original, o personagem inspirado nele não existia. Então passado um mês, lendo um livro da Carina Rissi, tive esse estalo. Por que não? Criei esse personagem tão amável inspirado em meu avô e que se tornou extremamente importante nessa história.

A ideia original desse livro tinha sido escrita há cerca de sete, oito anos e foi abandonada. Depois de tanto tempo resolvi retomá-la, mas não aproveitei uma linha sequer do que eu já havia escrito. A primeira ideia tinha partido para o caminho do divórcio, mas isso não condiz com aquilo que acredito, então optei pelo caminho mais difícil, e espero ter conseguido

deixar a mensagem que queria.

Agradeço também aos meus pais, que durante todo o processo de escrita não ficaram sabendo do livro, pois queria surpreendê-los. Mas tudo que eu sou devo a eles, então é impossível deixá-los de fora. Espero que tenha deixado vocês orgulhosos.

E por último, e muito mais importante, ao amor da minha vida, Juliano. Aquele que me incentivou todos os dias para eu conseguir e que mesmo lendo apenas o Prólogo, sabe que ficou incrível. Obrigada por sair de casa quando eu queria escrever ou me deixar sozinha nos meus momentos de criação. Obrigada por me respeitar e acreditar no meu sonho, quando eu mesma não acreditava. Obrigada por simular um acidente de moto comigo para que eu conseguisse escrever o Prólogo, me ajudando a deixar a história ainda mais incrível.

A todos os familiares e amigos que, mesmo não tendo ciência desse projeto, me mandaram energias positivas simplesmente por estarem ao meu lado me desejando o bem.

Sem vocês nada disso teria acontecido.

O meu muito obrigada!

Siga Fernanda Santana nas redes sociais

Insta: @bibliotecamagicadafe

Email: autora.fernandasantana@gmail.com

Face: @autorafernandasantana